

Sandra Mara Santa Barba Miranda

**O Segredo Ainda é a Alma do Negócio?
Uma Análise do Discurso de Home Pages de Serviços Nacionais de
Inteligência**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Letras do Departamento de Letras da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Orientadora: Profa. Barbara Jane Wilcox Hemais

Rio de Janeiro
25 de agosto de 2006

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

Sandra Mara Santa Barba Miranda

**O Segredo Ainda é a Alma do Negócio?
Uma Análise do Discurso de Home Pages de Serviços Nacionais de
Inteligência**

Dissertação apresentada como requisito parcial
para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de
Pós-graduação em Letras do Departamento de
Letras do Centro de Teologia e Ciências Humanas
da PUC-Rio.

Profa. Dra. Barbara Jane Wilcox Hemais
Orientadora
Departamento de Letras – PUC – Rio

Profa. Violeta Quental
Departamento de Letras – PUC – Rio

Profa. Gisele Carvalho
Departamento de Letras – UERJ

Prof.Dr. Paulo Fernando Carneiro de Andrade
Coordenador Setorial do Centro de Teologia e
Ciências Humanas– PUC – Rio

Rio de Janeiro, 25 de agosto de 2006

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, da autora e do orientador.

Sandra Mara Santa Barba Miranda

Graduou-se em Letras / Português-Inglês pela USP em 1996. Cursou a Especialização *latu-sensu* em Língua Inglesa na PUC-Rio em 2003.

Ficha Catalográfica

Miranda, Sandra Mara Santa Barba

O segredo ainda é a alma do negócio? : uma análise do discurso de home pages de serviços nacionais de inteligência / Sandra Mara Santa Barba Miranda ; orientadora: Bárbara Jane Wilcox Hemais. – 2006.

128 f. : il. (col.) ; 30 cm

Dissertação (Mestrado em Letras)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

Inclui bibliografia

1. Letras – Teses. 2. Serviços de inteligência. 3. Web page. 4. Multimodalidade. 5. Discurso institucional. I. Hemais, Bárbara Jane Wilcox. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Letras. III. Título.

Dedico este trabalho a minha querida mãe
Romilda Dourado Santa Barba *in memoriam*.

Agradecimentos

A Deus, em primeiro lugar, por haver me dado a oportunidade e o sustento de toda ordem para a realização deste trabalho.

À Professora Barbara Hemais pela orientação, disponibilidade e paciência.

À Pontifícia Universidade Católica pelos subsídios graciosamente cedidos.

À Agência Brasileira de Inteligência, em especial, aos meus superiores Clóvis Frainer e Joubert Martins, por haverem me possibilitado cumprir horário diferenciado de trabalho para cursar as disciplinas obrigatórias do programa de mestrado. Agradeço-lhes também por deferirem meu pedido de licença para conclusão deste trabalho.

A meus irmãos e irmãs queridos, Paulo, Lucy, Luís e Virgínia pelo apoio incondicional.

A meu pai, Moacir Santa Barba, pelo estímulo e amor desde sempre.

A meu esposo amado, ajudador idôneo, pelo interesse em meu trabalho, incansável incentivo e consolo nas horas difíceis.

Resumo

Miranda, Sandra Mara Santa Barba; Hemais, Barbara Jane Wilcox. **O segredo ainda é a alma do negócio? - Uma análise do discurso de home pages de serviços nacionais de inteligência.** Rio de Janeiro, 2006, 128 p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Os serviços nacionais de inteligência são instituições que, tradicionalmente, têm se fechado ao escrutínio público e cujas atividades são cercadas por certo mistério. Este trabalho investiga a página inicial (*home page*) na internet de três serviços nacionais de inteligência: o turco, o italiano e o australiano. A análise das páginas discute o discurso institucional dos serviços em duas esferas: a verbal e a visual. A análise verbal focaliza a declaração de missão/lema dessas instituições e a análise visual contempla as imagens e o *layout* das páginas como um todo. Como suporte teórico para a análise verbal, utiliza-se a gramática funcional de Halliday (1994). Já a análise visual se fundamenta na teoria da multimodalidade de Kress e van Leeuwen (1996). O estudo sugere que, embora a presença dos serviços nacionais de inteligência na internet possa parecer, à primeira vista, uma mudança de postura de relacionamento para com o público em geral, muito pouco é dito acerca de princípios, objetivos específicos ou métodos de atuação pelos quais se pautam essas instituições.

Palavras-chave

Serviços de inteligência, *web page*, multimodalidade, discurso institucional.

Abstract

Miranda, Sandra Mara Santa Barba; Hemais, Barbara Jane Wilcox (Advisor). **Is secrecy still the soul of business? - A discourse analysis of national intelligence services' home pages**. Rio de Janeiro, 2006, 128 p. Msc. Dissertation – Departamento de Letras, Pontificia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

National intelligence services are institutions which have traditionally avoided public scrutiny and whose activities have been clothed in some mystery. This study investigates the home page of three national intelligence services: the Turkish, the Italian and the Australian. The analysis examines two aspects of the institutional discourse of the services: the verbal and the visual. The verbal analysis centers on the institutional mission statement/motto and the visual analysis focuses on images and layout of the pages as a whole. The verbal analysis is based on Halliday's functional grammar (1994) and critical discourse analysis. The verbal analysis draws on Kress and van Leeuwen's theory of multimodality (1996). The results suggest that, although the presence of national intelligence services on the internet may seem to be a step forward toward a more transparent relationship with the general public, very little is actually said about specific principles, objectives and modus operandi these institutions guide themselves.

Key words

Intelligence services, web page, multimodality, institutional discourse.

Sumário

1. Introdução	11
1.1. Os serviços de inteligência na internet	13
1.2. A Atividade de Inteligência	14
1.3. A Guerra Fria e os Serviços de Inteligência	15
2. Fundamentação teórica	18
2.1. A gramática funcional de Halliday	18
2.1.1. A oração como representação	20
2.1.2. A oração como mensagem	24
2.1.2.1. Tema marcado e tema não-marcado	26
2.1.2.2. Tema múltiplo	26
2.1.2.3. O tema em complexos oracionais	27
2.1.3. A oração como troca	30
2.2. Análise do discurso institucional	30
2.3. Teoria da multimodalidade	31
2.3.1. A metafunção textual	32
2.3.2. A metafunção ideacional	36
2.3.3. A metafunção interpessoal	37
3. Metodologia	40
3.1. A composição do corpus	40
3.2. O recorte do corpus	43
3.2.1. A seleção das páginas	43
3.3. A análise das páginas	46
3.3.1. A análise verbal	46
3.3.2. A análise visual	47
4. Análise da página inicial do serviço de inteligência turco	49
4.1. Análise verbal do lema	50
4.1.1. Análise temática	50
4.1.1.1. O tema	50
4.1.1.2. O rema e as escolhas lexicais	51
4.2. Análise visual da página turca	54
4.2.1. O uso da moldura	55
4.2.2. A bandeira turca	56
4.2.3. O retrato de Atatürk	58
4.2.4. O emblema do MIT	60
5. Análise da página inicial dos serviços de inteligência italianos	65
5.1. Análise verbal do “lema”	66
5.1.1. Análise temática	68
5.1.1.1. Macroanálise temática	68
5.1.1.2. Microanálise temática	70

5.2. Análise visual da página italiana	75
5.2.1. A faixa azul no topo da página	76
5.2.2. Análise ao longo do eixo horizontal	78
5.2.2.1. O lado esquerdo da página italiana	79
5.2.2.2. O lado direito da página italiana	82
5.2.3. Análise ao longo do eixo vertical	84
5.2.3.1. A parte superior da página italiana	85
5.2.3.2. A parte inferior da página italiana	86
6. Análise da página inicial do serviço de inteligência australiano	88
6.1. Análise verbal do texto	89
6.1.1. Macroanálise temática	91
6.1.1.1. Análise do primeiro parágrafo	94
6.1.1.2. Análise do segundo parágrafo	96
6.1.1.3. Análise do terceiro parágrafo	101
6.2. Análise visual da página australiana	108
6.2.1. O preto	108
6.2.2. O layout do texto e a organização da informação	110
7. Considerações finais	114
7.1. A página turca	114
7.2. A página italiana	117
7.3. A página australiana	119
8. Referências bibliográficas	123
Anexo – Endereços eletrônicos dos serviços de inteligência, organizados alfabeticamente por país (disponíveis em agosto/2006)	125

Lista de Figuras e Ilustrações

Figura 1 – Exemplos de distribuição do valor da informação ao longo do eixo horizontal	33
Figura 2 – Exemplos de distribuição do valor da informação ao longo do eixo vertical	34
Fig 3 – Exemplos de molduras (linhas divisórias implícitas e explícitas em uma imagem)	35
Fig 4 – Exemplo de vetor	36
Figura 5 – Bandeira turca	57
Figura 6 – O crescente e a estrela inclinados, apontando para o emblema e para a parte superior da página turca	57
Figura 7 – Os seis componentes do emblema turco	60
Figura 8 – Moldura que divide o emblema turco ao meio	61
Figura 9 – A página italiana dividida em 4 campos	77
Figura 10 – Os 4 campos divididos ao longo do eixo horizontal (lado esquerdo e direito)	78
Figura 11 – Os 4 campos divididos ao longo do eixo vertical (parte superior e inferior)	84
Figura 12 – o movimento do texto do primeiro para o segundo parágrafo, aproximando o leitor	98
Figura 13 – as linhas pontilhadas que emolduram o texto na horizontal e vertical	110
Figura 14 – a gradação da informação no texto, partindo da informação de cunho geral para a de cunho específico.	112
Ilustração 1 – Home page do Serviço de Inteligência turco	49
Ilustração 2 – Home page dos Serviços de Inteligência italianos	65
Ilustração 3 – Home page do Serviço de Inteligência australiano	88

1

Introdução

A Lingüística Aplicada, desde há algum tempo, tem demonstrado interesse pelo discurso fabricado em ambientes institucionais e burocráticos. O grande número de publicações investigando o discurso pedagógico, o discurso médico, o discurso legal, o discurso político e o discurso corporativo, dentre outros, sinaliza, para leigos e acadêmicos, a necessidade e a relevância prementes de um melhor entendimento dos diversos discursos institucionais (Chimombo, 1997). A maior parte desses estudos focaliza relações assimétricas de poder entre participantes em uma interação ou coloca em evidência os mecanismos pelos quais as ideologias se impõem a ouvintes e leitores.

No entanto, há uma outra vertente dos estudos de discurso institucional que se debruça sobre a relação entre discurso e a instituição propriamente dita, que busca destrinchar como o discurso de uma instituição revela ou reflete sua cultura e seus valores. Gunnarsson (2000), por exemplo, analisa três grandes bancos europeus a partir de seus discursos escritos e falados e conclui que o discurso de cada organização reflete, a um só tempo, tanto os valores cultivados por essas organizações internamente, quanto os valores culturais da nação em que estão sediados. Swales e Rogers (1995), por sua vez, examinam como as empresas projetam sua cultura corporativa por intermédio do gênero *declaração de missão* (mission statement).

Um outro foco da pesquisa aplicada que recentemente tem ganhado espaço é o estudo dos chamados gêneros digitais ou cibergêneros, ou seja, os gêneros textuais utilizados na comunicação mediada pela internet. Marcuschi (2004) analisa a transição dos gêneros tradicionais para os gêneros digitais tais como correspondência eletrônica (e-mail), chats, blogs, entre outros. Um aspecto a ressaltar acerca do trabalho de Marcuschi é o seu entendimento de que a home page (página inicial/página principal) não pode ser considerada um gênero digital, pois, em seu entendimento, a home page seria, meramente, “um ambiente específico para localizar uma série de informações, operando como um suporte e caracterizando-se cada vez

mais como um serviço eletrônico” (Marcuschi, 2004, pp. 25-26). Essa posição é contestada por autores como Shepherd e Watters (1999), para os quais a home page é um exemplo de cibergênero. Em seu artigo, os pesquisadores, inicialmente, defendem a idéia de que os cibergêneros, frutos da união entre computador e internet, podem ser definidos em termos de *conteúdo, forma e funcionalidade* (possibilidades interativas como *browsing*, por exemplo). Em seguida, definem, dentre tantos outros, a home page segundo esse tripé, caracterizando-a, portanto, como um gênero. Araújo (2003), baseando-se em Shepherd e Watters, parte desse pressuposto de que a home page é um cibergênero e faz um estudo descritivo dos elementos que caracterizam home pages corporativas e institucionais. Neste trabalho, nos alinhamos com os últimos autores, entendendo que a home page é um gênero digital, muito embora o cerne da análise das home pages não seja a questão do gênero textual.

Há também trabalhos que conjugam as duas tendências descritas acima e investigam o discurso que organizações e instituições têm veiculado na internet. A título de ilustração, menciona-se o trabalho de Lopes (2000) que realiza um estudo léxico-discursivo das versões em português e inglês de home pages de empresas multinacionais. Uma outra pesquisa nesta linha é apresentada no artigo de Coupland (2003) que discute a identidade e a moralidade de empresas petrolíferas a partir de seus sítios (web sites) na internet.

Este trabalho vem nesta esteira, escolhendo como seu objeto de pesquisa um corpus que combina discurso institucional e gênero digital. Ele examina as páginas iniciais (home pages) de três serviços nacionais de inteligência e tem por objetivo analisar o discurso construído em cada uma delas. Discurso, tal como o entendemos neste trabalho, embora certamente seja um processo que inclui o tradicional texto verbal, não se limita a ele exclusivamente e abarca igualmente o chamado texto visual: as imagens, diagramação, uso de cores e outros elementos visuais presentes nas home pages. Em outras palavras, nesta pesquisa, o foco recai sobre o discurso multimodal, processo que lança mão de vários modos semióticos simultaneamente na produção de um ato comunicativo (Kress & Leeuwen, 2001).

Para estudarmos o discurso multimodal que os serviços de inteligência constroem em sua página web, foi necessário investigar uma variável de crucial

importância para a análise de qualquer discurso: o contexto sócio-histórico em que se inserem estas instituições.

1.1

Os Serviços de Inteligência na Internet

“Dentre todos aqueles que no exército estão próximos ao comandante, ninguém lhe é mais íntimo que o agente secreto; dentre todas as recompensas, nenhuma é mais liberal que aquela destinada aos agentes secretos; dentre todos os assuntos, nenhum é mais confidencial que aqueles relativos às operações secretas”.

Sun Tzu

Os serviços nacionais (ou oficiais) de inteligência, conhecidos popularmente como serviços secretos, são instituições estatais cujas atividades sempre estiveram envoltas em segredo e polêmica.

Ora, a idéia de que órgãos cujas ações possuem sabidamente uma natureza oculta estejam como instituição oficial de governo em um veículo de comunicação com o alcance da Internet causa uma certa estranheza. Tal estranheza é reforçada pela visão estereotipada que grande parte das pessoas possui dessas instituições, resultante de pelo menos duas razões. Primeiramente, há o estigma a elas associado em função de sua atuação desastrosa na história recente de muitos países: perseguição a cidadãos comuns com uso indiscriminado de violência e desrespeito a direitos civis e humanos básicos. Em segundo lugar e no extremo oposto do espectro, encontra-se a maneira glamourosa com que são retratados essas instituições e seus servidores em obras de ficção, como livros e filmes de espionagem.

Em face dessa situação, a adesão de muitos serviços à web parece mesmo ser um pequeno esforço na direção contrária à historicamente adotada. Sendo assim, cabe a pergunta: o que as poderia ter levado a abandonar o anonimato? Para responder a essa questão, é preciso entender melhor o que, em teoria, vem a ser atividade de Inteligência de Estado e as transformações pelas quais ela tem passado nas últimas décadas.

1.2

A Atividade de Inteligência

“(...) Josué, (...), enviou secretamente dois homens como espias, dizendo-lhes: Ide reconhecer a terra, particularmente a Jericó”.

Livro de Josué 2:1

Apesar de tida por muitos como a segunda atividade mais antiga da humanidade, a atividade de Inteligência só começou a ser oficialmente reconhecida no estado moderno no começo do século XX, com a criação de serviços oficiais. Essa inteligência, formalmente instituída, é definida por Abram Shulsky (1991) da seguinte maneira:

Inteligência abrange a coleta e análise de informação de inteligência - informação relevante para a formulação e implementação de políticas governamentais relativas à segurança nacional (. . .). Dessa forma, inteligência como atividade pode ser definida como o componente da luta entre adversários que se ocupa primordialmente de informações.

Assim, os Serviços de Inteligência são os responsáveis tanto pela aquisição do tipo de informação mencionado acima como pelo seu repasse às esferas governamentais diretamente ligadas à segurança nacional. Vale ressaltar, também, que a atividade de inteligência se define em função do inimigo, mesmo que potencial; inteligência se traduz por “conhecimento do inimigo” (Troy, 1991: 433) e se debruça sobre como e por onde pode advir a ameaça à segurança de um país; conseqüentemente, ela perscruta o outro, o suposto e o possível adversários. Para que haja sucesso em empreitadas como essas, pressupõe-se que elas se pautem por sigilo e discrição.

É interessante notar que a definição acima não vincula a atividade de inteligência a nenhum poder de polícia, ou seja, seu objetivo é tão somente assessorar aqueles que elaboram e implementam as políticas de segurança de uma nação.

Um outro aspecto que merece destaque nesta definição é que ela limita a atividade de inteligência à disputa entre países diferentes, ou seja, a busca por conhecimento acerca de assuntos internos a um país não é considerada inteligência de

Estado. É importante ressaltar que essa é apenas um dos entendimentos da doutrina de inteligência, e muitos países ainda consideram que o conhecimento das atividades que se desenrolam dentro de suas fronteiras também se configura como inteligência de Estado.

A atividade de Inteligência, portanto, mostra-se bastante peculiar e controversa em decorrência de sua vinculação direta a questões de segurança nacional e do esquadramento da 'vida alheia'. Não é de admirar que as organizações que dela se ocupam tenham historicamente evitado a exposição pública. Para se ter uma idéia da força desse culto ao sigilo, na Suécia, os cidadãos só vieram a saber que seu governo contava com um serviço nacional de inteligência em 1973, por conta de um escândalo público em que o serviço estava envolvido e, nos Estados Unidos, até recentemente, muito embora fosse de conhecimento público a existência da NSA/National Security Agency (Agência Nacional de Segurança), o governo negava o fato oficialmente (Watts, 2004).

1.3

A Guerra Fria e os Serviços de Inteligência

"O poder tem sempre de ser mantido sob controle; o poder exercido em segredo, especialmente sob a capa de segurança nacional, é duplamente perigoso."

William Proxmire

Ao final da Segunda Grande Guerra, União Soviética e Estados Unidos, que ao longo do conflito haviam sido aliados, tornam-se adversários e dão início ao conflito não armado chamado Guerra Fria. A Guerra Fria coagiu grande parte do mundo a escolher entre o domínio capitalista americano ou o comunista soviético. À época, as chamadas superpotências empenhavam-se em demonstrar seu poderio econômico e tecnológico em empreitadas como a corrida espacial e pela constante ameaça de ataques nucleares. Ao restante do mundo cabia optar por um dos dois lados. Estavam formados os blocos ideológicos. Uma vez feita a escolha, as questões

relativas à segurança nacional de cada país e, por via de consequência, as questões afeitas à sua atividade de Inteligência, estavam definidas e se resumiam a um único foco: neutralizar ou impedir o avanço da ideologia inimiga (Antunes, 2002). Esta foi a tônica da atuação dos Serviços de Inteligência ao longo de aproximadamente quatro décadas.

Este cabo de guerra que dividiu o mundo em dois durante a Guerra Fria deixou marcas nos países em desenvolvimento, estimulando e, muitas vezes, financiando, a ascensão de ditaduras militares ao poder. Os governos ditatoriais, independentemente do bloco ideológico a que estavam alinhados, instalaram, em seus territórios, uma vigilância estatal que não tolerava qualquer forma de oposição. Um dos mecanismos mais usados pelas ditaduras para manter esse estado de coisas foram seus serviços de Inteligência/informação, que agiram como violento aparato repressor, violando direitos e liberdades civis.

Com o fim da Guerra Fria, que culminou na Queda do Muro de Berlim em 1989, uma nova ordem mundial foi instaurada. Nesta nova ordem, o inimigo ideológico cessou de existir e os Serviços de Inteligência precisaram estabelecer novas metas, metas que justificassem e garantissem sua sobrevivência em um mundo globalizado. Por outro lado, o fim da Guerra Fria significou o fim das ditaduras em países emergentes, como o Brasil, alinhado ao Bloco Norte-Americano, e a República Tcheca do antigo Bloco Soviético. A volta da democracia nesses países fez com que os Serviços de Inteligência, anteriormente associados à truculência e perseguição política, passassem por uma reformulação de largo escopo (Antunes, 2002). A tradição democrática determina que as instituições governamentais, quaisquer que sejam, estejam a serviço da sociedade como um todo. Além disso, o ambiente democrático cria instrumentos legais que regulam e controlam a atividade de suas instituições e que exigem a devida prestação de contas por parte das mesmas. Os Serviços de Inteligência não gozam de prerrogativas neste novo cenário.

Face ao rearranjo político-econômico mundial descrito acima, os serviços, por questões inclusive de sobrevivência institucional, viram-se obrigados a estabelecer novos alvos e identificar outros inimigos. As questões de segurança nacional, de forma geral, passaram a ser o crime organizado, a espionagem industrial e econômica

e, sobretudo, com os ataques de 11 de setembro de 2001 nos Estados Unidos, 11 de março de 2004 na Espanha, e de 7 de julho 2005 na Inglaterra, o terrorismo tornou-se uma grande questão para a Inteligência.

A breve discussão até aqui serve como pano de fundo para entendermos o esforço demonstrado por muitos serviços de Inteligência que estão trabalhando para se adaptar aos tempos modernos. Eles, agora, parecem querer angariar o apoio da sociedade que representam e, para tanto, tentam mudar a imagem a que estiveram associados.

Nossa pesquisa, então, conforme já sinalizado, se volta para um índice dessa nova postura: a presença dessas instituições na internet, e examina o discurso da home page de três serviços de inteligência.

A opção por estudar um discurso tão peculiar veio, naturalmente, acompanhada de algumas perguntas que procurou-se responder e testar ao longo da pesquisa. Abaixo listam-se esses questionamentos:

- Qual é o conteúdo e qual é o estilo do discurso com que essas instituições se apresentam em sua home page?
- O que diz o discurso verbal? E o discurso visual? Como se relacionam essas duas esferas? Complementam-se? Repetem-se? Contradizem-se?
- O que efetivamente é dito nessas páginas a respeito da atividade de inteligência?

Nesta Introdução, discutiram-se o propósito e o lugar deste trabalho na área de Lingüística Aplicada. Esta Introdução corresponde ao capítulo 1 dos 7 capítulos em que está organizada esta dissertação. No capítulo 2, descrevem-se as teorias que fundamentam o estudo das home pages. No capítulo 3, descreve-se a metodologia empregada na pesquisa. Nos capítulos 4, 5 e 6, apresentam-se as análises verbais e visuais das três páginas iniciais estudadas, a saber, a turca, a italiana e a australiana, respectivamente. E, no capítulo 7, tecem-se as considerações finais deste trabalho.

2

Fundamentação Teórica

Neste capítulo, faz-se a exposição dos pressupostos teóricos que conduziram esta pesquisa. Tendo em vista que o objeto de estudo deste trabalho são home pages institucionais, páginas web que, neste caso, especificamente, combinam texto escrito e imagens, decidiu-se por analisar texto e imagem separadamente. Buscaram-se então teorias que viabilizassem o que se chamou de análise verbal e análise visual das páginas. Para nortear a análise verbal, recorreu-se a algumas das contribuições trazidas pela análise de discurso institucional e pela gramática sistêmico-funcional. E para a investigação visual das páginas, utilizaram-se aspectos da teoria da multimodalidade. Nas seções abaixo, descrevem-se, primeiramente, as ferramentas empregadas na análise verbal e, em seguida, as ferramentas empregadas na análise visual das home pages.

Com relação à teoria empregada para suporte da análise verbal, faz-se necessário esclarecer que, apesar dos textos verbais analisados nesta pesquisa serem textos escritos em língua inglesa, os exemplos utilizados nas seções que se seguem estão em língua portuguesa. Tal decisão foi tomada em função das semelhanças estruturais das duas línguas no que tange aos conceitos discutidos neste trabalho, especificamente. Acreditamos que essa escolha facilite a compreensão da teoria descrita a seguir.

2.1

A Gramática Funcional de Halliday

A gramática funcional de Halliday é uma abordagem sociosemiótica da gramática cujo princípio básico é o estudo de categorias gramaticais com base em sua função comunicativa e não em sua forma, como é o caso na gramática tradicional. O autor parte do pressuposto de que toda língua disponibiliza, para seus usuários, uma

gama de escolhas em seu sistema (e não estrutura) gramatical; essas escolhas, porém, não são aleatórias e expressam significados específicos em resposta às necessidades de seus usuários em determinado contexto.

Para Halliday, qualquer sistema semiótico é apto a desempenhar três funções primordiais: 1) representar o mundo, a realidade; 2) estabelecer e regular relações entre as pessoas; 3) criar complexos de signos (textos) coerentes e coesos. Essas são as funções que, na nomenclatura Hallidayana, denominam-se metafunção ideacional, metafunção interpessoal e metafunção textual, respectivamente.

Se focalizarmos, especificamente, a linguagem (oral e escrita) como sistema gramático-funcional, poderemos então escrutiná-la à luz das três metafunções mencionadas acima. Halliday toma como unidade básica de análise desse sistema a oração, ou seja, as três metafunções podem ser discernidas na oração.

Em nosso trabalho, apenas duas dessas funções foram utilizadas como ferramentas de estudo. Os textos foram examinados, primordialmente, sob a perspectiva da metafunção textual e, secundariamente, sob a perspectiva da metafunção ideacional. Não se lançou mão da metafunção interpessoal. A escolha por estudar as declarações de missão/lemas com a ajuda de somente duas das metafunções não foi aleatória. Como será possível perceber quando da análise desses textos, a metafunção interpessoal em relação a eles não se mostraria uma ferramenta muito reveladora. Vale adiantar neste ponto, entretanto, que as declarações de missões/lemas são, em sua maioria, textos curtos nos quais as orações têm como verbo principal é o verbo **be** (ser/estar). Essas características (textos curtos e verbo **be**) sugerem uma análise das funções textual e ideacional.

Em razão dessas escolhas, discute-se abaixo apenas a teoria que observa a oração à luz das metafunções ideacional e textual. A metafunção interpessoal é apresentada em linhas gerais, sem observar suas especificidades.

2.1.1

A Oração como Representação

Sob a perspectiva da metafunção ideacional, a oração traduz a percepção que o usuário da língua possui de sua realidade exterior e interior. O significado da oração como representação está ligado ao sistema de transitividade da língua, o qual organiza a experiência (interna ou externa ao usuário) em *processos*, *participantes* e *circunstâncias*, ou seja, a oração como representação identifica que ação é realizada, por quem é realizada e as circunstâncias envolvidas em sua realização.

Os *processos* são então representações lingüísticas das ações que ocorrem no mundo real e, funcionalmente, são categorizados segundo o seu significado semântico: por exemplo, os verbos *fazer* e *pensar* possuem classificações diferentes porque o primeiro descreve uma ação física e o segundo, uma ação mental. Não se recorre à classificação de verbos em aqueles que precisam de complemento e aqueles que o dispensam, tal como ocorre na gramática tradicional. Halliday (1994) discrimina seis tipos de *processo*:

- *material*
- *relacional*
- *mental*
- *verbal*
- *comportamental*
- *existencial*

Nos parágrafos que se seguem, faz-se uma breve descrição de cada uma dessas categorias. Vale destacar que, na análise dos dados, entretanto, lança-se mão apenas do conceito de *processo relacional*, pois, como adiantado anteriormente, um único verbo – desconsiderando-se os verbos na forma infinitiva - aparece nas declarações de missão/lemas dos serviços de inteligência. O verbo **be** (ser/estar), na classificação hallidayana configura o processo relacional.

Processos Materiais

São *processos* que envolvem alguém realizando ações concretas. O participante que realiza a ação é o Ator e aquele/aquilo a quem/a que a ação é dirigida é a Meta. De forma geral, a análise da transitividade de uma oração que contenha um processo material seria: *Ator + Processo Material + Meta + Circunstância*. A oração abaixo é um exemplo dessa estrutura.

Ana	comprou	flores	hoje de manhã
Ator	Pr. Material	Meta	Circunstância

Processos Mentais

Os *processos mentais* são aqueles que representam a percepção que alguém tem de algo e subdividem-se em *cognitivos, afetivos e perceptivos*. O participante que percebe algo é chamado de *Experienciador (Sensor)* e o termo utilizado para aquele/aquilo que é percebido é *Fenômeno*. Dessa forma, a estrutura geral para a oração que encerra um *processo mental* seria: *Experienciador + Processo Mental + Fenômeno + Circunstância*. A oração *Ana contemplou as estrelas a noite toda* ilustra esta seqüência:

Ana	contemplou	as estrelas	a noite toda.
<i>Experienciador</i>	<i>Pr. Mental</i>	<i>Fenômeno</i>	<i>Circunstância</i>

Processos Relacionais

Os *processos relacionais* são processos “de ser” e estabelecem uma relação entre dois elementos diferentes, como exemplifica a oração *A Ana é morena*, que

relaciona *Ana* à característica *morena*. Tanto a língua inglesa quanto a portuguesa dispõem de três classes de processos relacionais:

- processo relacional *intensivo*, exemplificado por orações do tipo '*x* é *a*'
- processo relacional *circunstancial*, contido em orações cuja estrutura geral é '*x* está em *a*' (*em*, na verdade, contempla outras possíveis preposições como *com*, *acima de*, etc.).
- processo relacional *possessivo*, presente em orações como '*x* tem *a*'.

Os três *processos relacionais* mencionados acima podem ainda ser subdivididos em dois tipos: *atributivos* ou *identificadores*. Nos processos relacionais *atributivos*, '*a* é um atributo de *x*', como no exemplo anteriormente utilizado *A Ana é morena*. Já nos processos relacionais *identificadores*, '*a* é a identidade de *x*', como na oração *A Ana é minha amiga*.

Dentre os três tipos de processos relacionais, aquele que será efetivamente usado como instrumento de análise é o *intensivo*. Sendo assim, julgou-se desnecessário avançar a discussão acerca dos *processos circunstanciais* e *possessivos* para além deste ponto, mas prossegue-se com a descrição dos processos relacionais *intensivos* segundo Halliday.

Os participantes nos *processos intensivos atributivos* são o *Portador* e o *Atributo*. O *Atributo* “encaixa” o *Portador* em uma determinada classe. Em *A Ana é morena*, “Ana” é o *Portador* e “morena” é o *Atributo*. “Morena” coloca “Ana” como pertencente à classe das pessoas morenas.

Nos *processos relacionais intensivos identificadores*, os participantes são o *Identificado* e o *Identificador*. Na oração *A menina de rosa é a Ana*, “A menina de rosa” é o *Identificado* e “Ana” é o *Identificador*. Percebe-se que, neste caso, não se está colocando *A menina de rosa* em uma classe, está-se identificando *A menina de rosa*. Há ainda um outro aspecto para o qual se deve atentar nos *processos identificadores*: a ordem entre *Identificado* e *Identificador* pode ser invertida. Assim,

regra, dotado de consciência e chamado de *Behaver* (aquele que se comporta) e o *processo*. Logo, a estrutura básica deste tipo de oração é *Behaver + Processo*. A oração *Ana está chorando* se enquadra nesta classificação.

Processos Verbais

Os *processo verbais* são processos “de dizer”. Aqui, os participantes principais são o *Sayer* (emissor), a *Verbiage/Verbiagem* (aquilo que é dito), o *Receiver* (receptor, aquele para quem se diz algo). Na oração abaixo, estão discriminados os três participantes:

Ana me contou uma história.
Sayer Receiver Processo Verbiagem

Processos Existenciais

Nos *processos existenciais*, representa-se a existência de algo. O participante principal é o *Existente*, aquela/aquilo que existe. A estrutura básica da oração que contém este tipo de processo é então: *Processo + Existente*, como no exemplo *Houve um problema*.

2.1.2

A Oração como Mensagem

A metafunção textual é a função que permite discernir na oração uma mensagem. Ela estrutura os significados ideacionais e interpessoais de forma coesa e coerente, dando a eles o caráter de texto. Enquanto na metafunção ideacional a oração

é organizada em *Processo, Participantes e Circunstâncias*, a metafunção textual se articula em dois componentes: *Tema* e *Rema*. Em português como em inglês, o *Tema* ocupa a posição inicial na oração; o *Rema*, por sua vez, é tudo o que se segue ao *Tema*. Para identificar-se o *Tema*, é preciso recorrer aos componentes da oração quando vista do ponto de vista da metafunção ideacional, ou seja, *participantes, processo e circunstâncias*. O *Tema* se estende do início da oração até o primeiro elemento ideacional. Exemplificando:

Minha amiga Ana	<u>chega de São Paulo no sábado.</u>
<i>Tema (participante)</i>	<i>Rema</i>
No sábado,	<u>chega de São Paulo, minha amiga Ana.</u>
<i>Tema (circunstância)</i>	<i>Rema</i>
Chega	<u>de São Paulo, no sábado, minha amiga Ana.</u>
<i>Tema (processo)</i>	<i>Rema</i>

O *Tema* é o ponto de partida, o assunto a respeito do qual a mensagem tem algo a dizer. Nesse sentido, o *Tema* contextualiza o *Rema* e representa aquela porção da informação que, aos olhos do autor/falante, é merecedora de maior realce.

Se considerarmos, no entanto, não mais uma oração isolada, mas uma oração dentro de um texto, o *Tema* da oração em questão vai realizar um papel adicional: ele servirá de elemento de ligação entre a oração precedente e a oração que se está produzindo. Sendo assim, o *Tema* da oração em questão torna-se o elemento familiar e conhecido da mensagem para o leitor/interlocutor, ao passo que a informação propriamente dita 'acumula-se' no *Rema*. Em outras palavras, o *Tema*, neste caso específico, seria o portador do que Halliday chama de *Informação Dada*, e o *Rema* seria o portador da *Informação Nova*. A esta altura, é prudente ressaltar que esse tipo de organização textual, *Tema* coincidindo com *Informação Dada* e, conseqüentemente, *Rema* coincidindo com *Informação Nova* é apenas uma possibilidade, não se quer com isso dizer que a estrutura temática e a estrutura

informacional de uma oração se organizem sempre dessa forma: nem sempre o *Tema* corresponde à *Informação Dada* e o *Rema* à *Informação Nova*. Mas é justamente essa liberdade de estruturação textual que torna a análise do *Tema* e *Rema* uma ferramenta eficaz para a compreensão da maneira como se dá o fluxo de informação ao longo de um texto.

2.1.2.1

Tema Marcado e Tema Não-Marcado

Nas orações declarativas, que são o tipo de oração que compõem os textos que serão analisados neste trabalho, chama-se *Tema Não Marcado* o *Tema* que coincide com o sujeito da oração. *Tema Marcado*, por sua vez, é o *Tema* que não desempenha função de sujeito na oração. Retomando as orações utilizadas na exemplificação de *Tema* e *Rema*, faz-se abaixo a classificação do *Tema* de cada uma delas:

Minha amiga Ana chega de São Paulo no sábado.
Tema não marcado

No sábado, chega de São Paulo minha amiga Ana.
Tema marcado

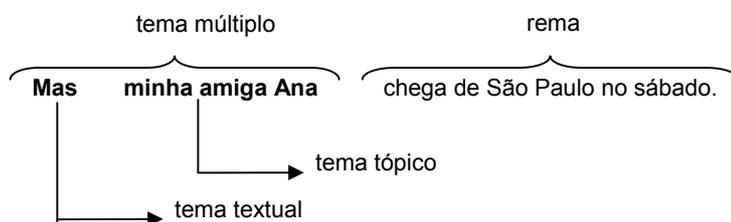
Chega de São Paulo, no sábado, minha amiga Ana.
Tema marcado

2.1.2.2

Tema Múltiplo

Como dito anteriormente, o *Tema* de uma oração se estende da posição inicial até o primeiro elemento que tenha uma função no sistema de transitividade, ou seja, o

Tema deve incluir um *participante*, *processo* ou *circunstância*. Em decorrência dessa definição, o *Tema* da oração abaixo será *Mas + minha amiga Ana*:



Neste caso, diz-se que na oração há um *Tema Múltiplo*. A parte do *Tema* que equivale ao *participante*, *processo* ou *circunstância* é chamado de *Tema Tópico*. Dessa forma, pode-se definir *Tema* como o elemento tópico acrescido dos demais elementos que o precederem. O *Tema Múltiplo* é bastante comum pois, tanto em inglês como em português, há elementos que obrigatoriamente ocupam a posição inicial em uma oração (conjunções e pronomes relativos), como também há elementos que, embora possam ocupar outra posição na oração, ocorrem comumente em posição inicial, por exemplo, os adjuntos conjuntivos (além disso, em outras palavras) e os adjuntos modais (em minha opinião, certamente). As conjunções, pronomes relativos e adjuntos conjuntivos em posição temática são chamados *Temas Textuais*. Já os adjuntos modais quando em posição temática são chamados *Temas Interpessoais*. Na oração utilizada como exemplo, tem-se então: “*Mas*” como *Tema Textual* e “*minha amiga Ana*” como *Tema Tópico*.

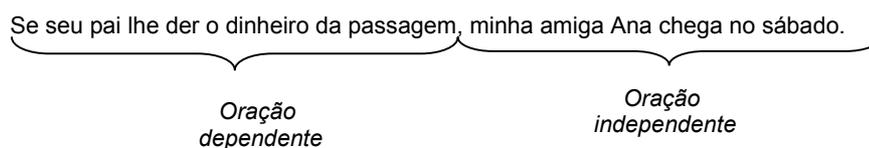
2.1.2.3

O Tema em Complexos Oracionais

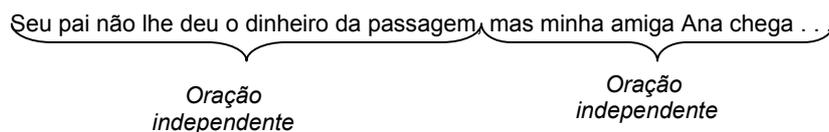
Na seção acima, foi mencionado que as conjunções e pronomes relativos ocorrem obrigatoriamente em posição temática tanto em português e como em inglês. Neste ponto, então, é preciso esclarecer esta afirmação. As conjunções e os relativos

são elementos que conectam duas orações formando o que, na terminologia Hallidayana, se denomina complexo oracional. As orações em um complexo oracional podem estar em relação de *hipotaxe* (*subordinação*), ou de *parataxe* (*coordenação*). Quando duas orações se ligam por *hipotaxe*, uma delas será a oração *independente* (*principal*) e a outra, *dependente* (*subordinada*). Oações ligadas por *parataxe* são chamadas de *independentes* (*coordenadas*). Há ainda um tipo de oração que não se liga a uma outra oração diretamente, mas que se liga a um grupo dentro de uma outra oração: são as orações *encaixadas* (*adjetivas restritivas*). As orações *adjetivas explicativas* são, na gramática funcional, orações hipotáticas. Exemplificamos cada tipo de oração e ligação nos exemplos que se seguem:

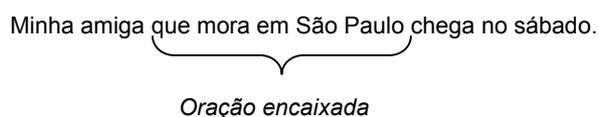
➤ Oações em relação de *hipotaxe*:



➤ Oações em relação de *parataxe*:



➤ Oração *encaixada*:



Feitas essas considerações gerais acerca dos complexos oracionais, retomamos então a questão da análise temática.

A análise temática em um complexo oracional, como poderá ser visto, pode ser conduzida de duas formas. A primeira maneira possível é entender que a oração inicial funciona como tema do complexo e a oração que a sucede funciona como rema do complexo. O complexo abaixo ilustra essa opção:

Se seu pai lhe der o dinheiro da passagem,	minha amiga Ana chega no sábado.
Tema	Rema

A segunda opção é fazer a análise temática em cada uma das orações que compõem o complexo:

Se	seu pai	lhe der o dinheiro da passagem,
Tema textual	Tema tópico	Rema

Minha amiga Ana	chega no sábado
Tema tópico	Rema

Na análise verbal de duas das páginas selecionadas nesta pesquisa, estudaram-se os complexos oracionais existentes a partir das duas perspectivas, por entender-se que ambas contribuíam com uma parcela diferente para uma compreensão mais detalhada do texto como um todo.

2.1.3

A Oração como Troca

A metafunção interpessoal revela que relações sociais são estabelecidas entre falante/escritor e seu interlocutor/leitor e como essas relações são mantidas ou confrontadas. Esta função é elaborada pelo sistema lexicogramatical de Modo, o qual compreende o sujeito seguido do finito. O Modo realiza quatro funções primárias na língua que são oferta e pedido de informações e oferta e pedido de bens e serviços. Como apontado anteriormente, não serão expostas as peculiaridades desse sistema em particular porque ele não foi selecionado como instrumento de análise neste trabalho.

2.2

Análise do Discurso Institucional

As considerações abaixo serão levadas em conta neste trabalho na qualidade de “equipamento” sociocognitivo a partir do qual os textos para análise serão abordados. À guisa do que foi feito na Introdução deste trabalho, em que pincelou-se o contexto sócio-histórico recente dos serviços nacionais de inteligência, esta seção esboça algumas características de textos similares aos que serão estudados.

Dos três textos estudados neste trabalho, dois são citações (texto turco e texto italiano) e apenas um deles parece ser de autoria da instituição que o exhibe (texto australiano). No caso das citações, muito embora não se trate de produções próprias, o fato de que as instituições as haja escolhido demonstra que tais citações espelham a contento a imagem que as instituições desejam projetar de si próprias. É certo que as citações passaram por algum crivo institucional que as julgou satisfatórias e o mesmo pode ser dito a respeito do texto australiano, a despeito de ter sido elaborado internamente ou não. Os três textos são exemplares, portanto, do que se denomina discurso institucional.

Gunnarsson (2000), em um artigo sobre o discurso de bancos em diferentes países, assevera que a imagem externa de uma instituição/organização é construída pela palavra escrita ou falada de que ela se utiliza. E vai além, defendendo a idéia que essas entidades são, inconscientemente, definidas pela linguagem. Um aspecto para o qual a autora chama a atenção diz respeito ao fato de que a imagem de uma entidade está ligada à sua história, seu presente e futuro.

Em seu estudo acerca de declarações de missão, Swales & Rodgers (1995) descrevem várias características comuns a esse gênero. Em geral, os textos contendo declarações de missão são afirmações estrategicamente genéricas e ambíguas desacompanhadas de exemplos, estatísticas ou comparações. Em termos gramaticais, os verbos aparecem no presente do indicativo e no imperativo afirmativo e utiliza-se o pronome 'nós' ao se referir à instituição ou organização.

Os autores afirmam também que a declaração de missão é um texto cujo intuito é disseminar a ideologia e a cultura de uma instituição de forma a assegurar que seu público interno e externo “vistam sua camisa”, ou seja, o objetivo é fazer com que empregados e terceiros se identifiquem com a instituição. A declaração de missão e textos assemelhados, portanto, ajudam na fabricação de uma imagem que uma entidade deseja disseminar para o público externo em geral.

2.3

Teoria da Multimodalidade

Multimodalidade é o nome que se dá à presença simultânea de múltiplos modos semióticos em uma mesma composição. Assim, multimodalidade se refere à integração de modos de comunicação distintos como a escrita, gestos, sons, imagens, *design* em um mesmo texto (Kress e van Leeuwen, 2001). Se tomado em sentido estrito, portanto, o texto escrito também é multimodal, pois a informação por ele trazida não se concentra exclusivamente na escrita em si, mas reside também em sua diagramação: utilização (ou não) de títulos, subtítulos, parágrafos, notas de rodapé,

colunas. Esses elementos e tantos outros colaboram para a construção e interpretação do texto. De igual forma, em uma composição que combine texto escrito (linguagem verbal) e imagens (linguagem visual), como é o caso das páginas web estudadas, um e outro são portadores de significados. A linguagem visual, portanto, é passível de leitura. Também ela é um sistema de representação simbólica e como tal é um processo de construção de significados cuja compreensão envolve autor, texto e observador/leitor.

Segundo os autores Kress e van Leeuwen (1996), a teoria da Multimodalidade é uma teoria sociosemiótica que entende todo signo como socialmente motivado. A teoria empresta da gramática sistêmico-funcional, descrita anteriormente, a idéia de que qualquer sistema semiótico desempenha três metafunções simultaneamente: a ideacional, a interpessoal e a textual.

A teoria propõe o estudo de composições que conjuguem imagens e texto escrito a partir dessas funções. No caso específico deste trabalho, optou-se por examinar as páginas iniciais dos serviços de inteligência tendo como referencial a metafunção textual. As duas outras funções contribuíram de forma bastante secundária para a análise. Por esta razão, discute-se, abaixo, em maior detalhe, a metafunção textual aplicada às composições multimodais. Com relação às metafunções ideacional e interpessoal, são descritos apenas aqueles aspectos da teoria que foram utilizados diretamente na análise dos dados.

2.3.1

A Metafunção Textual

Para uma composição que conjugue linguagem verbal e linguagem visual, os autores Kress e Van Leeuwen (1996) concebem a metafunção textual como sendo constituída por três sistemas interrelacionados.

O primeiro sistema examina a composição (texto verbal + imagens) ao longo dos eixos horizontal e vertical e associa à posição ocupada por determinado

participante da composição um certo valor de informação. Ao longo do eixo horizontal, divide-se a composição em esquerda e direita, posições às quais se associam os valores *Dado* e *Novo*; tem-se, dessa forma, à esquerda, a *Informação Dada* e, à direita, a *Informação Nova*. A *Informação Dada* é a informação com a qual o leitor/observador está familiarizado, que vai ao encontro do senso comum. A *Informação Nova*, contrariamente, é aquela que efetivamente carrega conteúdo novo e questionável. Esse arranjo parece advir de uma convenção consagrada nas sociedades ocidentais que é a leitura da esquerda para a direita. Nossos olhos são treinados a iniciar a leitura de um texto verbal ou visual pelo lado esquerdo e seguir em direção ao lado direito.

É interessante adiantar, neste ponto, que a divisão a que se faz referência aqui não implica simetria na distribuição do valor da informação na composição, ou seja, não se trata de simplesmente dividir uma composição ao meio com a assunção de que à esquerda encontrar-se-á a *Informação Dada* e, à direita, *Informação Nova*. Assim, há que se procurar as linhas divisórias (molduras) explícitas ou implícitas na composição que delimitem seu lado direito e seu lado esquerdo. A título de ilustração, exibem-se três possibilidades de divisão uma página web nos esquemas abaixo:



Figura 1 – exemplos de distribuição do valor da informação ao longo do eixo horizontal

Ao longo do eixo vertical, divide-se a composição em parte superior e parte inferior, novamente por intermédio de linhas divisórias, e associa-se a elas a idéia de *Informação Idea/Idealizada* e *Informação Real*, respectivamente. *Informação Idealizada* é a informação revestida de apelo emocional, que apresenta ao leitor facetas idealizadas e estilizadas da vida e o afasta dos aspectos comezinhos do dia-a-dia. *Ideal*, neste caso, também se refere a conteúdos (textuais ou visuais) abstratos. Já

a *Informação Real* seria a informação que se aproxima da realidade tal como ela é, ou a informação que concentra informação de cunho concreto ou prático. Semelhantemente ao que acontece ao longo do eixo horizontal, a organização da composição em *parte superior* e *parte inferior* ao longo do eixo vertical não implica a divisão da composição em duas metades. Essa divisão é determinada pela(s) moldura(s) existentes na composição, como mostram os exemplos abaixo:



Figura 2 – exemplos de distribuição do valor da informação ao longo do eixo vertical

Cabe ressaltar que essa estrutura que atribui valor da informação à posição ocupada pelos vários componentes de uma composição é uma construção ideológica, pois nada garante que ela corresponda à percepção da realidade de seu produtor ou consumidor. No entanto, a questão relevante não diz respeito à veracidade do arranjo dos elementos em relação ao mundo do produtor ou leitor: o que realmente está em jogo é a maneira como a informação é apresentada. A apresentação descrita acima constrange o leitor a considerar a informação dentro dessa estrutura, mesmo que ele tencione questioná-la.

Cumpram também notar que, embora o seccionamento do texto multimodal em *esquerda / direita* e *parte superior / parte inferior* seja um arranjo consagrado na cultura ocidental, ele não é o único possível. Para ilustrar este ponto, pode-se citar a organização do texto multimodal em *área central / áreas marginais*. Além disso, é necessário lembrar que outras culturas podem privilegiar outros arranjos espaciais.

O segundo sistema de que lança mão a metafunção textual investiga a *saliência* que é conferida aos elementos de uma composição multimodal. O conceito

de *saliência* engloba uma série de aspectos composicionais. Um deles é o tamanho de cada elemento em relação ao todo: quanto maior o tamanho, maior a visibilidade do elemento. Outro aspecto relativo à *saliência* é o uso dos planos na composição, ou seja, elementos que aparecem em primeiro plano são mais proeminentes que aqueles mostrados em segundo plano. Afora esses fatores, a *saliência* também é função dos contrastes de cor e da nitidez com que são representados os diferentes elementos de um texto multimodal.

O terceiro sistema a compor a função metatextual examina as *linhas divisórias* (*molduras/ framing*) existentes em uma composição visual/multimodal. *Linhas divisórias*, neste caso, dizem respeito a linhas explícitas ou implícitas que agregam determinados elementos da composição e os separam de outros. Assim, o mecanismo de *moldura*, ao agrupar participantes em uma composição, projeta a idéia de harmonia, unidade, identificação entre eles. Por outro lado, quando a *moldura* separa participantes, cria-se a idéia de conflito, contraste e incompatibilidade entre os mesmos. O exemplo abaixo ilustra o conceito de moldura:

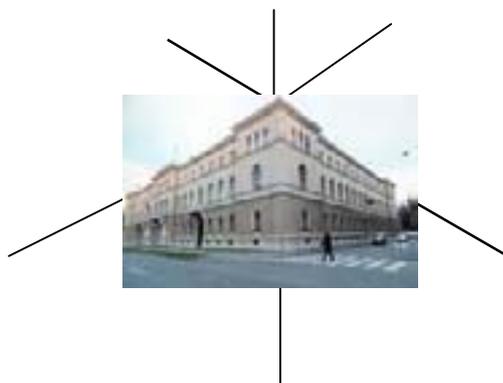


Fig 3 – exemplos de molduras (linhas divisórias implícitas e explícitas em uma imagem)

2.3.2

A Metafunção Ideacional

A metafunção ideacional de um sistema semiótico, como dito anteriormente, é a metafunção cuja incumbência é representar o mundo interior e/ou exterior com os recursos disponibilizados por este sistema. No caso da linguagem visual, Kress e van Leeuwen (1996) concebem a representação da realidade em termos de *processos*, tal como se dá na teoria de Halliday (1994) aplicada à linguagem oral e escrita.

A gramática visual identifica dois tipos de *processos*: os processos *narrativos* e os processos *conceituais*. Em razão de não utilizarmos a metafunção ideacional na análise das páginas web deste trabalho, não iremos discorrer sobre esses processos. Contudo, há um conceito relativo aos *processos narrativos* que irá colaborar no exame da página inicial do serviço turco: o conceito de *vetor*. Um *vetor* é uma linha explícita ou implícita na representação visual que sugere uma direção para o olhar do observador. Um *vetor*, portanto, funciona como uma espécie de guia para o leitor, indicando que caminho de observação tomar. Por outro lado, um vetor pode, por vezes, sinalizar que o elemento de onde parte o *vetor* está, em alguma medida, ligado ao elemento para o qual o *vetor* aponta. Observe-se o exemplo abaixo:

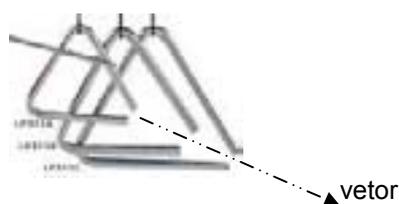


Fig 4 – exemplo de vetor – os triângulos “apontam” na mesma direção

2.3.3

A Metafunção Interpessoal

Reiterando o que já foi dito, a função interpessoal só muito subsidiariamente colaborou com a análise das páginas web. Em razão desse fato, vai-se aqui focalizar, dentre as categorias listadas por Kress e Van Leeuwen para descrever a interação entre produtor e observador da imagem, somente as categorias efetivamente utilizadas na análise das páginas web selecionadas nesta pesquisa.

Para dar conta das relações sociais entre o(s) participante(s) representado(s) em uma imagem e o observador dessa imagem, a metafunção interpessoal faz uso de diversos recursos: o olhar dos participantes; o tamanho do enquadramento em que os participantes são exibidos (em close, a média e a longa distância); o ângulo a partir do qual o autor da imagem a apresenta.

O primeiro recurso arrolado acima considera a direção do olhar dos participantes em relação ao observador e discute a partir dele o tipo de contato que é estabelecido entre eles. Assim, se o olhar do participante é direcionado ao observador, tem-se uma relação em que o participante convida ou conclama o observador a se envolver com a cena representada. Já se o olhar do participante “evita” o olhar do observador, tem-se uma relação em que o autor da cena a oferece ao observador para mera observação. Em outras palavras, no primeiro caso, há uma aproximação e envolvimento por parte do observador no processo; no segundo caso, entretanto, o observador é mantido a certa distância.

Um outro recurso que constrói significados interpessoais é o ângulo escolhido para exibição dos participantes em uma representação visual. Por exemplo, para fazer uma foto, um fotógrafo precisa escolher entre mostrar um participante de um ângulo frontal ou oblíquo, ou mostrando-o de um ângulo baixo ou alto, e há ainda a possibilidade de posicionar a câmera no nível do olhar do participante. Ora, o ângulo frontal denota envolvimento do produtor e, conseqüentemente, do observador para com o participante representado. Contrariamente, o ângulo oblíquo sinaliza que o produtor da imagem, em algum nível, não se identifica com o participante representado e constrange o observador à mesma atitude. O ângulo alto sugere que o

observador e participantes não estão em uma relação igualitária, neste caso, o observador está em posição de maior poder em relação ao participante, e o ângulo baixo, por sua vez, sugere que o participante é superior ao observador. Uma relação de poder igualitária entre participante e observador é criada quando o olhar do autor de uma imagem se posiciona à mesma altura em que está o olhar do participante.

Neste capítulo, foram delineados alguns dos aspectos da gramática funcional de Halliday (1994) e da teoria da Multimodalidade de Kress e van Leeuwen (1996), os quais serviram de suporte para a análise dos dados deste trabalho.

Com relação à gramática funcional, o foco da discussão recaiu, prioritariamente, sobre as metafunções ideacional e textual. No que tange à metafunção ideacional, discutiu-se a oração estruturada em *processos, participantes e circunstâncias* e, mais especificamente, a classificação dos processos em seis tipos distintos: *material, mental, comportamental, existencial, relacional e verbal*, privilegiando o processo relacional. Passando à metafunção textual, examinou-se a oração estruturada em *Tema e Rema* e algumas especificidades dessas categorias. Atentou-se também para as relações de *hipotaxe* e *parataxe* em complexos oracionais, bem como para a noção de oração *encaixada*.

Dentro da teoria voltada para a análise verbal, fez-se, também, um breve apanhado sobre a análise do discurso institucional com base nos trabalhos de Swales e Rogers (1995) e Gunnarsson (2000).

Quando da discussão acerca da teoria da Multimodalidade, privilegiou-se o estudo da metafunção textual das composições multimodais. Na descrição da metafunção textual, atentou-se para: o valor da informação *dada/nova* e *real/ideal* associado aos espaços *esquerda/direita* e *inferior/superior*; a utilização de *molduras* como recursos para agregar e desagregar elementos da composição e a *saliência* desses elementos. Relativamente à metafunção interpessoal, mencionou-se brevemente o significado da direção do olhar do participante de uma representação visual e o papel dos ângulos na construção de interação entre participante e observador. Da teoria sobre a metafunção ideacional, extraiu-se o conceito de *vetor*.

No próximo capítulo, será descrita a metodologia empregada para a seleção do corpus desta pesquisa.

3

Metodologia

Neste trabalho pretende-se descrever e discutir o texto confeccionado por determinados Serviços Oficiais de Inteligência em suas páginas iniciais (web home pages) institucionais. Cada home page lança mão de combinações distintas de linguagem verbal e visual. A composição que resulta da junção de texto verbal e texto visual produz o que poderia ser chamado de texto-resultante, um texto multimodal, um construto que se presta à veiculação de uma imagem institucional desses serviços na internet.

Neste capítulo, será descrito, primeiramente, como foi composto o corpus a partir do qual selecionaram-se os dados, as páginas a serem analisadas nesta pesquisa. Em seguida, explicitam-se as unidades de análise que nortearam o tratamento dos dados escolhidos.

É importante ressaltar que este trabalho se limitou ao estudo das páginas iniciais dos serviços de inteligência. Muito embora, em algumas ocasiões, outras páginas do web site (sítio) de inteligência tenham sido consultadas para esclarecimento de algumas questões, essas páginas não constituíram objeto de pesquisa em si mesmas.

3.1

A composição do corpus

O primeiro passo na composição do corpus foi levantar nomes de serviços de inteligência estrangeiros. O segundo, descobrir se essas instituições mantinham uma home page na rede mundial de computadores, pois, como foi constatado, nem todos os serviços de inteligência disponibilizam uma página na internet.

Por meio de um site popular de busca, chegamos a cinco sites que listam um grande número de serviços de inteligência e, que, via de regra, oferecem links atualizados que levam à página inicial de cada um desses serviços. Ei-los:

- <http://www.fas.org/irp/world/index.html>
- http://en.wikipedia.org/wiki/List_of_intelligence_agencies
- http://www.battle-fleet.com/pw/his/intelligence_agencies_list.htm
- <http://www.globalsecurity.org>
- <http://www.gksoft.com/govt>

Ao examinar esses sítios, algumas informações anteriormente desconhecidas e, por via de conseqüência, desconsideradas, se fizeram notar. Além disso, algumas expectativas pessoais se confirmaram, ao passo que outras foram frustradas.

Em primeiro lugar, este estágio preliminar da pesquisa revelou que, em muitos países, há mais de um serviço ou agência de inteligência oficial. Uma razão pela qual esses países optam pela fragmentação da inteligência parece ser o largo espectro de assuntos a ser coberto, além de haver também questões relativas à própria doutrina de inteligência adotada pelo governo/estado, que preconiza a existência de uma ou mais instituições. Sendo assim, muitos países dividem a área de inteligência e atribuem a organismos diferentes a responsabilidade por tais divisões. O procedimento aparentemente mais comum é o desmembramento da inteligência em interna e externa. A inteligência interna se ocuparia de informações e operações em âmbito nacional; já a externa visaria a informações e operações em âmbito internacional. Nos Estados Unidos, por exemplo, há inúmeras instituições de inteligência. A CIA (Central Intelligence Agency) é uma das instituições responsáveis pela inteligência externa e o FBI (Federal Bureau of Investigation), uma das instituições que respondem pela inteligência interna. No entanto, em alguns países, como no caso do Brasil, há um único serviço de inteligência oficial, encarregado tanto da inteligência externa como da interna.

Paralelamente a isso, a grande maioria dos países faz divisão entre inteligência militar e inteligência civil, ou seja, as forças armadas possuem em sua estrutura uma divisão de inteligência, a qual trabalha de forma independente dos demais organismos civis de inteligência. Apesar dessa independência, tanto órgãos de inteligência civil quanto estruturas militares, de maneira geral, são subordinados ao respectivo Ministério da Defesa do país. No Brasil, a título de ilustração, a Abin, ao contrário da

maioria, está subordinada ao Gabinete de Segurança Institucional da Presidência da República, ao passo que a inteligência militar está subordinada à respectiva força que, por sua vez, se reporta ao Ministério da Defesa.

Em face desse cenário, alguns parâmetros de delimitação do corpus se fizeram necessários. Decidiu-se, primeiramente, por trabalhar com uma única instituição de inteligência de cada país. No caso dos países que possuem somente um órgão de inteligência oficial, procuramos descobrir se este órgão mantinha uma página na internet, sem considerar se a instituição era militar ou civil, ou se o foco da atividade da instituição era o campo interno ou externo. Em segundo lugar, no caso dos países que contam com mais de uma instituição oficial de inteligência, foram verificadas quais dentre elas mantinham uma página na internet. Se mais de uma instituição fosse encontrada na rede, optar-se-ia por estudar a que fosse civil e que tivesse como foco a inteligência externa. O respaldo para essa decisão se encontra na visão contemporânea de inteligência mencionada anteriormente na introdução.

Outra informação oriunda dessa primeira etapa da organização do corpus foi o fato de que, em 2004, quando surgiu a idéia desta pesquisa, até onde se pôde descobrir, o único país do Oriente Médio cujo serviço de inteligência possuía uma página na internet era a Jordânia. Essa constatação foi bastante surpreendente. A nossa expectativa era de que o serviço de Inteligência externa de Israel mantivesse uma página na rede, uma vez que o estado judeu é a única democracia estável na região e, também, por possuir um serviço de Inteligência externa internacionalmente reconhecido e que, na literatura (Thomas, 1999; Black & Morris, 1991), desfruta de status de um 'quase' mito. Em 2004, as demais instituições e departamentos estatais israelenses estavam na internet. Ausente estava, mesmo, somente o famoso Mossad. No entanto, este estado de coisas mudou. O Mossad inaugurou, provavelmente em 2005, uma página na rede mundial de computadores, confirmando nossa expectativa. Outro serviço ausente da internet é o da França, a única entre os países do G-8 a não disponibilizar essa home page, apesar de o governo oferecer páginas bastante minuciosas sobre sua estrutura e órgãos públicos em geral.

Ao término dessa fase de pesquisa, foram localizadas 44 home pages de serviços de inteligência. Para fins de comparação, o número de países cujos serviços

de inteligência foram mencionados nos sítios pesquisados, independentemente de possuírem página na rede, foi 70, ou seja, mais da metade desses países possuem ao menos uma instituição de inteligência com página na rede. Esse dado fortalece a hipótese aventada na introdução deste trabalho de que essas instituições passam por um momento de transição, saindo do secretismo para se mostrarem à sociedade nacional e global. Além disso, também corrobora o entendimento daqueles que entendem ser a home page um gênero digital, de cunho promocional (Bhatia, 1993).

No Anexo, estão listados os países, os nomes das instituições de inteligência na língua nativa de cada um deles e/ou na língua inglesa, seguidos de seu respectivo endereço eletrônico.

3.2

O recorte do corpus

3.2.1

A seleção das páginas

A motivação para esta pesquisa nasceu de uma visita fortuita à página inicial da Agência Brasileira de Inteligência – ABIN, o serviço de Inteligência oficial do país. No entanto, embora a página brasileira tenha sido a motivação para esta pesquisa, ela foi descartada devido ao fato de que eu pertencço ao quadro de servidores dessa instituição e, por motivos éticos, decidi não incluí-la neste estudo. Após conhecer a página brasileira, várias outras páginas foram visitadas e fez-se então necessário buscar critérios que auxiliassem na delimitação do corpus.

O primeiro critério utilizado foi a língua em que as páginas iniciais dos serviços de inteligência estavam disponíveis. É preciso mencionar o fato de que a grande maioria das 43 páginas examinadas oferecia ao menos um link indicando uma outra língua que, na quase totalidade dos casos, era a inglesa. 75% das páginas, 32 no total, ofereciam tal possibilidade. As páginas iniciais que não ofereciam nenhuma opção em termos de uma outra língua que não a língua oficial do país que representavam foram 11,25% no total: a brasileira, a australiana, a colombiana, a

alemã, a holandesa, a sul-africana, a espanhola, a peruana, a mexicana, a ugandesa e a americana. No caso específico da página americana, há um link intitulado *Iraqi Rewards Program* e, ao lado dessas palavras, no mesmo link, há o que parece ser a tradução dessas palavras em árabe. No entanto, é absolutamente claro que a língua árabe só se aplica a este link em particular e não diz respeito à página como um todo.

Em meio a esse grande universo de possibilidades lingüísticas, decidiu-se por considerar apenas aquelas páginas iniciais que estavam originalmente escritas em português, inglês e espanhol, ou que disponibilizavam versões de seu conteúdo nessas línguas. Este critério preliminar, no entanto, precisou ser ajustado, como será explicado um pouco mais abaixo.

Em função desse primeiro parâmetro de seleção, cinco páginas foram desconsideradas. A página do serviço secreto suíço, disponível apenas em alemão, francês e italiano; a página inicial da Rússia, disponível apenas em russo. Descartou-se, também, a página inicial do serviço da Ucrânia porque, ao clicar-se sobre o link para acesso de seu conteúdo em inglês, constatamos que apenas uma pequena parte do texto escrito aparece em inglês e o restante permanece em ucraniano. O mesmo se deu com a página inicial dos serviços de inteligência dinamarqueses. Tanto o serviço responsável pela inteligência interna quanto o responsável pela inteligência externa possuem páginas na internet (ver lista dos serviços de endereços no apêndice 1). Em ambos os casos, ao clicar-se no link ENGLISH, o texto que aparece em inglês é o texto que dá as boas-vindas e faz um panorama das atribuições e atuação do Serviço, porém os demais links e pequenas notas permanecem em dinamarquês.

Até esse momento, portanto, acreditava-se que todas as demais home pages ofereciam uma versão completa em inglês. Todavia, ao visitar diversas das páginas que disponibilizavam um link indicando a opção língua inglesa, deparou-se com um padrão diferente do esperado. Clicando-se nesse link, não se obtinha uma versão fiel da página original em inglês e, sim, uma outra página. Em algumas páginas, as diferenças eram sutis e não imediatamente percebidas; já em outras, as diferenças eram gritantes, com layout diferenciado, fotos que não constavam da página inicial na língua oficial do país, textos muito mais longos ou muito mais curtos, número diferente de links do que a página inicial 'original'. Há páginas em que se vê apenas

um texto em inglês identificando a instituição, por exemplo, a página do serviço finlandês. A página inicial, em finlandês, traz muitos links, pequenos textos e um layout que em nada se parecem com a configuração e conteúdo da página obtida ao se clicar sobre o link “*inglês*”. O mesmo pode ser dito da página do Mossad, o serviço israelense, e das home pages dos serviços norueguês e sueco. No caso do Japão, certamente o layout e as fotos exibidas na página inicial diferem da página em inglês. Na versão em inglês, há dois frames, cada um com uma barra de rolamento, que não aparecem na versão em japonês. As duas páginas são muito diferentes.

Em virtude do descrito acima, ou seja, o fato de a existência de um link indicando língua inglesa não significar necessariamente uma versão completa da página original, foi feito um ajuste em nosso primeiro critério: decidimos por considerar apenas aquelas páginas iniciais que estavam originalmente escritas em português, inglês e espanhol, ou que disponibilizavam a mesma página, em todo o seu conteúdo, de forma total e fiel, em português, espanhol ou inglês. Obedecendo ao parâmetro de seleção formulado nesse novo molde, as cinco páginas mencionadas no parágrafo anterior foram descartadas: a finlandesa, a israelense, a norueguesa, a sueca e a japonesa. Chegou-se assim a um corpus ainda composto por 33 elementos.

O critério seguinte no recorte do corpus foi de caráter lingüístico. Como explicado anteriormente na introdução deste trabalho, esta investigação se restringiu unicamente à página inicial dos serviços de inteligência na internet, o que não possibilitou um escrutínio do web site como um todo, explorando as múltiplas páginas e hipertextos passíveis de serem visitados. Optou-se, dessa forma, por lançar mão de um parâmetro que, na página inicial, fosse, ao menos potencialmente, bastante revelador em relação à imagem da instituição. Um elemento dotado dessa capacidade pareceu ser o texto comumente denominado “missão”, ou “visão”, ou “valores”, ou, até mesmo, um lema da instituição. Procurou-se então por páginas iniciais que trouxessem esse texto explicitamente. As páginas que atenderam a essa exigência foram 3: a turca, a italiana e a australiana.

É preciso frisar que a versão em inglês da página inicial de 15 serviços trazia um link denominado MISSION/OUR MISSION ou VALUES/OUR VALUES. Em outras 4 páginas, tais como na holandesa, norueguesa, tcheca e portuguesa, foram

identificados slogans/lemas em latim, circunscritos ao brasão da instituição. O mesmo se dá em ainda 4 outras páginas: a israelense, a jordaniana, a húngara e a iugoslava; nos brasões, todavia, o lema está escrito em hebraico, árabe e húngaro e sérvio, respectivamente. No brasão da página taiwanesa, parece haver algo escrito, mas meu total desconhecimento dos ideogramas chineses não permite fazer qualquer afirmativa segura a esse respeito.

No total há 27 páginas, mais de 50%, que em seu sítio (web site), quer na página inicial, quer em outra parte, articulam sua Missão. Esse número significativo parece por si só demonstrar a relevância atribuída ao texto Missão pelas instituições aqui em questão.

Recapitulando, após a aplicação dos parâmetros de seleção, chegou-se a três páginas, a saber, as do serviço de inteligência australiano, italiano e turco.

3.3

A análise das páginas

A análise das páginas se deu em duas esferas: a verbal e a visual.

3.3.1

A análise verbal

Na página turca, foi considerado texto verbal o lema da instituição, que se constitui em uma única oração. Na página italiana, o texto analisado foi a citação de Maquiavel, expressa por dois complexos oracionais. E, na página australiana, a análise se concentrou em um texto mais extenso, composto por três parágrafos, o segundo dos quais trazia a declaração de missão do serviço.

Para cada um dos textos, foram estabelecidas como unidades de análise a progressão temática (tema/rema) e escolhas lexicais que se mostraram determinantes

no esclarecimento do intuito dos textos. Além disso, procedeu-se à análise sintática das orações que compunham os textos quando esse estudo colaborava para uma discussão mais aprofundada do texto. Também, lançou-se mão de instrumentos analíticos da sistêmico-funcional (Halliday, 1994), tais como *parataxe/hipotaxe* e *metáfora gramatical*, conforme as peculiaridades dos dados verbais analisados.

3.3.2

A análise visual

A página turca foi analisada, primeiramente, em relação ao eixo vertical. A partir dessa orientação, discutiu-se a utilização da moldura/linha divisória que separa a composição visual em duas partes: a parte superior e inferior. Em seguida, atentou-se para o valor da informação (idealizada/real) contida em cada uma das partes. Na parte inferior da página, foram analisados elementos de grande saliência: o retrato do estadista Atatürk, a bandeira turca e o emblema do serviço de inteligência turco.

Na página italiana, o primeiro recurso visual analisado foi a utilização de molduras; em particular, estudaram-se duas molduras que dividem visualmente a composição em quatro áreas retangulares, fato que possibilitou a análise da composição tanto ao longo do eixo vertical quanto do horizontal. Ao longo do eixo horizontal, a página ficou dividida em lado esquerdo e lado direito e, portanto, discutiu-se o valor da informação trazida por um e outro lado (informação dada/informação nova). Ao longo do eixo vertical, a página ficou dividida em parte superior e inferior, permitindo então que fosse estudado o valor da informação concentrada em cada área: na parte superior, informação idealizada, abstrata; na parte inferior, informação real. Dentro dessas “macroanálises”, também foram discutidos os elementos visuais de maior saliência: os conjuntos de fotos, no canto superior esquerdo, que se alternam na tela do computador e o esboço de um edifício antigo sobre o qual está escrito o nome dos serviços de inteligência italianos.

Por último, na página australiana, dois aspectos visuais foram abordados: a utilização da cor preta como fundo sobre o qual o texto australiano está escrito e as molduras que determinam o layout do texto.

Nos capítulos 4, 5 e 6, a seguir, portanto, apresentam-se as análises das home pages do serviço de inteligência turco, italiano e australiano, respectivamente. Cada análise se divide em duas seções: análise verbal e análise visual. A primeira investiga o texto que equivale à declaração de missão da instituição trazido pela página, em especial, o foco recai sobre a estrutura temática do texto e o valor de escolhas lexicais específicas; a segunda considera a página como uma composição, ou seja, atenta para os possíveis significados dos elementos que nela se discernem visualmente tais como linhas divisórias, imagens e cores. Vale ressaltar que, muito embora as análises estejam pautadas nas mesmas unidades de análise em linhas gerais, lança-se mão, ao longo da discussão, de outros recursos analíticos segundo a especificidade de cada uma das páginas.

4

Análise da Página Inicial do Serviço de Inteligência Turco - Millî İstihbarat Teskilâtı / National Intelligence Organization



Imagem 1 – home page do Serviço de Inteligência turco

Neste capítulo, apresenta-se a análise da home page do serviço de inteligência turco. O estudo considera primeiramente o lema da instituição, uma citação do estadista turco Mustafa Kemal Atatürk. Na seqüência, analisam-se as molduras que dividem a página em três partes, a parte superior, a medial e a inferior, bem como as implicações dessa divisão em termos do valor da informação contida em cada uma delas. Também são examinadas a saliência e o possível significado das imagens presentes na página, a saber, a bandeira turca, o retrato de Atatürk e o emblema do serviço.

4.1 Análise Verbal do Lema

“Palavras são apenas selos postais entregando o objeto para que você o desembulhe”.

Bernard Shaw

“We are in the service of the great Turkish nation . . .” K. Atatürk
“Nós estamos a serviço da grande nação turca...” (minha tradução)

Em termos gerais, o lema do serviço de inteligência da Turquia é uma oração simples, na qual predominam nomes, o designativo genérico de substantivos e adjetivos. Afora o pronome “*we*”, o verbo “*are*”, dois artigos e duas preposições (itens discursivo-textuais), há dois substantivos, “*service*” e “*nation*” e dois adjetivos, “*great*” e “*Turkish*”. .

4.1.1

Análise Temática

4.1.1.1

O Tema

<u>We</u>	<u>are in the service of the great Turkish nation</u>
tema	rema

No lema do serviço de inteligência turco, o tema não-marcado é “*We*” o rema é “*are in the service of the great Turkish nation*”. O tema é, portanto, a primeira pessoa do plural, uso que, de imediato, remete a um grupo. O pronome pessoal “*we/nós*”, muito embora não defina efetivamente a quem faz referência, não causa estranheza ao leitor, antes aproxima-o do texto e das pessoas que compõem a instituição, sobretudo se voltarmos à página e lermos no topo o nome da instituição “*National Intelligence Organization/Organização Nacional de Inteligência*”.

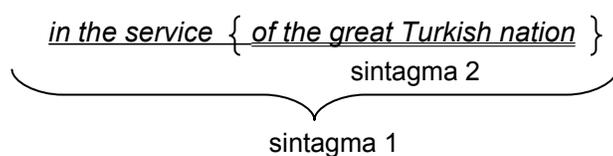
Percebe-se, portanto, na página, um movimento do abstrato, a instituição, para algo mais concreto, as pessoas que formam a instituição. Assim, o ponto de partida da informação no lema turco enfoca aqueles que trabalham com a atividade de inteligência, e não a instituição em si. Essa opção pelo pronome facilita o envolvimento do leitor com o texto. Se, por exemplo, em vez de “*we/nós*”, a forma escolhida para ocupar a posição temática houvesse sido o nome do serviço, “*The National Intelligence Organization*”, o foco da mensagem seria uma abstração e promoveria um certo distanciamento do leitor.

Um outro aspecto a frisar é o fato de que o Tema “*we/nós*”, além de englobar a nação como um todo e também a instituição, inclui o próprio autor da citação: Atatürk.

4.1.1.2

O Rema e as Escolhas Lexicais

No rema, há um grande sintagma preposicionado (1), que traz embutido em si um outro sintagma também preposicionado (2):



O núcleo do sintagma 1 é “*service/serviço*”. “*Serviço*” é uma palavra cuja definição, de acordo com o dicionário Houaiss (2001), “é o ato de dar algo de si em forma de trabalho”. A expressão utilizada “*estar a serviço de alguém*” implica, dessa forma, trabalhar por alguém e em submissão a esse alguém. O propósito dessa escolha é deixar em evidência que a National Intelligence Organization serve a algo maior, não trabalha em prol de si própria, mas sim em prol da nação turca. Tem-se aqui uma idéia de entrega por parte de quem serve e da total primazia daquele que é

servido sobre aquele que serve. No entanto, a despeito do tom patriótico da palavra “*serviço*”, é preciso atentar para o fato de que seu significado é extremamente vago. A despeito de ser a vaguidão uma característica própria do gênero “Declaração de Missão” (Swales & Rodgers 1995), não há nenhuma indicação, seja no lema ou no restante da página, acerca de quaisquer atividades realizadas pela instituição. Sendo assim, não há qualquer informação para o leitor a respeito de que serviços o órgão de inteligência efetivamente presta à nação turca, o que impossibilita que o leitor, sobretudo o leitor turco, julgue por si próprio a relevância da instituição.

Nota-se, dessa forma, que, na página turca, o texto verbal não é utilizado para desfazer, ou sequer minimizar, a aura de mistério associada aos serviços secretos. Em nenhum lugar da página, há qualquer abordagem direta e clara daquilo que efetivamente a National Intelligence Organization é ou faz.

A segunda escolha lexical a ser examinada é o núcleo do sintagma preposicionado 2, “*nation*”. O item “*nation/nação*” é utilizado no lema como o complemento nominal de “*serviço*”, aquele a serviço de quem está o órgão de inteligência turco.

No lema turco, o destinatário do trabalho realizado é único: a nação turca. É difícil definir satisfatoriamente “*nação*”, mas a área do direito afirma que se trata de um conceito eminentemente sociológico (Maluf, 1993). Maluf define “*nação*” como “*uma entidade de direito natural e histórico. Conceitua-se como um conjunto homogêneo de pessoas ligadas entre si por vínculos permanentes de sangue, idioma, religião, cultura e ideais*” e cita também Hauriou (1970), para quem “*nação*” é “*o grupo humano no qual os indivíduos se sentem mutuamente unidos por laços tanto materiais como espirituais, bem como conscientes daquilo que os distingue dos indivíduos integrantes de outros grupos nacionais*”. Em ambas as definições, embora mais marcadamente na segunda, pode-se perceber que, para conceituar-se “*nação*”, há a evocação de valores imateriais, faz-se um apelo a um sentimento de identidade que seria comum a um grupo de pessoas. Em vista disso, a palavra “*nation*” parece ser um termo bastante inclusivo e com certo apelo emocional.

Caso “*nation/nação*” viesse modificado unicamente pelo adjetivo “*Turkish/turca*”, ou seja, fora o lema: “Estamos a serviço da nação turca”, ao texto seria conferido um tom patriótico, porém relativamente neutro em termos ideológicos. No entanto, o sintagma “*Turkish nation*” aparece qualificado pelo adjetivo “*great/grande*”, que, neste caso específico, não diz respeito a um fato verificável, não se trata de uma aferição do tamanho do território turco. “*Great/grande*” é um epíteto que expressa a atitude do autor para com sua nação e cuja veracidade não pode ser comprovada pela experiência; esse item específico, “*great*”, é um elemento interpessoal no significado do sintagma nominal. Por conta dessa avaliação subjetiva presente no lema, para aqueles leitores que não são turcos, o tom do texto parece tomar contornos ufanistas e, conseqüentemente, ideologicamente carregados.

O uso do adjetivo explicita a avaliação positiva que o serviço de inteligência turco faz de seu país e deixa transparecer seu desejo de exaltá-lo. Não obstante, “*great/grande*” traz consigo a comparação potencial entre a Turquia e os demais países; afirmar que a Turquia é “grande nação” implica dizer, ainda que de forma oblíqua, que outras nações não são igualmente grandes. Essa escolha lexical no lema turco, todavia, permite que se vislumbre a verdadeira natureza da atividade de inteligência, que, em última instância, é uma disputa de interesses entre países, em que o objetivo de cada um dos lados é sobrepujar o(s) concorrente(s), cada qual agindo, ao menos em teoria, em prol de sua própria grande nação.

Há um último aspecto relevante para análise no lema turco: trata-se de uma citação cujo autor é identificado e a identificação se dá por meio de sua assinatura manuscrita: K. Atatürk. Mustafa Kemal Atatürk foi o fundador e primeiro presidente da moderna República Turca, governando por quinze anos, de 1923 a 1938. O sobrenome “*Atatürk*” lhe foi acrescentado pelo Parlamento durante seu governo e significa “pai dos turcos”. Como verificaremos na análise visual da página turca, tanto o rosto de homem que aparece à esquerda da página quanto o rosto que aparece, de perfil, no centro do emblema, à direita, são de Atatürk. Tido pelos turcos como um grande personagem de sua história, o nome e imagem de Atatürk figuram em lugares públicos por toda a Turquia (<http://en.wikipedia.org/wiki/Atat%C3%BCrk>) e, como

constatou-se com essa pesquisa, pelos sítios governamentais turcos disponíveis na internet.

Quando então o serviço de inteligência turco afirma estar a serviço da nação turca e o faz por intermédio das palavras e assinatura do venerado estadista, pretende, ao menos perante o povo turco, reforçar seu compromisso de lealdade para com o país. Dado esse aparente culto à personalidade de Atatürk na Turquia, a ausência de qualquer referência a ele na página é que poderia ser realmente entendida como falta de patriotismo, ou seja, a página turca fundamenta sua lealdade ao povo turco, invocando a fala de um indivíduo que historicamente se confunde com o próprio Estado turco.

4.2

Análise Visual da Página Turca

“Uma imagem não é simplesmente uma marca, um desenho, um slogan ou uma foto fácil de lembrar. É um perfil cuidadosamente produzido da personalidade de um indivíduo, instituição, corporação, produto ou serviço”.

Daniel J. Boorstin

Ao longo da análise que ora se segue e das duas outras análises visuais que serão realizadas, o termo “leitor” será utilizado para identificar o usuário da internet que considera a home page como um todo, buscando depreender tanto seu conteúdo verbal quanto visual.

Em linhas gerais, a página turca se articula visualmente em três partes ao longo do eixo vertical.

A parte superior possui um fundo na cor cinza metálico, no qual está escrito o nome da instituição em letras brancas e maiúsculas (MILLÎ İSTİHBARAT TESKİLÂTI (MIT) – NATIONAL INTELLIGENCE ORGANIZATION). A linha divisória (moldura) que separa a parte superior da parte medial da página não corre paralela ao eixo vertical em toda a sua extensão. Da esquerda para a direita, até

aproximadamente dois terços da largura total da página, a parte superior ocupa cerca de um sexto da altura total da página; ao cobrir dois terços da largura, a moldura se curva suavemente, inclinando-se por volta de 45° para baixo, descendo em diagonal até à altura de cinco sextos da página, a contar de cima, quando encontra a margem direita.

Já a parte medial é a que ocupa praticamente a área restante da página e tem como fundo a bandeira turca, vermelha, com um crescente e uma estrela brancas. Por sobre esse fundo, distinguem-se quatro elementos, dispostos da esquerda para direita da seguinte forma: o rosto do estadista Atatürk, em preto e branco, emoldurado pelo crescente; o lema e a assinatura de Atatürk; e o emblema do serviço, com uma peculiaridade – somente metade do emblema está localizada na parte medial; a outra metade pertence à parte superior. A moldura superior quando desce em diagonal “corta” o emblema ao meio.

A parte inferior, cuja cor é novamente o cinza metálico, é a menor das três, e, à esquerda, é onde estão localizados dois links que indicam as línguas em que se pode ler a página: o turco e o inglês. A tradução da página, que aparece originalmente em turco, é feita automaticamente para o inglês, mediante o posicionamento do cursor sobre o botão indicando “English”.

A análise visual da página turca será conduzida ao longo de duas vertentes: primeiramente, a organização da página de baixo para cima, em especial, o significado da moldura que separa a parte superior da medial; em segundo lugar, os elementos que se sucedem horizontalmente, a saber, a bandeira nacional, o retrato de Atatürk e o emblema do serviço de inteligência.

4.2.1

O Uso da Moldura

Como mostra a reprodução da página turca, sua parte superior está separada da parte medial de forma clara e marcada, por meio de uma linha espessa cuja trajetória é curiosa, separando o emblema do serviço em duas partes.

Segundo Kress e Van Leeuwen (1996), a presença de linhas divisórias, o que está se chamando aqui de *moldura*, em textos multimodais tem por função agregar certos elementos da composição e/ou separar outros. Particularmente, uma linha divisória que corta o plano horizontalmente, dividindo o texto em uma parte superior e uma inferior, estabelece um contraste entre as duas que, de forma geral, se traduz da seguinte maneira: na parte de cima, concentra-se a informação que os autores chamam de idealizada, ao passo que, na parte de baixo, está a informação de cunho mais concreto, denominada "real". Aplicando-se esse conceito à página turca, pode-se dizer que a informação apresentada como idealizada consta de dois componentes: o nome da instituição e "metade" do emblema do MIT. Dar-se-á continuidade a esse ponto logo mais abaixo, mas, para tanto, é necessário, antes, discutir os elementos que compõem a parte inferior, neste caso, a parte medial, da página.

4.2.2

A Bandeira Turca

Um símbolo nacional do país, a bandeira turca, ligeiramente inclinada em relação ao plano da página, é o elemento que serve de fundo para a parte medial. A bandeira é o componente que ocupa maior espaço na página e, em razão de sua cor dominante, o vermelho, é também um componente de proeminência visual. Na página seguinte, está uma cópia da bandeira turca para ilustração (<http://fotw.vexillum.com/images/t/tr.gif>):



Figura 5 – Bandeira turca

Sendo assim, a utilização da bandeira turca como pano de fundo na parte inferior representaria a nação servindo de base sobre a qual os demais elementos da composição se firmariam, ou seja, a página do serviço de inteligência turco tem por fundamento seu país, mensagem articulada também por intermédio do texto verbal, o lema, como foi visto anteriormente.

Um outro aspecto da bandeira turca que desperta a atenção é a maneira como o crescente e a estrela estão posicionadas. Retomando o que foi dito no parágrafo de abertura desta seção, a bandeira na página turca aparece um pouco inclinada, mostrando as extremidades da lua e a estrela, igualmente inclinadas, como que apontando para o emblema turco. Observe-se o esquema abaixo que ilustra de forma aproximada essa idéia:

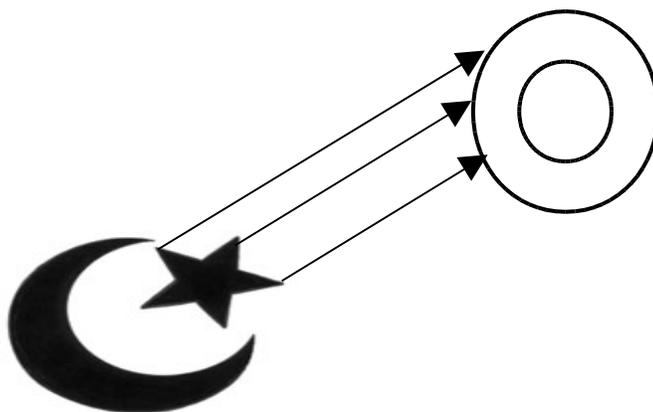


Figura 6 – o crescente e a estrela inclinadas, apontando para o emblema e para a parte superior da página turca.

O fato de o crescente e a estrela funcionarem como vetores que apontam para a parte superior da página indica que, em certa medida, a informação de cunho real faz referência à informação de cunho ideal, ou seja, as duas partes, apesar de separadas, não são estanques, se inter-relacionam por intermédio não só desses vetores mas também do emblema que pertence a ambas as partes. Quando da discussão sobre o emblema do serviço turco, as implicações dessa conexão entre a parte medial e a superior serão examinadas.

4.2.3

O Retrato de Atatürk

Por sobre a bandeira turca, especificamente sobre o crescente, o primeiro elemento da esquerda para a direita é o retrato em preto e branco do rosto de Atatürk. Vale notar, ainda uma vez, que o rosto do estadista está posicionado de uma tal forma que o contorno da lua na bandeira funciona como uma moldura para seu rosto. Esse posicionamento preciso, cuidando para encaixar o rosto do estadista no espaço delineado pelo crescente, possibilita várias interpretações. Uma possível leitura é vê-lo como um halo ou uma auréola, colocando Atatürk como um turco de alma 'iluminada', à semelhança do que se vê em certas imagens religiosas, em que um sinal de elevação espiritual seria a presença de uma auréola por sobre ou ao redor da cabeça daquele que é representado. Essa interpretação encontra eco no dado mencionado anteriormente, dando conta de que a figura de Atatürk tem sido cultuada por todo o povo turco em todas as esferas de sua vida pública desde sua morte, a ponto de seu retrato poder ser visto não só nos mais diversos prédios públicos e em todas as cédulas (dinheiro), mas também em residências de muitas famílias turcas (<http://www.answers.com/topic/mustafa-kemal-atat-rk>).

Da mesma forma, a presença do rosto de Atatürk em um lugar tão estratégico como é o centro do crescente na bandeira turca denota que a figura de Atatürk se confunde com o próprio Estado turco, sendo ele próprio um símbolo cívico nacional.

Neste ponto da discussão, é necessário discutir a relação entre o rosto de Atatürk e o crescente sob um outro prisma: em vez de considerar que o crescente seja uma espécie de aura para o estadista, é possível enxergar a figura de Atatürk ofuscando o crescente, tentando escondê-lo, por assim dizer. Essa leitura encontra respaldo histórico, pois Atatürk, ao derrubar o império otomano que reinava sobre o país, combateu veementemente a expressão da cultura islâmica, empenhando-se em promover a secularização de todo o país em várias frentes, por exemplo, banindo o alfabeto arábico, que foi substituído por um alfabeto de base latina, e também a indumentária islâmica, substituída pela ocidental (<http://www.answers.com/topic/mustafa-kemal-atat-rk>). Se entendida a partir desse referencial, a página do serviço de inteligência turco reforça essa visão do estado turco como um estado laico, já que salienta a imagem de uma pessoa em detrimento de um símbolo religioso, atitude que, em um estado islâmico, seria, muito provavelmente, condenada.

Discutidas então as implicações da posição do rosto de Atatürk na bandeira turca, o foco passa a ser o retrato do estadista em si, sobretudo, seu olhar. Seu rosto é mostrado de um ângulo quase frontal, estando apenas ligeiramente virado relativamente ao leitor. Trata-se do rosto de um homem de cenho franzido, linhas de expressão bastante pronunciadas e lábios cerrados, traços que lhe conferem uma aparência grave e circunspecta. Entretanto, o que há de mais marcante no retrato de Atatürk é o olhar que ele dirige ao leitor. Conforme assinalam Kress e van Leeuwen, uma figura cujo olhar confronta diretamente o espectador estabelece com ele alguma forma de contato. Atatürk, no caso, volta-se para o leitor com um olhar firme e penetrante, que talvez busque transmitir visualmente a promessa solene que é feita por escrito no lema: “Nós estamos a serviço da grande nação turca”. Percebe-se, inclusive, que o lema começa a ser escrito na altura da linha da boca do estadista. Dessa forma, o retrato de Atatürk na página parece funcionar como um porta-voz do serviço de inteligência turco e, nesse sentido, a imagem da instituição também parece se confundir com a imagem do estadista. Essa idéia voltará novamente à baila quando da discussão sobre o emblema turco mais abaixo.

4.2.4

O Emblema do MIT

A página turca, como se tem visto, é construída visualmente, ao longo do eixo horizontal, por meio de símbolos: da esquerda para a direita, distinguem-se a bandeira simbolizando a nação, o rosto de Atatürk simbolizando o estado laico e, por último, o emblema do serviço de inteligência turco, MIT, representando a instituição.

O emblema do MIT é composto por seis elementos, de fora para dentro, conforme mostra a figura abaixo: 1) coroa de louros; 2) anel dourado contendo dezesseis estrelas em sua metade inferior e o nome da instituição em turco em sua metade superior; 3) raios de sol que surgem por detrás do mapa da Turquia e avançam na direção das estrelas; 4) um globo com um mapa da Turquia em vermelho no centro; 5) o crescente e a estrela na cor branca; 6) o perfil esquerdo do rosto de Atatürk.



Figura 7 – os seis componentes do emblema turco

O sítio do MIT concede ao emblema um papel de destaque, disponibilizando, em sua segunda página, um link que diz “*The MIT Emblem*” e, clicando-se sobre ele, é possível acessar o significado que é atribuído pela instituição a cada uma das partes. Tendo, portanto, o próprio sítio do MIT como fonte, explicamos abaixo o significado de cada parte de seu emblema:

1. Coroa de louros – representa a política basilar estabelecida por Atatürk para a Turquia, “*Paz no país, paz no mundo*”.

2. Anel com dezesseis estrelas – as estrelas são os dezesseis estados independentes que compõem a República da Turquia.
3. Raios de sol – simbolizam o desenvolvimento das virtudes herdadas do passado e também o vínculo que o país estabeleceu com sua história.
4. Mapa da Turquia no globo – representa que a Turquia é um estado presente no mundo e que “*o mundo como um todo está dentro do campo de interesse do MIT*” (minha tradução).
5. O crescente e a estrela – são o símbolo de independência, integridade e unidade nacionais.
6. O perfil de Atatürk – “*representa a lealdade do MIT aos princípios e reformas de Atatürk*” (minha tradução).

Além de simbolizar valores defendidos pela instituição, há um outro aspecto do emblema do MIT que merece investigação. Como já salientado previamente, o emblema ocupa um lugar singular na composição turca, estando posicionado de forma tal que a linha que separa a parte superior da parte medial da página o “atravessa” na diagonal, dividindo-o ao meio, como mostra a ilustração abaixo:

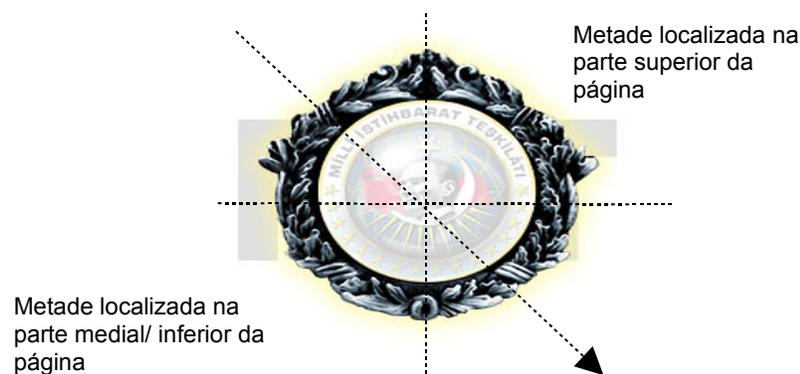


Figura 7 – moldura que divide o emblema turco ao meio

Esse posicionamento peculiar faz com que parte do emblema pertença ao espaço reservado para a veiculação de informação "real", concreta (abaixo da linha

diagonal) e parte ao espaço da informação idealizada, mais abstrata. O estudo da área onde se encontra a informação "real", a parte medial da página, demonstrou a grande relevância da figura (e a fala) de Atatürk e da bandeira nacional. Ora, Atatürk e seu pensamento são referências à história da Turquia; nesse sentido, o que é visto como informação concreta pela página do MIT é o passado do país, talvez por seu caráter imutável em relação ao momento presente. Já a bandeira diz respeito ao país Turquia, o território local e conhecido.

Sendo assim, se a associação entre “informação concreta” e “passado/território conhecido” for transposta para auxiliar na interpretação da posição ocupada do emblema, pode-se dizer que uma parte do MIT, aquela ilustrada pela porção abaixo da linha diagonal, reverencia e se prende ao passado bem como reverencia seu próprio país.

Entendimento semelhante está também articulado no significado de cinco dos componentes do emblema discriminados acima. As dezesseis estrelas e o binômio crescente-estrela são referências claras que o emblema faz ao próprio país. Quando explica o simbolismo dos raios de sol saindo por detrás do mapa da Turquia e avançando em direção às dezesseis estrelas, o texto diz que os raios representam as virtudes herdadas do passado e, de igual forma, o vínculo que o país guarda com sua história.

Vale notar, inclusive, que os raios de sol apontam para baixo e, em sua maioria, pertencem à metade do emblema posicionada na parte medial da página. Os outros componentes que agregam a idéia de passado ao emblema são a presença do rosto de Atatürk e a coroa de louros. A coroa de louros está intimamente ligada ao retrato do estadista, pois ilustra a política pacifista, supostamente defendida por ele. Com relação ao rosto do estadista em si, há dois aspectos para os quais se deve atentar.

O primeiro diz respeito à sua posição no emblema: não só ocupa o centro e se superpõe ao mapa da Turquia e ao crescente, como também permite que bem acima de sua cabeça esteja a estrela do binômio crescente-estrela. Em outras palavras, o rosto de Atatürk é o elemento de maior saliência visual no emblema do serviço de inteligência turco.

Afora sua posição no emblema, o segundo aspecto a ser considerado com relação ao rosto do estadista é o fato de que ele é mostrado, não de frente, como anteriormente, mas, de perfil, mais especificamente, seu perfil esquerdo. Não há, neste caso, um olhar fitando o leitor e estabelecendo contato com ele. Ao contrário, não se sabe o que ou quem o estadista contempla. Na composição montada na página, Atatürk está voltado para a parte medial da página, ou seja, está voltado para o passado. Lembrando que o emblema é o símbolo da instituição, ao utilizar a imagem de uma pessoa cujo olhar não confronta o espectador, o que, de certa forma, corresponderia a um olhar que evita o olhar do espectador, a instituição cria a impressão de que não estaria aberta ao escrutínio público, reforçando, dessa maneira, o estereótipo de secretismo associado aos serviços de inteligência.

Resta ainda explorar a metade do emblema que figura na parte superior da página turca. Afirmou-se previamente que essa área da página equivaleria ao espaço em que se concentra a informação de conteúdo idealizado, mais abstrato. A única informação presente nessa parte, à exceção do próprio nome da instituição, é aquela trazida pelo emblema, que possui uma metade localizada acima da divisória diagonal. Em razão desse fato, faz-se necessário retornar aos componentes do emblema e seus significados, de acordo com o sítio do serviço de inteligência turco. O significado de um dos componentes, o mapa da Turquia no globo, se mostra particularmente esclarecedor nesse mister. De acordo com o texto do sítio, o mapa da Turquia no globo significa que o mundo como um todo é objeto de interesse para o serviço de inteligência turco. Esse é o único componente cujo significado faz menção da relação entre a Turquia e o mundo, ao contrário dos demais componentes, que se referem exclusivamente à Turquia. No entanto, mais que fazer mera menção da relação entre a Turquia e o mundo, o significado desse componente revela qual é a natureza dessa relação do ponto de vista do MIT: para a instituição, todo o mundo é alvo de seu interesse. Nesse sentido, há no emblema do serviço turco uma faceta que permite vislumbrar suas aspirações e interesses extraterritoriais, ou seja, uma parte do emblema realmente se alinha não com o passado e o território conhecido, mas, com o presente e o futuro e o mundo para além das fronteiras turcas. Dessa forma, esse conflito interno de valores parece encontrar expressão visual na ambigüidade

conferida ao emblema da instituição com o seu posicionamento dúbio: metade na parte idealizada, metade na parte concreta.

Antes de dar por encerrada a análise visual da página do serviço turco, um último elemento visual da parte superior merece breve discussão: a cor cinza metálico dégradé, que, a bem da verdade, é utilizada também na parte inferior da página como uma espécie de arremate. Na tela do computador, a parte superior da página se assemelha a uma peça em metal polido, efeito que é minimizado quando a página é impressa em papel. O intuito da utilização dessa cor parece ser a criação de uma moldura de ar arrojado e moderno, viabilizada pela tecnologia. Essa leitura associando à cor cinza a idéia de modernidade confirma a hipótese aventada acima de que a parte superior da página turca concentra informação cujo conteúdo se vincula à noção de presente e de futuro.

5

Análise da Página Inicial dos Serviços de Inteligência Italianos - Servizi di Informazione e Sicurezza della Repubblica Italiana / Italian Intelligence and Security Services

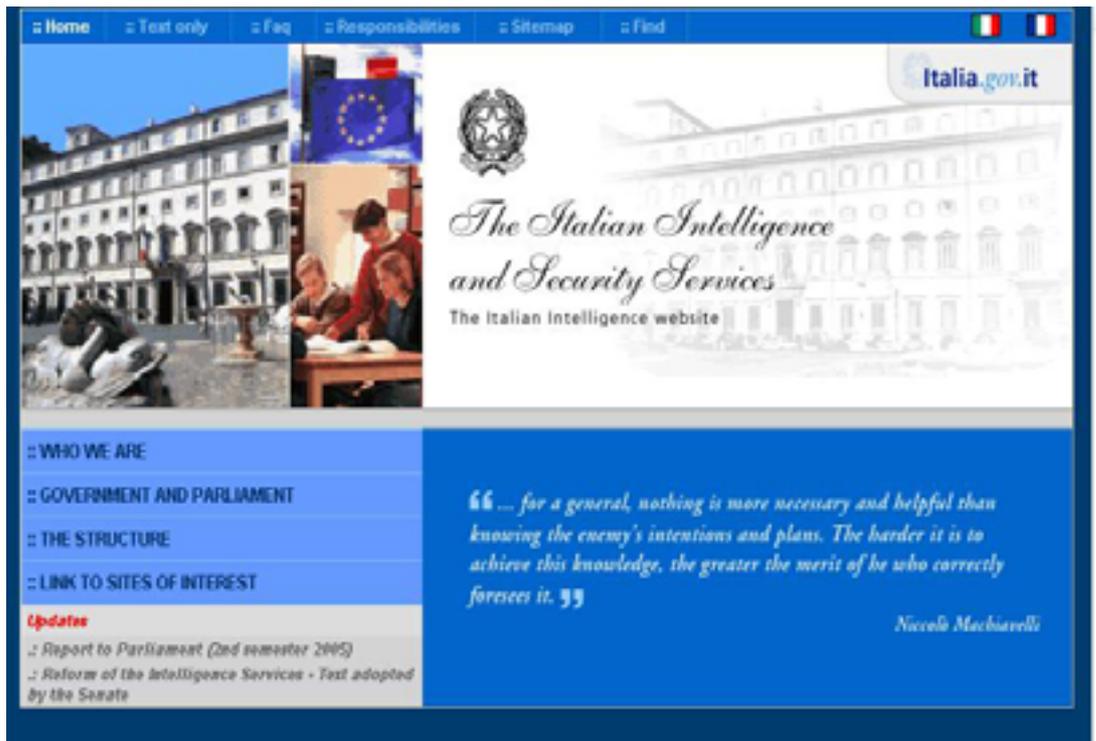


Ilustração 2 – home page dos Serviços de Inteligência italianos

Para a discussão da página italiana, é necessária uma observação preliminar referente ao fato de que se trata de uma página que não representa uma única instituição de inteligência. Esse dado fica evidente ao atentarmos para o nome dado ao serviço, ou melhor, serviços: “*Italian Intelligence and Security Services / Serviços de Inteligência e Segurança Italianos*”. Para identificar quantas e quais seriam as instituições abarcadas, clicamos no link “WHO WE ARE” (QUEM SOMOS), que aparece no canto inferior esquerda da página inicial. De acordo com as informações obtidas, a Itália dispõe de dois órgãos de inteligência, denominados *Intelligence and Military Security Service / Serviço de Inteligência e Segurança Militar*, ou SISMI, e

Intelligence and Democratic Security Service / Serviço de Inteligência e Segurança Democrática, ou SISDE. Ao contrário do que acontece na maioria dos países que contam com dois órgãos de inteligência, em que um deles se encarrega do campo interno e outro, do externo, na Itália, não é área de atuação geográfica que distingue o SISMI do SISDE. O SISMI se reporta ao Ministro da Defesa e é responsável “pela defesa militar da independência e da integridade do Estado” (minha tradução). O SISDE, por sua vez, está sob a autoridade do Ministro do Interior, e atua “em defesa do Estado democrático e das instituições contra qualquer ataque e todas as formas de subversão” (minha tradução). Dessa forma, embora esta informação não esteja claramente exposta no sítio, parece-nos que os serviços de inteligência italianos estão assim divididos: ameaças à soberania do país são de responsabilidade do SISMI, o órgão militar; já ameaças às instituições e ao Estado democrático estão a cargo do SISDE, o órgão civil.

O exposto acima é de relevância para a análise a seguir porque é preciso ter em mente que, no caso italiano, ao contrário do que acontece com as demais páginas aqui estudadas, duas instituições distintas lançam mão de uma mesma página para representá-las, começando por um mesmo “lema”.

5.1 ANÁLISE VERBAL DO “LEMA”

“Para a pessoa cuja mente é militar, a sugestão de um regime que não mantenha nenhum segredo militar pode ser tomada como uma afronta.”

Albert Einstein

“ . . . for a general, nothing is more necessary and helpful than knowing the enemy's intentions and plans. The harder it is to achieve this knowledge, the greater the merit of he who correctly foresees it.”

Niccolò Machiavelli

(. . . para um general, nada é mais necessário e útil que conhecer as intenções e planos do inimigo. Quanto mais difícil é conseguir esse conhecimento, maior o mérito daquele que corretamente o antecipa.)

“Lema” talvez não seja a palavra mais adequada para nos referirmos ao texto acima, citação que aparece na página inicial dos serviços italianos. Contudo, o seu conteúdo revela tanto uma concepção específica do que vem a ser inteligência quanto uma avaliação da relevância daqueles que se ocupam dessa atividade. Nesse aspecto, a citação italiana também revela algo sobre os valores pelos quais, supostamente, suas instituições de inteligência se pautam, tal como aconteceu com o lema anterior. Sendo assim, apesar da imprecisão do termo, nos permitiremos mantê-lo ao longo desta parte da análise.

Ao iniciarmos a leitura do lema da página italiana, vemos que, na verdade, ele é um fragmento de um texto maior. A abertura do texto por reticências deixa claro que quem quer que tenha procedido à edição do texto original o submeteu a um recorte. Essa manipulação do texto estabeleceu palavras outras, que não as originais, para a posição inicial no lema que ora analisamos e, ao fazê-lo, trouxe implicações para a sua estrutura temática, como veremos mais abaixo.

Um outro aspecto do lema que se faz notar, se o compararmos com o lema anteriormente analisado, é que, no caso italiano, tem-se um texto um pouco mais intrincado, um período composto por uma oração e um complexo oracional e, não, uma oração única e independente, como foi o caso na outra página.

Chama também a atenção a reiteração de um mesmo conceito, “*know / conhecer*”, que aparece na nominalização *knowing/conhecer*”, e no substantivo “*knowledge/conhecimento*”. “*Know*” e suas formas derivadas são palavras intimamente associadas à atividade de inteligência, que, como mencionado na introdução deste trabalho, é definida como atividade de “produção de conhecimento”. Outra expressão típica do jargão de inteligência é “necessidade de conhecer”, à qual se faz menção para justificar a existência de uma classificação sigilosa para documentos: certas informações devem ser repassadas somente àquelas pessoas que têm necessidade de conhecê-las. A presença dessas palavras é, portanto, uma

referência inequívoca à atividade de inteligência, que, no entanto, só é manifesta para aqueles leitores familiarizados com o jargão da área.

Ainda com relação a outras unidades lexicais utilizadas no lema, sem descer a especificidades, o que será feito na seção sobre as escolhas lexicais, os vocábulos “*general*” e “*enemy*” são itens associados à guerra. O lema italiano, dessa forma, une a idéia de inteligência à idéia de guerra, conflito, competição. Como vimos na página turca, e veremos na página australiana, em nenhum dos textos, há referência direta e aberta à noção de conflito; entretanto, essa é a verdadeira natureza da atividade de Inteligência.

Na próxima seção, procederemos à análise temática do lema italiano, que será dividida em duas etapas: uma macro e uma micro. Na macroanálise, será discutida a estrutura temática do complexo oracional e dos complexos entre si. Na micro, o foco será a estrutura temática dentro de cada oração.

5.1.1

ANÁLISE TEMÁTICA

5.1.1.1

MACROANÁLISE TEMÁTICA

O lema italiano é um período composto por uma oração e um complexo oracional cuja separação se faz por intermédio do primeiro ponto (sinal de pontuação). A primeira oração, que chamaremos aqui de oração 1, é então:

. . . for a general, nothing is more necessary and helpful than knowing the enemy's intentions and plans.

E o complexo oracional, que chamaremos de complexo oracional 2, é:

The harder it is to achieve this knowledge, the greater the merit of he who correctly foresees it.

Examinando, primeiramente, a estrutura temática das duas partes, obtemos, em cada uma delas o que mostra o esquema abaixo:

... for a general, nothing // is more necessary and helpful than knowing the enemy's intentions and plans.

tema 1

rema 1

The harder it is to achieve this knowledge, // the greater the merit of he who correctly foresees it.

tema 2

rema 2

O desmembramento acima mostra que o avanço do texto da oração 1 para o complexo oracional 2 se dá com a retomada do rema 1, *knowing*, pelo tema 2, *knowledge*, o que vem a ser um padrão discursivo típico da língua inglesa (McCarthy, 1991).

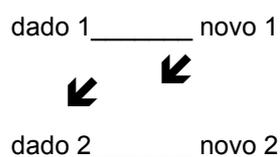
tema 1 _____ rema 1

↙ ↘
tema 2 _____ rema 2

No tema 1, estabelece-se como primeiro plano a idéia de que existe, “*for a general/para um general*”, algo imprescindível e, ao longo de toda a oração, essa informação é retida, mantida “em suspense”, por assim dizer. É necessário ler o rema 1 até o fim para descobrir aquilo que vem a ser fundamental para um general. Dessa forma, a estrutura temática (tema-rema) na oração 1 coincide com a estrutura de informação (dado-novo).

O tema 2, por sua vez, desempenha papel semelhante no que concerne à estrutura dado-novo, ou seja, também estabelece o tópico (dado) a respeito do qual algo será comunicado (novo): a informação presente no rema 2 é sobre o tema 2, a dificuldade de obtenção de conhecimento.

Além de destacar o assunto sobre o qual algo novo será dito, cabe ao tema 2 também estabelecer a ligação com a oração 1 por meio da utilização da palavra *knowledge*, que recupera o segundo elemento da comparação do rema 1, *knowing the enemies' intentions and plans*.

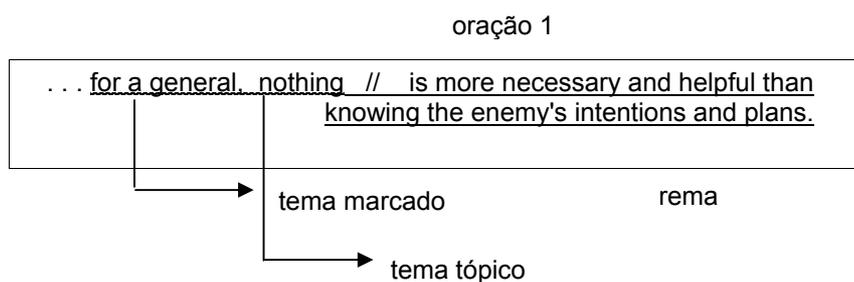


A macroestrutura temática e a macroestrutura informacional assim organizadas conferem ao lema italiano fluência e coesão.

5.1.1.2

MICROANÁLISE TEMÁTICA

Consideraremos, agora, a estrutura temática das orações que compõem cada uma das partes em separado. Desmembrando a primeira oração, obtemos:



Na primeira oração, o tema é marcado. Trata-se de um adjunto circunstancial, um sintagma preposicionado deslocado: “*for a general/para um general*”, o qual não coincide com o tema tópico, sujeito da oração, “*nothing/nada*”. A utilização de um tema marcado revela o intuito, não do autor especificamente, neste caso, mas do

editor e/ou tradutor da citação¹, de destacar o adjunto circunstancial da oração, cuja posição típica seria após o *finito + predicador: sujeito + (finito + predicador) + complemento + adjunto*. A oração com um tema não-marcado seria: *Nothing is more necessary and helpful for a general. . .*

A posição inicial na primeira oração é relevante porque define de que ponto de vista o texto fala. Neste caso, o ponto de partida para a mensagem não é um constituinte esperado e, conseqüentemente, cria no leitor uma expectativa, em termos de desdobramento sintático do restante da oração, distinta daquela que seria criada por um tema não marcado. Ademais, “*for a general*”, em posição temática, pode também ativar no leitor um esquema cognitivo que antecipa um campo lexical associado a esse profissional, por exemplo, *the military/militares, armed forces/forças armadas, war/guerra, command/comandar, decide/decidir* e seus respectivos hipônimos e hiperônimos, entre tantos outros. Essa expectativa do leitor é confirmada no rema desta oração, como veremos mais adiante.

Observando agora o rema da oração primária, “*is more important and useful than knowing the enemy's intentions and plans*”, percebe-se que, nele, há o uso de um item lexical que remete ao tema. Todavia, o rema cumpre um papel bastante relevante nesta oração, que é o de avaliar de maneira muito positiva o valor da informação antes de revelar o teor da informação. Assim, ao leitor é dito que algo é mais importante e útil que tudo para um general, sem lhe dizer efetivamente o quê. O rema “*adia*” a essência da mensagem, mantendo-a em suspense, por assim dizer, fazendo com o que o leitor tenha de ler até o fim da oração para compreendê-la.

Ao optar-se pela estrutura comparativa “*nothing is more important and useful than knowing the enemy's intentions and plans*”, fica automaticamente determinada a ordem da oração, que será fixa neste caso, ou seja, não é possível dizer “*than knowing the enemies' intentions and plans is more important and useful nothing*”. Se uma estrutura alternativa, em termos semânticos, houvesse sido utilizada, por exemplo, em vez de “*Nothing is more important and useful*”, o equivalente “*the most important and useful thing is*”, a ordem da estrutura não seria fixa. Poder-se-ia dizer, “*the most*

¹ No texto original, em italiano, não é o adjunto circunstancial “*for a general*” que aparece em posição temática.

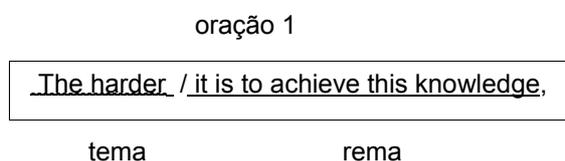
important and useful thing is knowing the enemies' intentions and plans”, ou, de igual forma, *“knowing the enemies' intentions and plans is the most important thing”*. Portanto, a utilização do comparativo em vez do superlativo coopera para que a essência da informação, o elemento novo, seja projetada para o fim da oração.

Um outro aspecto que contribui para essa projeção é o fato de que *“nothing”*, o primeiro elemento da comparação é um pronome indefinido, cujo conteúdo semântico é vago e indeterminado, e lança a carga informacional propriamente dita para o segundo elemento da comparação.

Se atentarmos agora para o segundo elemento da comparação *“Than knowing the enemy's intentions and plans”*, podemos ver que *“Knowing”* é o objeto da mensagem, o assunto sobre o qual existe algo a dizer. Retomando um dos pontos da introdução desta discussão, *“know”* e derivados são vocábulos que fazem parte do universo da inteligência. É então nessa palavra que o lema italiano alude à atividade.

No complemento de *“knowing”*, por sua vez, encontra-se aquilo que a atividade de inteligência busca saber: *“the enemies' intentions and plans/as intenções e os planos dos inimigos”*. Neste ponto, o leitor é exposto à totalidade da mensagem da oração 1: que tipo de conhecimento, para um general, é o mais importante e útil. Além de “dar fim ao suspense” criado pela estrutura da oração, as palavras que compõem o segundo elemento da comparação são bastante reveladoras do espírito da atividade. *“Intentions”* e *“plans”*, por um lado, salientam a natureza proativa da atividade, que, idealmente, busca conhecer, com antecedência, o que se pretende fazer e não, simplesmente, tomar ciência do que já foi feito. Por outro lado, a utilização de um termo como *“enemies”*, que resgata o início da enunciação, por se enquadrar no esquema cognitivo ao qual a palavra *“general”* pertence, é um reconhecimento claro, levemente insinuado pela palavra *“general”*, de que inteligência implica mesmo um conflito, uma guerra pela proteção de interesses. O lema dos serviços italianos é, portanto, um texto que aborda a perspectiva a partir da qual a inteligência trabalha, a do conflito permanente, e também o seu objetivo, o de antecipar os movimentos do inimigo.

Prosseguindo para o complexo oracional 2, começamos com identificação do tema e rema da primeira oração:



Nessa oração, o tema, “*the harder*”, e o sujeito, “*to achieve this knowledge*”, novamente não coincidem, o que resulta então em uma outra estrutura temática marcada. O ponto de partida da oração, aquilo que o autor escolheu destacar é, portanto, o grau de dificuldade na consecução de algo, algo que o rema vai identificar como a obtenção de conhecimento.

“*The harder*” desempenha, igualmente, uma outra função. O termo desencadeia o conhecimento sintático do leitor de forma que, ao deparar com a forma comparativa de um adjetivo precedido de *the*, espera encontrar a mesma estrutura na oração seguinte, que é o que efetivamente acontece. Esse tipo de estrutura (*the harder...*, *the greater...*) é conhecido na gramática da língua inglesa como *comparative correlative/ correlativa comparativa*.

Embora dotada de várias características bastante peculiares, para não fugir ao escopo deste trabalho, a análise ficará circunscrita a apenas duas dessas características. A primeira delas é a maneira incomum pela qual as orações estão interligadas na construção comparativa correlativa: sintaticamente, trata-se de uma relação de parataxe ou coordenação, pois não há nenhuma conjunção unindo-as. A segunda característica é a existência de uma evidente relação de hipotaxe ou subordinação entre as duas orações, do ponto de vista semântico, na qual a primeira oração é sempre a dependente (Dikken, 2005).

Sendo assim, tal como aconteceu na oração 1, a ordem das orações no complexo 2 não permite inversão; não é possível dizer, “*The greater the merit of he who correctly foresees it, the harder it is to achieve this knowledge*”*. Tampouco é possível a inversão dos componentes dentro de cada uma das orações, “*to achieve this*

knowledge it is the harder” *. Portanto, a escolha por uma oração com estrutura correlativa comparativa pressupõe uma outra oração de mesma estrutura. Nesse sentido, o tema da oração 1 transmite ao leitor, de forma bastante sintética, informação que o ajuda a processar a mensagem em vários níveis.

O segundo elemento da comparação na oração 1, reiterando o que foi dito na macroanálise, por sua vez, cumpre outro papel, não menos importante. É ele quem retoma o termo “*knowing*” da oração 1, lançando mão da forma “*knowledge*”, conferindo coesão ao texto.

Por último, consideremos a estrutura temática na oração do complexo 2:

oração 2

<u>The greater / the merit of he who correctly foresees it.(is)</u>	
---	--

tema

rema

Tal qual aconteceu na primeira oração do complexo 2 analisada acima, na segunda oração, o tema também é marcado, “*the greater*”, e o sujeito é “*the merit of he who correctly foresees it*”. A estrutura temática da oração privilegia, como na oração anterior, a qualidade, o tamanho do mérito de quem antecipa conhecimento, não o mérito em si.

No complexo oracional 2 como um todo, mas sobretudo na oração 2, está expressa a medida do valor dos profissionais que obtêm o conhecimento acerca dos planos do inimigo. Essa auto-avaliação positiva soa como uma estratégia de *marketing* institucional, visando persuadir o leitor da relevância da instituição de inteligência em geral, e da italiana, em particular. E, ainda uma vez, a alusão clara às pessoas que trabalham com inteligência é, novamente, exclusividade do lema italiano.

Um derradeiro ponto para que se deve atentar é que, semelhantemente ao lema anteriormente discutido, o lema italiano também é uma citação. No entanto, não se trata de uma citação assinada por um estadista local, tal como no caso da Turquia. O autor da citação é Nicolau Maquiavel, expoente do Renascimento italiano, conhecido, sobretudo, por sua contribuição para a teoria política. O texto de Maquiavel não passa

ao largo do conceito de inteligência, antes o expõe abertamente, sem o esconder atrás de eufemismos ou linguagem vaga. Soma-se a isso, na segunda parte do texto, uma apreciação muito favorável da importância dos profissionais de inteligência.

Ao fazer uso de uma citação de um filósofo italiano consagrado pela história, a página italiana parece querer angariar respaldo intelectual para as idéias que defende. Além disso, o lema, de igual forma, valendo-se da autoridade de Maquiavel, busca a aprovação do leitor, tanto local quanto estrangeiro, em relação a essas idéias, sobretudo àquela que concerne a relevância dos agentes de inteligência.

5.2

ANÁLISE VISUAL DA PÁGINA ITALIANA

“Nem todo mundo acredita em pinturas, mas as pessoas acreditam nas fotografias”.

Ansel Adams

Em termos macroanalíticos, a página italiana pode ser descrita como uma composição visual dividida em quatro grandes campos (ver anexo 2): 1) o campo superior esquerdo, onde se vêem três conjuntos, contendo três fotografias cada, as quais se alternam de forma continuada na página²; 2) o superior direito, no qual se distinguem, em primeiro plano, o brasão italiano, o endereço eletrônico do governo italiano e o nome dos serviços de inteligência e segurança e, em segundo plano, contornos de um grande edifício histórico; 3) o campo inferior esquerdo, área reservada para alguns dos links, os quais aparecem sobre um fundo azul, e para notícias recentes sobre os serviços, as quais aparecem em tamanho menor sobre um fundo cinza; 4) o campo inferior direito, em que se lê a citação de Machiavel, discutida na seção anterior, escrita em branco por sobre um fundo azul real;

² Na página impressa, não se pode reproduzir essa alternância dinâmica dos conjuntos de fotos. Dessa forma, na Imagem 2, só se vê um dos três conjuntos de fotos.

O recurso visual que viabiliza a organização do texto em quatro campos é a utilização de linhas divisórias, também conhecidas por molduras. Um exame mais detido da página italiana revela uma profusão de molduras, além daquelas que demarcam os campos descritos acima; elas se fazem notar, sobretudo, nos campos do lado esquerdo e no extremo topo da página.

A análise visual, portanto, será estruturada em função desses dois macroelementos até aqui identificados: as molduras existentes na página como um todo e a maneira como estão organizados os quatro campos nela demarcados.

5.2.1

A FAIXA AZUL NO TOPO DA PÁGINA

O ponto de partida da discussão será o topo da página, onde se distingue uma faixa bastante estreita, de largura inferior a 1cm, e cuja cor de fundo é o azul real. Nessa área, encontra-se um menu de opções, com oito links, sendo seis em forma de palavra, separados por barras horizontais (molduras) e dois em forma pictórica, duas bandeiras, a italiana e a francesa, indicando em que línguas, além do inglês, a página está disponível.

O primeiro aspecto a ser abordado com relação a essa faixa é que ela se repete, com a mesma forma e o mesmo conteúdo, em todas as demais páginas do sítio de inteligência italiano, ou seja, ela não é um componente exclusivo da página inicial. Tal fato indica que, em certa medida, a faixa azul pode ser vista como uma moldura superior para o que seria efetivamente a página inicial em si, razão que explica o pouco espaço que lhe é destinado.

Um outro aspecto da faixa que merece atenção é o fato de que ela é azul em toda a sua extensão: tanto no fundo quanto na fonte em que os links estão escritos. A cor azul, como será destacado ao longo desta análise, predomina nos campos inferiores da página e é a cor da fonte com que são escritos os links e o endereço eletrônico do governo italiano. Apesar de não estar presente na bandeira nacional,

cujas cores são o verde, o branco e o vermelho, o azul é a cor-símbolo da Itália, como se pode observar nos uniformes utilizados pelas equipes italianas em competições esportivas internacionais e, também, em sítios governamentais oficiais na internet. A origem desse símbolo está na antiga casa real italiana, a casa de Savóia, cujo brasão imperial tinha como cor predominante o azul claro (<http://en.wikipedia.org/wiki/Blue>). Portanto, a cor azul, não só na faixa, mas nas demais partes em que aparece na página, é um recurso que afirma e reafirma a identidade italiana e, ao fazê-lo, parece reiterar a idéia de que a atividade de inteligência é uma atividade de estado: os serviços de inteligência e segurança italianos estão a serviço da Itália.

Feitas essas observações acerca da pequena área azul que ocupa o topo da página italiana, nas próximas seções, será examinada a organização dos quatro campos ao longo do eixo horizontal e vertical, respectivamente.

A maneira como estão dispostos os quatro campos que compõem a página italiana permite que se faça a análise dos mesmos tanto em relação ao eixo vertical quanto horizontal. Pode-se comparar os campos do lado esquerdo com os do lado direito, ou comparar os campos superiores aos inferiores como mostra o esquema abaixo:

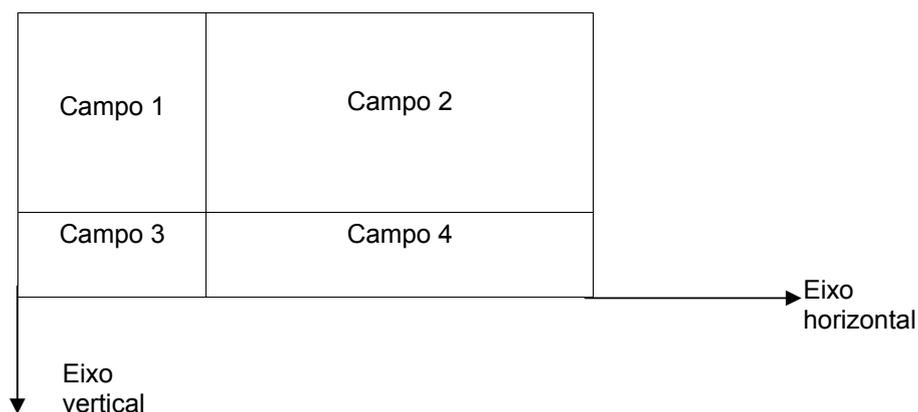


figura 9 – a página italiana dividida em 4 campos

5.2.2

ANÁLISE AO LONGO DO EIXO HORIZONTAL

Segundo Kress e Van Leeuwen (1996), numa composição estruturada ao longo do eixo horizontal, a informação, seja ela verbal ou visual, tende a ser organizada da seguinte maneira: no lado esquerdo da composição, concentra-se a informação que os autores chamam de informação “dada”, que é a informação de conteúdo conhecido, familiar; no lado direito da composição, encontra-se a informação cujo conteúdo é novo para o leitor.

Se observada sob esse prisma, a página italiana pode ser dividida em *lado esquerdo*, englobando os campos 1 e 3, e *lado direito*, os campos 2 e 4. Os campos 1 e 3 seriam o espaço reservado para a informação conhecida e os campos 2 e 4, para a informação “nova”, como mostra o esquema que se segue:

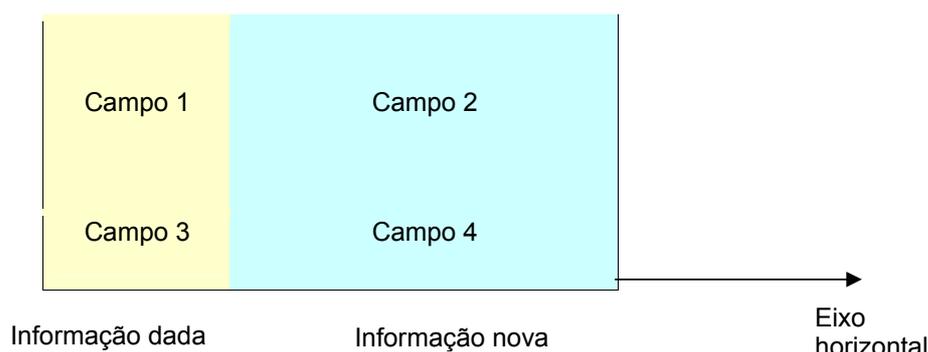


Figura 10 – os 4 campos divididos ao longo do eixo horizontal (lado esquerdo e direito)

Por intermédio do esquema acima, vê-se que o espaço da página italiana não se divide igualmente entre os campos 1 e 3 e campos 2 e 4. A área reservada para a informação “nova” é significativamente maior que a reservada para a informação “dada”.

5.2.2.1

O LADO ESQUERDO DA PÁGINA ITALIANA

Nos campos 1 e 3, a informação é expressa por meio de: a) 3 conjuntos de 3 fotos que se sucedem continuamente; b) um menu com links que dão acesso a informações, e c) um “submenu” com notícias sobre o serviço de inteligência.

As três fotos de cada conjunto são separadas por linhas divisórias. Examinando, em primeiro lugar, o conteúdo de cada um dos três conjuntos de fotos, obtém-se o seguinte:

- no conjunto 1, distinguem-se, no sentido horário, um aglomerado de pessoas caminhando em uma rua, uma sessão no parlamento, uma bandeira italiana; o aglomerado é um recorte de uma foto maior que pode ser vista no conjunto 3.
- no conjunto 2, vê-se a fachada de um prédio público antigo; presume-se que seja esse o prédio em que funcionam os serviços de inteligência e segurança italianos porque a fachada vista na foto é a mesma fachada que se vislumbra no esboço desenhado no campo 2 e também porque é possível identificar a bandeira italiana pendendo acima da entrada, na altura do segundo andar, o que leva a crer que se trata de um prédio público. Além do prédio, neste conjunto, é possível ver uma foto com a bandeira da União Européia e uma outra que mostra três jovens estudando.
- no conjunto 3, pode-se ver uma foto do mesmo prédio público antigo que aparece no conjunto 2; aqui, no entanto, a foto parece ter sido tirada de uma distância menor e mostra apenas a entrada do prédio; as outras duas fotos mostram, respectivamente, um homem à frente de um computador e um aglomerado de pessoas caminhando na rua.

Todos os conjuntos acima exibem imagens facilmente reconhecidas: pessoas / cidadãos italianos, lugares / edifícios urbanos, atividades políticas, comezinhas e intelectuais, e símbolos de um país e de um bloco econômico. No entanto, afora a identificação item a item, é possível discernir nas fotografias, se consideradas como

um todo, facetas de um mesmo conceito, o conceito de sociedade democrática. Todas as imagens podem ser entendidas, em alguma medida, referências a valores democráticos e ao estilo de vida ocidental urbano; por exemplo, o povo nas ruas ilustrando a liberdade de ir e vir dos cidadãos; o parlamento, simbolizando o governo conduzido por representantes legitimamente eleitos pelo povo; os edifícios públicos indicando as instituições democráticas e, as bandeiras simbolizando um país democrático e um bloco econômico formado por países democráticos. Até mesmo o movimento contínuo dos três conjuntos de fotos sucedendo um ao outro pode ser entendido como uma referência à democracia, uma vez que uma das características do regime democrático é a constante alternância do poder.

Sendo assim, pode-se concluir que, no lado esquerdo da página italiana, o conceito de democracia é apresentado como informação conhecida e familiar. Esse fato parece evidenciar que quem concebeu a página italiana partiu do princípio de que, para qualquer visitante, democracia não seria uma informação "nova".

O outro elemento presente no lado esquerdo da página é um menu, formado por links que dão acesso a informações e um "submenu" chamado *Updates/Novidades*, que traz notícias sobre a instituição também em forma de links.

O menu é um componente típico de páginas da web - sejam elas pessoais ou institucionais -, dessa forma, não constitui nenhuma inovação para um usuário médio da internet. Além disso, os links na página inicial são a informação propriamente dita, portanto, quando se lê *WHO WE ARE/QUEM SOMOS, GOVERNMENT AND PARLIAMENT/GOVERNO E PARLAMENTO, THE STRUCTURE/A ESTRUTURA, LINKS TO SITES OF INTEREST/LINKS PARA SÍTIOS DE INTERESSE*, sabe-se de antemão que o conteúdo informacional efetivamente novo estará disponível ao clicar-se sobre o link. Nesse sentido, o menu pode ser entendido como informação dada, conhecida.

Já o submenu *Updates*, no dia em que a home page foi capturada, trazia duas 'manchetes' sobre os serviços: a primeira diz *Report to Parliament (2nd semester 2005)/Relatório para o Parlamento (2º semestre de 2005)* e a segunda diz *Reform of the Intelligence Services (Text adopted by the Senate)/Reforma dos Serviços de Inteligência (Texto adotado pelo Senado)*. Esses links 'transgridem' a organização

descrita acima, pois trazem informação "nova", sobretudo o segundo, que é o único item no lado esquerdo da página a fazer referência explícita às instituições de inteligência.

Vale ressaltar, entretanto, que, justamente a esse espaço do lado esquerdo que é portador de conteúdo novo, é reservada a menor área e a menor saliência visual, não só no que tange ao lado esquerdo, mas em relação à página como um todo. Essa tentativa de minimizar a visibilidade dessa área da página demonstra que o submenu *Updates / Novidades*, apesar de portador de conteúdo novo, é visualmente concebido como uma área que concentra informação de pouca importância, o que não é, normalmente, o tratamento dispensado às áreas em que se concentra a informação "nova", como será visto na próxima seção.

Os recursos visuais empregados expressam nessa porção da página a idéia de “menos importância” em relação às demais. Primeiramente, a área ocupada pelo menu e a área ocupada pelo submenu estão claramente separadas por uma moldura cinza. Em segundo lugar, a área ocupada pelo submenu é diminuta se comparada à do menu. Outra característica que diferencia as duas áreas é a cor de fundo que apresentam, o submenu é escrito em vermelho por sobre um fundo cinza, o menu é escrito em azul escuro por sobre um fundo azul real. E, além disso, a fonte utilizada no submenu é significativamente menor que a utilizada no menu.

A discussão acima evidencia que o lado esquerdo da composição italiana apresenta como informação supostamente conhecida: a) o conceito de sociedade democrática; b) o papel do menu e submenu em uma página da internet; c) descaracteriza parte da informação "nova", concentrada no submenu, apresentando-a como se fosse informação conhecida e sem relevância. Observemos agora a organização da informação no lado direito da página.

5.2.2.2

O LADO DIREITO DA PÁGINA ITALIANA

Como se apontou anteriormente, quando comparado ao lado direito, torna-se claro que o lado esquerdo da página italiana ocupa um espaço muito maior dentro da composição. Essa constatação tem justificativa, dentro da teoria que dá suporte a este estudo, no fato de que o lado direito, composto pelos campos 2 e 4, é a área da página que concentra a informação "nova", ou seja, ao "novo" se atribui maior destaque que àquilo que é conhecido.

A informação "nova" no campo 2 é trazida, em primeiro plano, pelo brasão italiano, o endereço eletrônico do governo italiano, o nome dos serviços de inteligência e segurança e, em segundo plano, pelos contornos de um grande edifício histórico. No campo 4, a informação "nova" é a citação de Maquiavel, que denominamos de lema da instituição.

Como os elementos citados acima indicam, é no lado direito da página que os serviços de inteligência e segurança italianos são mencionados explicitamente. O nome dos serviços aparece em fonte que imita a escrita cursiva, talvez buscando criar uma maior aproximação com o leitor. Há também que se atentar para o esboço da fachada do edifício que serve de segundo plano para o nome dos serviços. Conforme foi adiantado quando da discussão sobre o lado esquerdo, o edifício esboçado em segundo plano parece ser o mesmo edifício que é retratado em duas das nove fotos descritas naquela seção. Embora não se tenha encontrado, nesta pesquisa, comprovação de que verdadeiramente se trata do edifício em que funcionam os serviços de inteligência e segurança italianos, o contexto leva a crer que é este o caso. De forma semelhante, durante a seleção do corpus, o exame de outras páginas de serviços de inteligência mostrou que várias delas apresentam uma foto do edifício-sede do serviço, às vezes acompanhada de endereço.

Em razão desses índices, a assunção aqui será de que o esboço mostra a fachada da sede dos serviços de inteligência e segurança italianos. Sendo assim, cabe então perguntar o porquê da presença dessa imagem específica na página italiana. Uma resposta possível diz respeito ao estigma do secretismo que está associado aos serviços de inteligência. Ao exibir a sede onde funcionam, os serviços estariam

tentando desconstruir a idéia preconcebida de que tudo que está associado à atividade não pode vir a público, mostrando que o local que centraliza a atividade não é um local secreto e, sim, um local de trabalho como outro qualquer.

Se for mesmo esse o intuito do esboço (e das duas fotos), mostrar ao público o edifício-sede dos serviços italianos para amenizar o estereótipo de secretismo, é preciso ressaltar que a página italiana não aborda a questão de modo direto e eficaz. Em primeiro lugar, a imagem escolhida é um esboço sem muita nitidez. Aliado a isso, há o fato de que a fachada do edifício é exibida de forma ligeiramente oblíqua e não exatamente de frente em relação ao plano da página (no esboço e nas fotos). Ao mostrar o edifício sob esse ângulo, a página italiana compromete o envolvimento do leitor. Imagens que exibem participantes - sejam eles pessoas, objetos ou edifícios - frontalmente engajam a atenção do observador, ao passo que as exibidas obliquamente mantêm o observador à distância (Kress e Van Leeuwen, 1996). Finalmente, chama a atenção a total ausência de qualquer referência ao prédio, quer na própria página, quer no sítio. A escolha por essa forma de apresentar o edifício-sede dos serviços revela uma certa reserva por parte da instituição em vir a público. Percebe-se aí um conflito entre o entendimento de que é necessário trabalhar para desfazer uma imagem negativa e o receio de se expor ao escrutínio da população em geral.

Afora o nome e o esboço do edifício-sede dos serviços, é também no lado direito da página que a ligação entre os serviços de inteligência e segurança e o estado/governo fica patente. Essa ligação fica explícita com a presença do brasão italiano e do endereço eletrônico do governo. O brasão é um símbolo do país, do estado italiano, indicando que a atividade de inteligência é uma atividade de estado e não uma atividade privada. O link com o endereço eletrônico do governo reitera essa idéia, sinalizando que os serviços se reportam às autoridades governamentais constituídas.

Um último elemento portador de informação “nova” no lado direito da página italiana é a citação de Maquiavel, que permite um vislumbre da natureza da atividade de inteligência, conforme foi discutido na análise verbal do lema italiano.

A discussão promovida nesta seção evidencia que a informação “nova”, a informação que concerne às instituições de inteligência italianas, se encontra, de fato, no lado direito da página, ocupando maior espaço e maior saliência visual que o lado esquerdo.

5.2.3

ANÁLISE AO LONGO DO EIXO VERTICAL

Proceder-se-á, nesta seção, à análise da página italiana ao longo do eixo vertical. Se, ao longo do eixo horizontal, a análise se faz em termos de lado esquerdo e lado direito, informação “dada” e informação “nova”, respectivamente, ao longo do eixo vertical, ela se faz em termos de parte inferior e parte superior, informação “real” e informação “ideal/abstrata”. O binômio “real/ideal” contrapõe informação de cunho mais concreto e prático à informação de cunho mais generalizado e abstrato. Kress e Van Leeuwen (1996) afirmam que a informação “real” mostra as coisas “tais como elas são” e a informação “ideal” mostra as coisas “como elas poderiam ser”.

Na página italiana, os campos 1 e 2 estão na parte superior da página e dão conta da informação “ideal” e, nos campos 3 e 4, na parte inferior da página, concentra-se a informação “real”, como se vê no esquema abaixo:

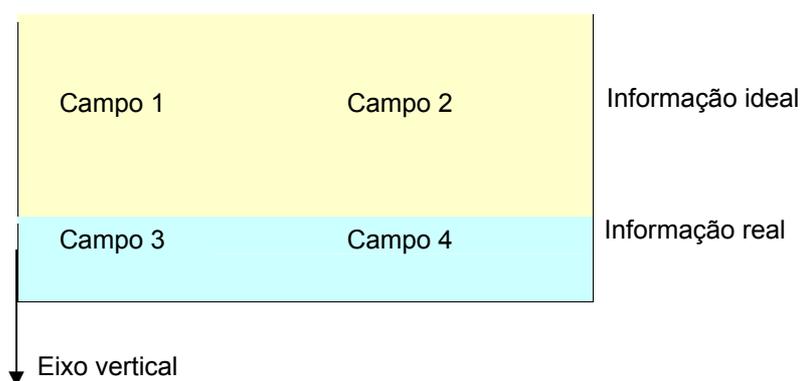


figura 11 – os 4 campos divididos ao longo do eixo vertical (parte superior e inferior)

O esquema também mostra que o espaço ocupado pela informação “ideal” é significativamente maior que aquele ocupado pela informação “real”.

5.2.3.1

A PARTE SUPERIOR DA PÁGINA ITALIANA

A parte de cima da página italiana engloba os campos 1 e 2.

O campo 1 é a área onde se vêem os 3 conjuntos de fotos descritos anteriormente na discussão sobre a informação trazida pelo lado esquerdo da composição. A análise das fotos possibilitou um entendimento das nove imagens como ilustração de um conceito, o conceito de sociedade democrática.

Em primeiro plano, no campo 2, estão dispostos o nome dos serviços, que aparece como que por sobre um esboço de seu suposto edifício-sede, o brasão do país e o endereço eletrônico do governo italiano. Como mostrou o estudo sobre o lado direito da composição, esses itens identificam as instituições de inteligência italianas, expressam sua sujeição ao estado/governo e esboçam uma tentativa de aproximar o observador.

A informação apresentada como “idealizada/abstrata”, portanto, conjuga sociedade democrática e atividade de inteligência. A justaposição de uma a outra permite a construção de algumas hipóteses de leitura. É possível que a justaposição seja uma maneira de defender a idéia de que democracia e inteligência não são práticas excludentes. Uma outra possibilidade de leitura é ver nessa justaposição a idéia de que a atividade de inteligência visa proteger a sociedade democrática; nesse caso, portanto, a justaposição seria um modo de justificar a própria existência da atividade. Ainda nesse sentido, as presenças do brasão e do endereço eletrônico do governo italiano poderiam ser vistas como um respaldo oficial para a atividade de inteligência. É interessante notar, entretanto, que sociedade democrática e atividade de inteligência aparecem justapostas, mas não mescladas, o que talvez expresse a

crença de que o par “democracia e instituições de inteligência” possui um certo grau de incompatibilidade.

Independentemente da leitura que se faça, a informação encontrada na parte de cima da página italiana é, de fato, de natureza idealizada. Tanto o retrato que se apresenta da sociedade quanto das instituições são abstrações exibidas como valores em si mesmas, sem questionamentos acerca das vulnerabilidades de uma e de outra ou dos conflitos inerentes à relação de uma e outra.

5.2.3.2

A PARTE INFERIOR DA PÁGINA ITALIANA

Na parte de baixo da página italiana, encontram-se os campos 3 e 4, áreas que concentram a informação “real”, de cunho mais prático e concreto. Como se verá nesta discussão, é exatamente este arranjo que vigora na parte inferior da composição. No campo 3, encontra-se informação de cunho mais prático e, no campo 4, informação mais concreta acerca dos serviços de inteligência.

O campo 3 traz o menu de links e o submenu de “manchetes”, ambos acerca dos serviços de inteligência. O menu de links disponibiliza as seguintes entradas:

- *WHO WE ARE/QUEM SOMOS,*
- *GOVERNMENT AND PARLIAMENT/GOVERNO E PARLAMENTO,*
- *THE STRUCTURE/A ESTRUTURA,*
- *LINKS TO SITES OF INTEREST/LINKS PARA SÍTIOS DE INTERESSE.*

Todas essas opções, apesar de não trazerem em si próprias nenhuma informação, funcionam como pontes para acesso a informações práticas acerca das instituições: quem efetivamente são, sua ligação com o governo e o parlamento, sua estrutura e outros sítios relacionados a inteligência que possam ser de interesse.

A mesma organização de informação é vista no submenu UPDATES/NOVIDADES, que traz dois links em forma de “manchetes”:

- *Report to Parliament (2nd semester 2005)/Relatório para o Parlamento (2º semestre de 2005)*
- *Reform of the Intelligence Services (Text adopted by the Senate)/Reforma dos Serviços de Inteligência (Texto adotado pelo Senado).*

Os links acima possuem maior carga informacional que os links agrupados sob o menu, mas, ainda assim, funciona, sobretudo, como vias de acesso para os textos do Relatório para o Parlamento e da Reforma dos Serviços de Inteligência, que são, por sua vez, textos de cujo conteúdo se espera objetividade e especificidade.

O campo 4 é área da página ocupada pela citação de Maquiavel. Como foi discutido na análise verbal, o texto do autor renascentista dispõe acerca da real natureza da atividade de inteligência, uma atividade que implica conflito, competição e que pressupõe inimigos e necessidade de defesa. Enquanto na parte superior da página a inteligência é abordada de forma abstrata e idealizada, na condição de instituição oficial a serviço do governo e da população, na parte inferior, os “adornos” dão lugar aos mecanismos que verdadeiramente movem as instituições de inteligência. A informação da parte inferior, portanto, faz realmente a opção pelo aspecto mais concreto da atividade de inteligência.

As idéias expostas nesta seção da análise demonstram que a página italiana como composição visual segue a tendência ocidental de organização de informação, que posiciona a informação “idealizada/abstrata” na parte superior e a informação “real” na parte inferior e privilegia o “ideal/abstrato” em detrimento do “real”, dando ao primeiro maior espaço e conseqüentemente maior destaque.

6

Análise da Página Inicial do Serviço de Inteligência Australiano - Australian Secret Intelligence Service

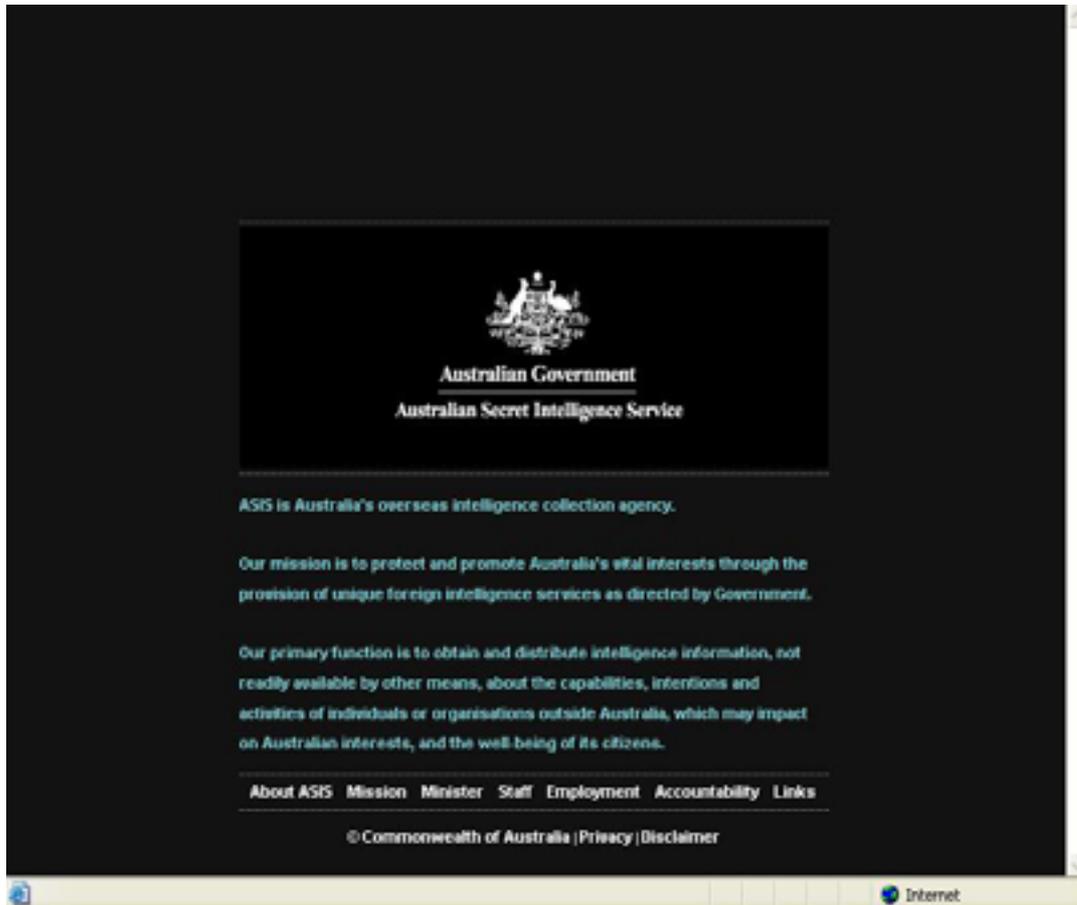


Ilustração 3 – home page do Serviço de Inteligência australiano

Este capítulo traz a análise da página inicial do serviço australiano. Na primeira parte do estudo, examina-se o texto institucional apresentado pela página em termos de sua progressão temática e do arranjo sintático dos complexos oracionais que o compõem. São discutidas também possíveis implicações semânticas de algumas escolhas lexicais do texto. Na segunda parte do texto, desenvolve-se a

análise visual cujos pontos centrais são a predominância da cor preta na página e as linhas divisórias que determinam o layout do texto.

6.1

Análise Verbal do Texto

“Palavras, bem se sabe, são grandes adversárias da realidade”.

Joseph Conrad

ASIS is Australia's overseas intelligence collection agency.

Our mission is to protect and promote Australia's vital interests through the provision of unique foreign intelligence services as directed by Government.

Our primary function is to obtain and distribute intelligence information, not readily available by other means, about the capabilities, intentions and activities of individuals or organisations outside Australia, which may impact on Australian interests, and the well-being of its citizens.

O ASIS é a agência de coleta de inteligência externa da Austrália)

Nossa missão é proteger e promover os interesses vitais da Austrália através do fornecimento de serviços de inteligência externa exclusivos conforme preconizado pelo Governo.

Nossa função primária é obter e distribuir informações sobre inteligência, não disponíveis de imediato por outros meios, sobre as capacidades, intenções e atividades de indivíduos ou organizações fora da Austrália, que possam impactar interesses australianos, e o bem-estar de seus cidadãos. (minha tradução)

A página australiana, quando comparada às duas já analisadas, apresenta ao leitor um texto mais extenso, composto por três parágrafos. O primeiro identifica o serviço australiano; o segundo traz sua declaração de missão, que, neste caso, faz as vezes de lema; e o terceiro descreve a função primária do serviço.

Por intermédio desse arranjo textual, é possível notar que a declaração de missão não é atribuído nenhum destaque. Enquanto nas páginas anteriores o lema

constituía um ponto de saliência visual, na página australiana, a declaração de missão aparece diluída em meio ao texto e sem qualquer recurso visual (e.g., negrito, itálico) que a faça sobressair em relação aos outros dois parágrafos. O papel cumprido pela declaração de missão australiana assim apresentada será discutido logo mais abaixo.

A leitura do texto australiano, sobretudo se feita em voz alta, revela uma cadência monocórdica, resultante de uma estrutura recorrente, em paralelo, comum aos três parágrafos, a qual pode ser descrita como “**X is Y**”, conforme mostra o esquema abaixo:

ASIS	is	Australia's overseas intelligence collection agency.
X		Y
Our mission	is	to protect and promote Australia's vital interests . . .
X'		Y'
Our primary function	is	to obtain and distribute intelligence information . . .
X''		Y''

Cumprir notar que a estrutura “**X is Y**” acima representa, nos três casos, a despeito do “comprimento” de cada um deles, se resume a uma única oração ou a um único complexo oracional. Ademais, as três estruturas “**X is Y**” estão dispostas parataticamente, ou seja, não há nenhum adjunto conjuntivo ou modal que estabeleça conexão entre elas. Essa aparente simplicidade, entretanto, não acarreta um texto de fácil compreensão, conforme veremos quando da discussão da estrutura temática do texto.

Voltando a atenção agora para as palavras que compõem o texto australiano, em termos da classe gramatical a que pertencem, constata-se uma preponderância de substantivos e adjetivos. Esses vocábulos são, em sua maioria, vagos e abstratos e sua compreensão pode diferir substancialmente de leitor para leitor, dependendo do esquema cognitivo que em cada um for ativado. Não é possível estabelecer inequívoca

e univocamente o que se quer dizer com, por exemplo, “*missão/mission*”, “*interests/interesses*”, “*capabilities/capacidades*”, “*intentions/intenções*”, “*well-being/bem-estar*”. Há, além disso, uma outra característica comum a essas palavras, que é o seu cunho marcadamente ideológico (Chimombo & Roseberry, 1998). Todos esses fatores dificultam um entendimento apropriado do texto.

Somada à imprecisão de várias das palavras presentes no texto que dificultam sua leitura, está o arranjo sintático complexo e truncado das orações no segundo e terceiro parágrafos, as quais se desdobram em outras que, por sua vez, se desdobram em outras ainda, comprometendo a fluência do texto.

Na próxima seção, será discutida a estrutura temática do texto como um todo (macroanálise).

6.1.1

Macroanálise Temática

Procedendo à identificação do tema e rema em cada um dos três complexos oracionais, obtemos:

ASIS / is Australia's overseas intelligence collection agency.

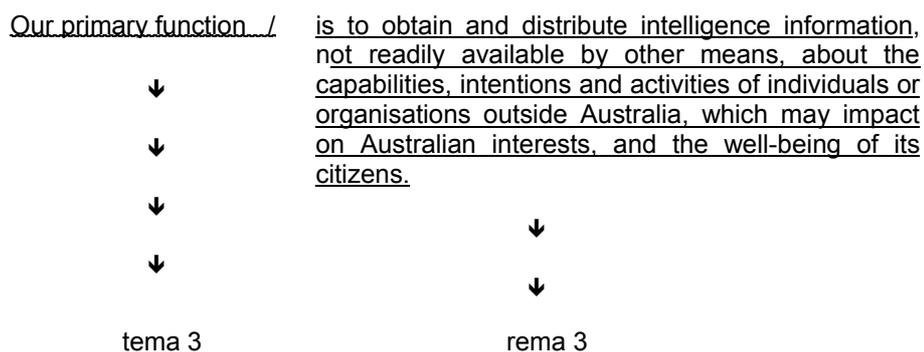
↓
tema 1

↓
rema 1

Our mission / is to protect and promote Australia's vital interests through the provision of unique foreign intelligence services as directed by Government.

↓
tema 2

↓
rema 2



Representando esquematicamente a progressão temática identificada no texto australiano, obtém-se o seguinte:

tema 1 _____ rema 1

tema 1 _____ rema 2

tema 1 _____ rema 3

A progressão acima é um dos padrões descrito por McCarthy (1991) como típico da língua inglesa. Mas, apesar de típico, neste caso, especificamente, tal estrutura temática não parece auxiliar na coesão textual. Ao ler o texto, tem-se a impressão de que não se trata de um único texto, mas de três textos justapostos. Um dos fatores que contribuem para isso é a forma como o tema 1 (da oração 1) é retomado nos outros dois complexos oracionais. O tema na oração 1 é “*ASIS*” e é retomado como “*Our mission*” no segundo parágrafo. A passagem de um tema para o outro é um tanto abrupta porque fica a cargo do leitor estabelecer a conexão entre os dois temas, a qual não é exclusivamente textual, mas sobretudo lógica. Se, em vez de “*ASIS*”, o tema da primeira oração fosse “*We*”, a estrutura temática seria a mesma, porém a passagem do primeiro para o segundo parágrafo se daria mais naturalmente. É preciso esclarecer que o uso de “*we*” em nada impediria o entendimento do leitor pois, na página australiana, acima do texto, há um título que diz “*Australian Secret*

Intelligence Service". Portanto, ao ler "we", o leitor saberia de imediato a que o pronome estaria se referindo.

De igual forma, a repetição da estrutura sintática, "X is Y", em que X, o tema, é um sintagma nominal com, no máximo, três elementos (we, our mission, our primary function), mas "is Y", o rema, é muito mais longo e complexo, variando de sintagma nominal a orações desdobradas em outras orações, confere ao texto um certo desequilíbrio, criando um longo hiato entre os temas. Uma outra progressão temática em que o tema de uma oração fosse resgatado pelo rema da oração subsequente, por exemplo, pudesse, talvez, facilitar a leitura do texto.

Um outro aspecto que reforça a visão do texto como três blocos estanques é a estrutura informacional, que obedece ao mesmo padrão identificado na progressão temática:

dado 1 _____ novo 1

dado 2 _____ novo 2

dado 3 _____ novo 3

Como a estrutura temática coincide com a estrutura informacional no texto australiano, a informação nova será sempre encontrada nos remas. Os remas do texto, no entanto, como sinalizado anteriormente, crescem em complexidade e tamanho de um parágrafo a outro, dificultando o processamento do conteúdo novo por parte do leitor.

Finda a discussão acerca da progressão temática do texto, a análise terá prosseguimento com o estudo de cada parágrafo separadamente. No primeiro parágrafo, o foco recai sobre a oração no que tange ao processo relacional nela representado. No segundo e terceiro parágrafos, faz-se uma análise gramatical dos complexos oracionais que os compõem.

6.1.1.1

ANÁLISE DO PRIMEIRO PARÁGRAFO

Nesta seção, iremos analisar a estrutura temática bem como o processo relacional existente na única oração do primeiro parágrafo do texto.



Antes de iniciar esta seção, é conveniente reiterar que “*ASIS*” é a sigla que abrevia o nome do serviço de inteligência “*Australian Secret Intelligence Service/Serviço Secreto de Inteligência Australiano*”, título encontrado na página australiana, logo acima do texto que ora analisamos. Chama a atenção, é preciso notar, o fato de que o serviço australiano é o único que conjuga, em seu nome, as palavras “*secret/secreto*” e “*intelligence/inteligência*”.

A oração acima, cuja estrutura genérica descrevemos anteriormente como “**X** is **Y**”, é chamada na nomenclatura da gramática funcional de oração identificativa, oração essa que descreve um processo relacional intensivo, na qual **X** é o participante identificado e **Y**, o identificador. A oração identificativa pode ter sua ordem revertida. Sendo assim, seria possível dizer: *Australia's overseas intelligence collection agency is ASIS*, apesar dessa escolha não haver prevalecido. Um outro aspecto das orações identificativas que traz implicações para esta análise é a identificação dos participantes da estrutura como *token/característica* ou *value/valor*. Quando o *token* coincide com o sujeito, a oração está na voz ativa; logo, tem-se um tema não marcado. Por outro lado, quando o sujeito é o *value*, tem-se uma oração na voz passiva e, por consequência, um tema marcado.

O texto da página australiana tem início com “*ASIS*”, o *token* da estrutura “**X** is **Y**”, o que o torna um tema não marcado. Na outra oração cogitada, em que o *value* é o sujeito, o tema seria marcado: *Australia's overseas intelligence collection agency*. Essa ordem, na primeira oração especificamente, dificultaria sua compreensão, porque ela traz uma estrutura informacional marcada, com o “Novo” precedendo o “Dado”, e o único “Dado” do texto, a esta altura, é o título acima do texto que explica o que vem a ser a sigla ASIS.

O rema, “*is Australia's overseas intelligence collection agency*”, compreende também o *value/valor*, “*Australia's overseas intelligence collection agency*”. A despeito de, do ponto de vista estrutural, estar no papel inequívoco de identificador da oração, o *value/valor*, do ponto de vista semântico, não desempenha tal função a contento. A utilização de um sintagma nominal com quatro pré-modificadores não lhe assegura clareza. A dificuldade em entendê-lo não está em seus componentes individuais, mas sim, no fato de que juntos não especificam nada acerca do que vem a ser “ASIS”. “*Australian Secret Intelligence Service*” parece tão ou mais esclarecedor de per se do que quando igualado a “*Australia's overseas intelligence collection agency*”. Não é de fácil detecção o ganho informacional que a oração traz para o leitor.

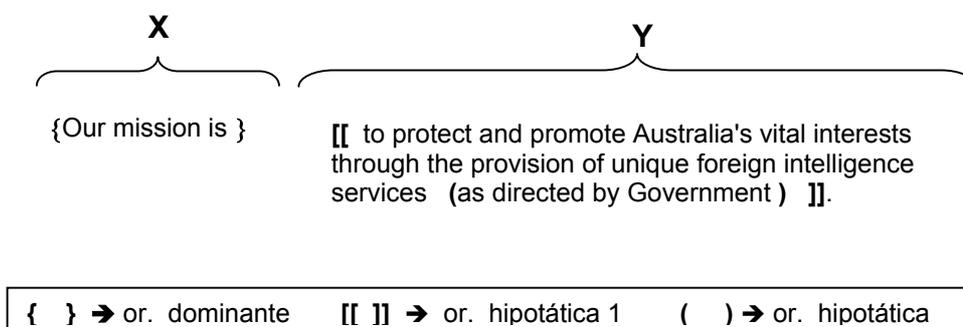
Antes de dar prosseguimento à discussão, é preciso fazer uma observação. Na análise dos complexos 2 e 3, não será feita a microanálise temática pelo fato de que o componente **Y**, da estrutura “**X** is **Y**” ser, nos dois casos, uma oração hipotática e não, um sintagma nominal; pelo mesmo motivo, não serão discutidos os componentes **X** e **Y** na qualidade de *token* e *value*. Acreditamos que essas não seriam as ferramentas de análise mais apropriadas para os objetivos desse estudo. Em seu lugar, procederemos à análise sintática dos complexos.

6.1.1.2

Análise do Segundo Parágrafo

O complexo oracional 2 é uma oração identificativa, “**X is Y**”, em que **X** é um sintagma nominal e **Y** é, por sua vez, uma outra oração, funcionando como um sintagma nominal. Para comprovar esse fato, pode-se inverter a ordem dos componentes **X** e **Y**. Ainda que pouco provável em textos autênticos, tal troca é gramaticalmente possível e resultaria na seguinte oração: *To protect and promote Australia's vital interests through the provision of unique foreign intelligence services as directed by Government is our mission.*

No entanto, é preciso lembrar que a ordem original, “**X is Y**”, obedece à estrutura informacional típica da língua inglesa, com o elemento conhecido precedendo o novo. Como o componente **Y** traz consigo uma mescla de informações, é natural que não ocupe a posição inicial, a do tema, no complexo 2. Passemos, então, ao desmembramento do complexo e, em particular de **Y**:



Tem-se, no complexo acima, três orações. O componente **X**, seguido do verbo “**is**”, compõe a oração dominante ou principal. Já o componente **Y** é uma oração hipotática ou subordinada em relação a **X** (oração hipotática 1) que, por sua vez, se desdobra em duas outras orações:

oração hipotática 1

{ to protect and promote Australia's vital interests through the provision of unique foreign intelligence services } [[as directed by Government]].

{ } → or. dominante'	[[]] → or. hipotática
----------------------	------------------------

Como se vê no esquema, na oração hipotática 1, a primeira oração funciona como dominante em relação à segunda, a oração hipotática 2.

A oração hipotática 1 é não-finita e sua função é elaborar, expandir a oração dominante; na gramática tradicional, ela seria uma subordinada substantiva predicativa reduzida de infinitivo.

A oração hipotática 2 também é não-finita e sua função é qualificar a oração dominante, dizendo, neste caso específico, de que modo os interesses australianos são protegidos e promovidos; nos termos da gramática tradicional, sua classificação seria a de oração subordinada adverbial conformativa reduzida de participio.

É, portanto, fazendo uso de três orações que o serviço australiano estrutura e expressa sua missão. Na oração dominante, o tema “*our mission*”, utiliza o adjetivo possessivo da primeira pessoa do plural em vez de usar o da terceira pessoa do singular, “*its/sua*”, que concordaria com o sujeito da oração no primeiro parágrafo, “*ASIS*”. Ao mudar o foco de “*sua*” para “*nossa*” missão, autor e instituição se fundem na posição temática, desfazendo o efeito criado na abertura do texto, de que a página falaria da instituição que representa em terceira pessoa. Assim, do primeiro para o segundo parágrafo, há a diminuição de um participante envolvido: de três, passa para dois, o que aproxima o leitor do texto. Vejamos a ilustração abaixo:

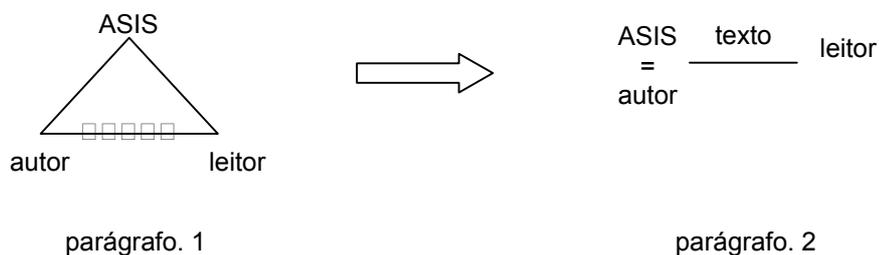


Fig. 12 – o movimento do texto do primeiro para o segundo parágrafo, aproximando o leitor.

A oração dominante realiza dessa forma um movimento acertado na direção do leitor. Contudo, tal movimento cessa na oração hipotática 1 em razão de sua complexidade e extensão. No começo da oração, há um sintagma verbal no infinitivo que possui um mesmo complemento, o sintagma nominal “*Australia's vital interests*”. Na seqüência, verbos e sintagma nominal, por sua vez, são modificados pelo sintagma preposicionado “*through the provision of unique foreign intelligence services*”. E, por último, o conjunto “sintagma verbal + sintagma nominal + sintagma preposicionado” é modificado por uma oração não finita, na voz passiva: “*as directed by Government*”.

A essa seqüência sintática longa, alia-se o significado vago da maioria das palavras que compõem a oração hipotática 1. Sem levar em conta a oração reduzida de gerúndio, que será discutida em termos de voz verbal um pouco mais adiante, algumas observações podem ser feitas com relação aos termos utilizados na oração hipotática 1.

Em primeiro lugar, o verbo “*protect/proteger*” pede um outro complemento além de “*Australia's vital interests/os interesses vitais da Austrália*”: quem protege protege algo/alguém **contra/de** algo/alguém. Não há, porém, qualquer referência a isso na oração. Além disso, “*proteger*”, na linguagem de inteligência é o objetivo da contra-espionagem, ou seja, o autor do texto, neste caso, está empregando um eufemismo. O mesmo se dá com o verbo “*promote/promover*”, que seria a contrapartida de “*protect*”. “*Promover*”, neste contexto, implica conduzir espionagem

que favoreça os interesses australianos. A escolha desses verbos encobre a natureza real da atividade de inteligência.

Um outro ponto que suscita discussão é a presença da palavra “*interests/interesses*”, que vem modificada por “*Australia's*” e “*vital/vitais*”. A vaguidão associada ao vocábulo não é atenuada por nenhum dos modificadores; antes, aparentemente, parece ser agravada por “*vital/vitais*”. Há, no entanto, duas “pistas” disponíveis para auxiliar o leitor que, porventura, questionar o que se quer dizer com “*Australia's vital interests*”. A primeira está na oração reduzida “*as directed by Government*” e a outra é um título que, na página da internet, se encontra imediatamente acima do título *Australian Secret Intelligence Service* e diz *Australian Government* (ver Ilustração 3). Essas pistas revelam ao leitor que os interesses vitais para a Austrália são aqueles que o governo australiano julga como tais. Porém, nem mesmo com essa informação extra se pode afirmar, com alguma precisão, que interesses seriam esses; ou seja, trata-se de um termo que comunica ao leitor informação meramente retórica e, não, factual.

O questionamento que se fez acerca de “*vital interests*” é igualmente cabível com relação ao sintagma nominal “*provision of unique foreign intelligence services / fornecimento de serviços de inteligência externa exclusivos*”. Um aspecto desse sintagma que chama a atenção é o fato de ele ser um tipo de metáfora gramatical, uma nominalização. Lembrando que as metáforas gramaticais são criadas por intermédio do processo gramatical que transforma um verbo ou adjetivo em um substantivo, é possível detectar que se preferiu a forma nominal, “*provision/fornecimento*”, à equivalente verbal, “*providing/fornecendo*”. Com isso, aumenta-se a densidade lexical da oração e apaga-se a idéia de processo associada ao verbo (Halliday, 1994). Aliada a essa escolha pela forma mais extensa, está, novamente, a vaguidão dos termos que a formam. Quais, ou mesmo, o que são efetivamente “*foreign intelligence services / serviços de inteligência externa*” não é dito ao leitor. Mesmo no terceiro parágrafo, no qual se descreve a função principal da instituição, ou seja, a natureza dos serviços por ela prestados, tudo é dito de forma abstrata e indireta. Não há qualquer alusão à espionagem e contra-espionagem, que são, em última instância, os serviços prestados por uma instituição de inteligência.

Observa-se assim que a mesma estratégia textual utilizada no caso dos verbos acima analisados é empregada no sintagma preposicionado: o eufemismo “*intelligence services / serviços de inteligência*”, conjugado a uma forma gramatical prolixa, uma nominalização, que acabam por esvaziar a mensagem de conteúdo.

Um outro vocábulo que desperta interesse na declaração de missão australiana é “*unique/único, exclusivo*”, o único adjetivo usado para expressar aprovação, avaliação positiva acerca da instituição, ao longo de um texto cujo tom é formal e burocrático. A palavra “*unique*” é a única que traz para o texto uma nuance promocional.

Retomemos agora a oração hipotática 2, que modifica a oração dominante da oração hipotática 1: “*as directed by Governmen / conforme preconizado pelo Governo*”. Primeiramente, é preciso observar que essa oração vincula a declaração de missão do serviço australiano ao seu governo, ou seja, a missão a que se propõe o serviço está em conformidade com as diretrizes do governo. Embora essa sujeição ao governo também esteja sinalizada pelos outros serviços, como veremos, o serviço australiano é o único que a expressa como parte do texto verbal, de forma clara e direta. Uma outra característica digna de nota nessa oração é a ocorrência da voz passiva. A outra opção, a voz ativa, seria: “*as Government directs / como preconiza o governo*”. A forma passiva retira o foco do ator, “*Government*”, que recai, neste caso, sobre a ação. Utilizando “*as directed by Government*”, ou seja, a voz passiva, a relação entre ASIS e governo parece ser mais indireta que na voz ativa, “*as Government directs*”. O emprego da voz passiva, sob essa perspectiva, se alinha com as demais estratégias de utilizadas na construção da declaração de missão do ASIS, que, como visto, não prima por uma abordagem franca e incisiva de suas atribuições.

Finda a discussão relativa ao segundo parágrafo, passemos ao terceiro. O terceiro parágrafo anuncia a principal função desempenhada pelo serviço secreto australiano.

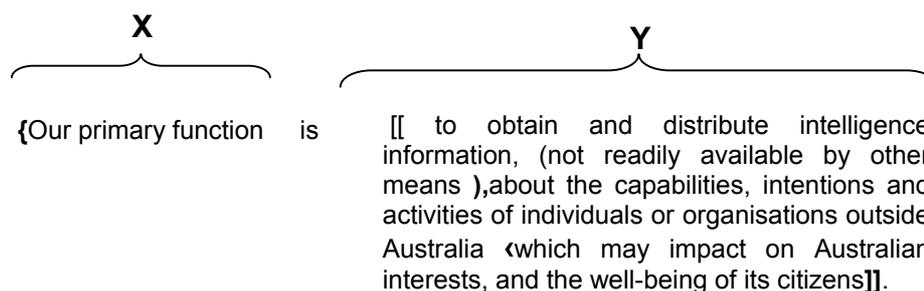
6.1.1.3

ANÁLISE DO TERCEIRO PARÁGRAFO

É necessário fazer uma consideração preliminar quanto ao terceiro parágrafo. No complexo oracional, parece haver uma vírgula desnecessária, precedendo o pronome relativo “*which/que*”. A presença da vírgula torna a oração iniciada por “*which*” uma adjetiva explicativa. Ora, a oração explicativa possui uma função semelhante à do aposto, ou seja, pode ser subtraída sem prejuízo lógico ou sintático para o complexo oracional. No entanto, não é isso que se verifica no complexo 2. A subtração da oração adjetiva compromete o bom entendimento do texto. Entraremos em maiores detalhes acerca das implicações textuais e contextuais da presença ou ausência da vírgula na discussão abaixo. Mas em razão do que foi até aqui exposto, nos permitiremos trabalhar também com a versão editada do texto.

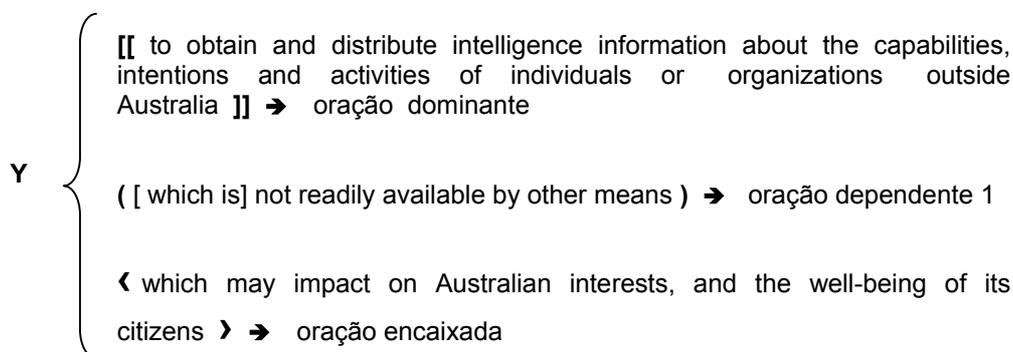
Como já debatido nos dois parágrafos anteriormente estudados, a estrutura básica do parágrafo 3 é também “**X is Y**”, o que significa dizer que, independentemente de sua extensão, é uma oração identificativa. **Y**, no complexo oracional 2, também desempenha função de sintagma nominal e é composto por quatro orações. A inversão dos elementos **X** e **Y**, neste caso, soa ainda mais improvável e artificial que no anterior, mas demonstra que **Y** equivale a um sintagma nominal. Desobedecendo à lógica da apresentação de informação em inglês, na qual aquilo que se conhece precede o que é considerado novo, chega-se à seguinte oração: “*To obtain and distribute intelligence information, not readily available by other means, about the capabilities, intentions and activities of individuals or organisations outside Australia which may impact on Australian interests, and the well-being of its citizens is our primary function*”.

O complexo oracional 2 possui estruturas paralelas às presentes no complexo 1. Desmembrando o complexo 2, “**X is Y**”, obtêm-se as orações abaixo discriminadas:



{ } → or. dominante	[[]] → or. dependente 1
() → or. dependente 2	◁ ▷ → or. encaixada

A oração dominante, o componente **X** acrescido do verbo *is*, é introduzida pelo sintagma “*our primary function/nossa função principal*”, que é então o assunto sobre o qual o componente **Y** trará informação. O componente **Y** é uma oração hipotática que pode ser separada em outras três:



Dentro da oração hipotática **Y**, há uma oração dominante, uma oração dependente e uma oração encaixada. A oração dominante, tal como sua equivalente no complexo 1, é uma oração não-finita que expande e elabora a oração precedente, {our mission is}, cuja classificação, nos termos da gramática tradicional, seria subordinada substantiva predicativa reduzida de infinitivo.

A oração **Y** está construída da seguinte maneira: na posição inicial, há um sintagma verbal, “*to obtain and distribute*”. Complementa o sintagma verbal o

sintagma nominal, “*intelligence information*”, que é modificado por um sintagma preposicionado “*about the capabilities, intentions and activities*”. Esse sintagma, por sua vez, é modificado por outro sintagma preposicionado, “*of individuals and organisations*” e, este, é, por fim, modificado por um último sintagma preposicionado, “*outside Australia*”. A estrutura expressa em sintagmas seria então:

sintagma verbal + sintagma nominal + sintagma preposicionado 1 + sintagma preposicionado 2 + sintagma preposicionado 3

Como mostra esse desmembramento, a oração dominante do componente Y é, novamente, um arranjo bastante extenso. E, novamente, percebe-se, conjugado à extensão, o uso de itens lexicais intrinsecamente opacos, a respeito dos quais cabem algumas considerações.

Analisando o verbo “*obtain/obter*”, constata-se que há, para ele, um único complemento: “*intelligence information/informação de inteligência*”, que responde à questão “*obter o quê?*”. No entanto, podem ser feitas outras perguntas ao verbo tais como “*obter informação de inteligência de quem?*” e “*de que maneira?*”, para as quais o texto não traz respostas. Outra vez, faz-se uso de um eufemismo, pois “*obter informação de inteligência*” é, sobretudo, obter informação através de espionagem.

No caso do verbo “*distribute/distribuir*”, a pergunta “*distribuir o quê?*” é respondida pelo mesmo complemento “*intelligence information*”. Contudo, novamente, parte da informação é suprimida pela oração. Uma outra pergunta que pode ser feita ao verbo “*distribute/distribuir*” é “*distribuir para quem?*”. Não é dito ao leitor, explicitamente, para quem essa informação é distribuída. Mas voltando à oração reduzida “*as directed by Government*” do complexo oracional anterior, obtém-se a resposta. A distribuição da informação de inteligência é feita para o governo australiano. Isso, porém, não é privilégio da Austrália, a doutrina de inteligência assevera que as informações devem ser sempre distribuídas, ou disseminadas, para usar o termo próprio da área, para as autoridades governamentais máximas.

O próximo termo na seqüência da oração é o sintagma nominal “*intelligence information/informações de inteligência*”. Nas home pages previamente discutidas, o vocábulo utilizado foi “*inteligência*”. No caso australiano, parece que a combinação “*intelligence information*” visa distinguir entre informações regularmente obtidas em fontes abertas, tais como jornais, livros e internet, e informações obtidas através de espionagem, que seriam as “*informações de inteligência*”. Há aqui, portanto, outro emprego de eufemismo, que alude à verdadeira natureza da função apenas de forma indireta.

Ainda obedecendo à ordem em que os elementos da oração são apresentados, o foco agora passa a ser o tipo de informações de inteligência que interessa ao serviço australiano obter e distribuir: as informações sobre as “*capabilities, intentions and activities of individuals and organisations outside Australia / capacidades, intenções e atividades de indivíduos e organizações fora da Austrália*”. Os termos “*capabilities / capacidades*”, “*intentions /intenções*” e “*activities / atividades*” são palavras cujos significados são bastante difíceis de delimitar; funcionam como termos guarda-chuva; teoricamente, obter informações sobre “*capacidades, intenções e atividades de indivíduos e organizações*” significa monitorar os movimentos de quaisquer pessoas ou grupos. É preciso também notar que esses vocábulos aparecem em posição estratégica na oração: eles constituem o núcleo do primeiro sintagma preposicionado, ou seja, o foco do sintagma são abstrações impessoais. No entanto, o foco do serviço de inteligência australiano, ou de qualquer outro, são indivíduos e organizações. O uso deste artifício parece revelar uma ponta de preocupação, por parte da instituição, em não ser acusada de conduzir investigações sobre a vida privada de indivíduos ou organizações. Em decorrência desse fato é que se questionou o emprego da vírgula, separando a oração dominante do componente Y da oração adjetiva.

Atentando-se para o esquema abaixo, percebe-se que, se a oração adjetiva vier precedida por vírgula, o pronome relativo “*which /o que*” se refere à oração dominante como um todo, ou seja, aquilo que pode impactar os interesses australianos e o bem-estar de seus cidadãos é obter informações acerca das capacidades, intenções e atividades de indivíduos e organizações fora da Austrália, o

que implicaria dizer, em última instância, que a função do serviço poderia trazer impacto aos interesses australianos.

to obtain and distribute intelligence information about the capabilities, intentions and activities of individuals or organisations outside Australia

which may impact on Australian interests, and the well-being of its citizens.

Na verdade, o intuito do texto parece ser o de restringir o alcance da expressão “capacidades, intenções e atividades de indivíduos e organizações fora da Austrália”. A função da instituição não seria a obtenção de informações acerca de todas e quaisquer capacidades, intenções e atividades de indivíduos e organizações fora da Austrália e, sim, obter informações sobre aquelas que podem vir a ter algum impacto sobre os interesses do país e seus cidadãos. O contexto, portanto, esclarece qual o significado que se pretendia comunicar por meio da oração adjetiva: delimitar que tipo de informação é alvo de interesse da instituição e, não, explicar que obtenção de inteligência pode ter impacto sobre a Austrália. O relativo “which” se refere a “capabilities, intentions ... outside Australia”, como mostra o esquema a seguir:

to obtain and distribute intelligence information about

the capabilities, intentions and activities of individuals or organisations outside Australia

which may impact on Australian interests, and the well-being of its citizens.

Explicada a razão pela qual acreditamos que não deveria haver a vírgula separando o pronome relativo no texto, é preciso tecer uma outra consideração sobre a oração adjetiva que, sob certo ângulo, contradiz o que se tentou demonstrar nos dois últimos parágrafos. Na oração, há um verbo modalizador, o “*may/poder*”, cujo papel é conferir ao verbo “*impact*” um certo grau de incerteza. Se o modalizador não estivesse presente, o tom da afirmação seria categórico, dando conta de que o serviço

australiano obtém informações sobre indivíduos e organizações que terão impacto sobre os interesses do país. No entanto, é próprio da inteligência se antecipar a acontecimentos e, sendo assim, há sempre a possibilidade de erro. Não há como estabelecer com precisão o que acontecerá no futuro e, portanto, uma forma de expressar tal incerteza é utilizando um modalizador.

Por outro lado, no entanto, o modalizador “*may*” traz consigo uma outra implicação. Ao dizer que a função do ASIS é “*obter informações sobre capacidades, intenções e atividades de pessoas ou organizações fora da Austrália que possam impactar os interesses australianos e o bem-estar de seus cidadãos*”, o serviço australiano justifica, de antemão, quaisquer de suas ações. Sem mencionar quais são os critérios objetivos que a instituição utiliza na escolha de seus alvos de investigação, não há como refutar qualquer alegação que ela apresente contra a pessoa A ou a organização B. Em outras palavras, embora a oração relativa tenha uma função restritiva, a presença do modalizador “*may*” atua no sentido oposto, ampliando sobremaneira o espectro coberto pelas palavras “*capabilities, intentions and activities of individuals and organisations outside Australia*”.

Além do modalizador “*may*”, há na oração restritiva a utilização do verbo “*impact*”, que, mais uma vez, não passa de um eufemismo, substituindo algum verbo mais incisivo, porém igualmente vago, como “*prejudicar*” ou “*ameaçar*”. Há também o substantivo “*well-being*”, cujo sentido pode abranger conceitos diversos e não confere ao texto nenhum grau de especificidade.

Finalmente, é preciso retomar a oração dependente 1, a respeito da qual ainda não se discutiu:

([which is] not readily available by other means) ➔ oração dependente 1

A oração dependente 1 é uma verdadeira subordinada adjetiva explicativa. Embora elípticas, o pronome relativo “*which*” e o verbo “*is*” podem ser recuperados; além disso, ela vem separada por vírgulas. O pronome se refere à “*intelligence information*”, o termo que o precede na oração. A presença dessa oração no

complexo oracional parece ter um papel redundante, já que explica que tipo de informações o serviço tem por função principal obter e distribuir, informações que “*não estejam disponíveis de imediato por outros meios*”. Ora, conforme foi previamente discutido, essa é a natureza mesma das informações de inteligência, são informações que não são obtidas de forma ordinária. Tem-se a impressão de que a oração busca reforçar a idéia de que o serviço australiano se ocupa exclusivamente de informações que não estão ao alcance de todos e que só lança mão de seus recursos de inteligência caso os meios tradicionais tenham sido esgotados.

Terminada a análise do texto australiano, vale destacar que ele é o único dentre os três analisados que confecciona, por assim dizer, o próprio texto, sem lançar mão de uma citação de outrem. É também o texto mais extenso e complexo. No entanto, não se pode dizer que seja o texto que mais elucida a natureza da atividade de inteligência; ao contrário, muito embora pareça confrontar as questões intrinsecamente polêmicas do ofício, é um texto de estrutura truncada, repetitiva e linguagem pomposa e burocrática que, unidas, mais se prestam a encobrir conteúdo que a efetivamente trazer informação clara.

6.2

ANÁLISE VISUAL DA PÁGINA AUSTRALIANA

“Há alguma coisa a respeito da cor preta. Você se sente escondida nela”.

Georgia O'Keefe

A página australiana é, em termos visuais, minimalista (ver Ilustração 3). Uma descrição imediata daquilo que se vê na página poderia se resumir ao seguinte: trata-se de um texto escrito por sobre um fundo preto. Em linhas gerais, são esses os dois elementos de maior saliência visual: as cores utilizadas na página e o layout do texto. Eles irão, em função dessa proeminência, servir como fios condutores desta análise.

6.2.1

O PRETO

O fundo preto recobre todo o espaço da página australiana não ocupado pelo texto, o qual aparece escrito parte em branco, parte em azul. Nesse aspecto, a página é a inversão do paradigma que prevalece nos veículos midiáticos tradicionais como livros, jornais e revistas, nos quais se imprime um texto em cor escura, tipicamente, o preto, sobre um fundo claro, tipicamente, o branco (Kress & Van Leeuwen, 1996). Tão forte é essa expectativa que, em português, por exemplo, ela se traduziu na expressão “*pôr o preto no branco*”, utilizada quando se quer formalizar um acordo oral, escrevendo-o em um documento. Sendo assim, ao colocar o “*branco no preto*”, a página australiana subverte, em certa medida, o padrão de apresentação de informação escrita. Essa subversão dá margem, pelo menos, a duas considerações.

Primeiramente, é preciso lembrar que a home page australiana não é uma página de livro, jornal ou revista, que é impressa em papel para circulação; ela é um veículo digital, que, via de regra, não é concebido para impressão. Inclusive pela abundância de recursos e baixo custo da tecnologia necessária para sua construção,

não é raro encontrar home pages, sobretudo, pessoais, inovadoras quanto à utilização de cores, por exemplo, texto em branco sobre fundo preto, na composição de seus hipertextos.

Um outro aspecto a ser considerado em relação à utilização do preto em web pages é o significado que ao preto se associa segundo a psicologia das cores. Esse assunto tem sido objeto da atenção da área de web design. À guisa de ilustração, a web designer Molly Holzschlag (2005) recomenda aos profissionais do ramo a se familiarizem com o significado cultural das cores antes de as empregar nas páginas que estão construindo, e diz que ao preto estão associadas, dentre outras, as idéias de poder, sofisticação e mistério. A autora afirma também que a cor preta representa um paradoxo cultural: em muitas culturas, é tida como a cor da morte e do luto; em outras, especialmente em regiões prósperas e cosmopolitas, o preto denota elegância e sofisticação.

Por outro lado, o contexto no qual a cor preta está inserida, neste caso, é muito particular. Ela é a cor dominante numa página que representa uma instituição bastante peculiar, um serviço de inteligência. A saturação da página com a cor preta, dessa forma, parece ir ao encontro do estereótipo de secretismo associado à atividade de inteligência, uma atividade que lida com informação classificada, sem transparência. O fato de um dos significados possíveis para o preto ser “*mistério*” endossa essa percepção. E ainda um outro aspecto da composição que também aponta na mesma direção é o próprio nome da instituição que explicita o termo “*secreto*”: “Australian **Secret** Intelligence Service” – “Serviço **Secreto** de Inteligência Australiano”. É interessante notar que tanto a língua inglesa quanto a portuguesa utilizam o termo “preto” associado àquilo que é secreto, reservado. Em inglês, num sintagma como “*black programs in the Defense Department*” (literalmente, programas pretos no Departamento de Defesa), a definição para “black / preto” é “*divulgado, por razões de segurança, para apenas um número extremamente limitado de pessoas autorizadas*” (minha tradução) (<http://www.answers.com/topic/black>). E, em português, numa oração como “Comigo é preto no branco”, o sentido seria “Comigo as coisas são feitas às claras, sem subterfúgios”.

Sendo assim, uma leitura possível para o efeito criado pela presença marcante da cor preta na página australiana seria vê-la como uma referência à idéia de mistério e segredo, o que, dentro dessa percepção, serviria também como reforço do estereótipo de secretismo associado aos serviços de inteligência.

6.2.2

O LAYOUT DO TEXTO E A ORGANIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO

O segundo elemento visual de destaque na página australiana é o modo como o texto está organizado, o seu layout que, neste caso, se desenvolve ao longo do eixo vertical. O corpo do texto, ou seja, o texto como um todo, está centralizado em relação às margens laterais, distando cerca de seis centímetros de cada uma delas (em um monitor de quinze polegadas) e está dividido em quatro partes. Essas divisões são estabelecidas por quatro linhas horizontais, pontilhadas, de cor branca, paralelas entre si e de mesmo tamanho, que funcionam como uma moldura para cada uma das partes do texto individualmente e para o texto como um todo. Vale ressaltar que a ausência de linhas verticais não impede que duas molduras sejam visualizadas pelo leitor, uma unindo a extremidade esquerda das linhas pontilhadas, outra, unindo a extremidade direita, como se pode ver abaixo:



figura 13 – as linhas pontilhadas que emolduram o texto na horizontal e vertical

Na primeira parte, todos os elementos aparecem em branco e centralizados em relação às extremidades da linha pontilhada. De cima para baixo, encontra-se, primeiramente, o brasão do governo australiano; logo em seguida, está o título “Australian Government”, sublinhado em fonte ligeiramente maior que a utilizada imediatamente abaixo no título “Australian Secret Intelligence Service”. Essa parte do texto lembra o cabeçalho de um documento oficial com timbre do governo.

A segunda parte do texto é onde se encontra a informação propriamente dita, o texto estudado na análise verbal. Ele não é centralizado e, sim, alinhado à direita em relação às linhas pontilhadas; aparece em cor azul clara e em fonte diferente da utilizada na parte superior. É composto por três parágrafos, separados entre si por espaçamento duplo. A utilização de cor e fonte diferentes para a parte do texto que é portadora do conteúdo informacional salienta justamente a relevância dessa parte em comparação com as demais.

Os chamados links constam da terceira parte do texto. São seis: *About ASIS*, *Mission*, *Minister*, *Staff*, *Employment*, *Accountability* e *Links*. Estão dispostos em linha horizontal justificada em relação às margens laterais, guardando uma pequena distância um do outro, e aparecem escritos na cor branca. Posicionando-se o cursor sobre eles, contudo, a cor passa a ser azul clara tal como a cor utilizada na parte do texto posicionada imediatamente acima.

Finalmente, na quarta e última parte, entre as duas últimas linhas pontilhadas, encontram-se outros três links que dizem respeito a direito autoral, privacidade e isenção de responsabilidade por parte da instituição: ©*Commonwealth of Australia*, *Privacy* e *Disclaimer*, respectivamente. Eles estão centralizados em relação às margens laterais e separados entre si por uma pequena barra (|), mas, ao contrário dos links da parte 3, quando selecionados pelo cursor, os links da parte 4 não mudam de cor.

Como se pôde ver na descrição acima, as molduras fazem a demarcação de quatro blocos visualmente distintos, mas também distintos no que diz respeito ao conteúdo. E, quando considerados em relação ao conteúdo, de cima para baixo, parecem obedecer a uma gradação que varia entre 'informação de cunho geral' e 'informação mais específica'. É necessário frisar que a gradação se aplica não ao

volume, mas à especificidade da informação contida em cada bloco. Assim, do primeiro para o último, percebe-se um afunilamento do escopo das informações trazidas por cada bloco.

No bloco 1, tem-se a informação de caráter mais geral, a que localiza a instituição dentro da esfera governamental australiana. Vale notar que, dentro do bloco 1, a informação está organizada da mesma forma, geral para o específico. O brasão assinala a identidade do país; em seguida, aparece o título referente ao governo do país e, por fim, lê-se o nome de uma das instituições do governo do país.

O bloco 2 coloca em foco a instituição em si, quem ela é, sua missão e função. Os links no bloco 3, por sua vez, assinalam conteúdos específicos acerca da instituição sobre os quais se pode saber mais. Ilustrando essa discussão visualmente, obtém-se:

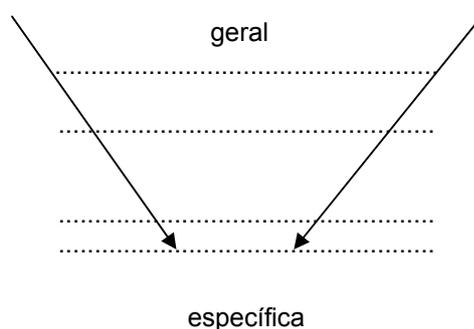


figura 14 – a graduação da informação no texto, partindo da informação de cunho geral para a de cunho específico.

Frente aos dados analisados até aqui, vê-se que a página australiana se articula visualmente lançando mão de poucos recursos visuais; sobretudo, a página se vale da cor preta e do contraste entre o preto e o branco. Esse contraste, entretanto, pode despertar a atenção do leitor para a ausência das chamadas cores nacionais, as cores da bandeira ou aquelas que, por algum motivo geográfico ou histórico, são adotadas como tais. No caso da Austrália, a bandeira é azul escuro, branca e vermelha e as

cores nacionais são o dourado e o verde (<http://www.aussie-info.com/identity/nationalid.php>). Nas outras três páginas analisadas, bem como em várias dentre as 44 páginas originalmente localizadas, as cores representativas de cada país são amplamente utilizadas.

Além da ausência das cores características da Austrália, nota-se na página do ASIS a ausência de qualquer outra imagem afora o brasão australiano, ao qual não se confere nenhum destaque especial, uma vez que aparece em tamanho reduzido e na cor branca, sem nitidez, impedindo a visualização de detalhes. A palavra, portanto, é, na página australiana, o elemento central na comunicação, o signo por excelência. À imagem não é atribuído um papel relevante na composição da mensagem. Nesse sentido, a página não aproveita, por assim dizer, os muitos recursos disponibilizados pelas ferramentas de autoria (inserção de imagens estáticas ou não, diversidade de cores, fontes, sons) para a web.

7

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve por objetivo investigar o discurso institucional apresentado por serviços nacionais de inteligência em sua página inicial na internet. Partindo do pressuposto que o sítio institucional é um espaço de comunicação oficial de uma entidade, esses sítios e, por via de consequência, suas respectivas páginas iniciais, são documentos públicos que 'falam' em nome de uma instituição/organização (Coupland, 2003). Seguindo então por esse viés, examinou-se cada página verbal e visualmente. Nos parágrafos que se seguem, faremos, em primeiro lugar, algumas considerações acerca do discurso de cada página individualmente e, logo depois, pontuaremos algumas questões comuns a todas elas.

7.1

A PÁGINA TURCA

Se fosse possível descrever em uma única palavra o discurso da Organização Nacional de Inteligência, o serviço turco, uma forte candidata seria o adjetivo *personalista*.

Ao contrário do que acontece nas duas outras páginas estudadas, nas quais está claramente sinalizado, tanto verbal quanto visualmente, que a instituição de inteligência está a serviço de seu país, na página turca, a mensagem parece ser dúbia: o serviço turco está a serviço da Turquia (lema), mas está, sobretudo, a serviço da figura de Atatürk. Atatürk assina o lema, está no centro do emblema da instituição e o retrato de seu rosto ocupa um espaço significativo na página. Todas essas referências ao estadista acabam por saturar a página, até mesmo o voto de servir à nação turca, expresso em seu lema.

Reiterando o que se disse na análise, a página parece fundir e confundir o Estado turco e Atatürk. Ao cultuar a personalidade de Atatürk, a página cultua, na

verdade, um Estado personalista e, além disso, supervaloriza o passado associado ao estadista. Esse passado soa glorioso, principalmente, quando se lê o lema ufanista da instituição. Uma nota nostálgica e saudosista perpassa toda a composição e, como vimos, o presente e o futuro são realmente questões de difícil trato no discurso da página. Essa atitude não é, entretanto, exclusividade da página inicial do serviço turco. Pesquisas subsidiárias também revelaram que outros sítios governamentais turcos, semelhantemente, mantêm essa espécie de idolatria a Atatürk.

No entanto, é preciso lembrar que essa reverência a Atatürk pode ser uma estratégia do atual governo, ou dos governos turcos ao longo da história, à revelia da vontade popular. Há que se admitir que, neste ponto, o meu desconhecimento do contexto social turco impede uma análise mais acurada e profunda. Contudo, a realidade sociopolítica na Turquia parece ser bem mais complexa do que deixa entrever o discurso da página turca. Para ilustrar esse ponto, citam-se alguns excertos de uma recente entrevista do escritor turco Orhan Pamuk a um jornal europeu, reproduzida por um jornal paulista.

Orhan Pamuk é um romancista perseguido por denunciar violações dos direitos humanos cometidos na Turquia. Em fevereiro de 2005, em entrevista ao jornal suíço "Tages Anzeiger", afirmou que um milhão de armênios e 30 mil curdos teriam sido assassinados na Turquia e esta acusação acabou por lhe render ameaças, um exílio forçado e um processo jurídico com base em uma lei de junho de 2005 que, dentre outras providências, prevê pena de prisão de até três anos "*para quem insultar as instituições ou a identidade turcas*" (grifo meu) (Zanganeh, 2006). Após grande pressão da comunidade internacional, Pamuk se livrou do processo formal, mas afirma não ter se livrado da perseguição moral. Reproduz-se abaixo a pergunta feita ao escritor e sua resposta, a qual revela uma Turquia complexa e fragmentada politicamente, distante da aparente unidade nacional em prol de Atatürk exibida na página do serviço de inteligência turco:

PERGUNTA - De onde vem esse interesse, manifestado em "Neve", pela Turquia desassistida, por essa cidade de Kars assombrada por uma profunda ambivalência entre o islamismo, justamente, e o *kemalismo* [ideologia baseada nos princípios de Kemal Atatürk (1881-1938)]?

PAMUK - De repente, senti um desejo grande de narrar a Turquia contemporânea, o islã político, o fundamentalismo, o secularismo, o tropismo nacional pelos golpes de Estado militares, o nacionalismo de nossos grupos étnicos, as forças políticas e suas facções insondáveis. E desejei que a história fosse ambientada numa cidadezinha de pobreza muito grande e que essa cidadezinha se transformasse num microcosmo da Turquia, tal como a vejo hoje. Quis tecer uma intriga que revelasse *os mistérios e as aparências falsas de meu país, os modos de pensar sibilinos, o extraordinário labirinto político*. (grifos meus).

O depoimento de Pamuk traz à baila uma outra perspectiva acerca do governo e população turcas que se choca frontalmente com o discurso institucional verbal e visual da página turca. Vê-se, dessa forma, que a imagem da instituição turca, assim como a imagem de qualquer outra entidade, é fabricada: a instituição faz escolhas e recortes da realidade, sejam eles fidedignos ou não, que acredita projetar para o público em geral uma imagem favorável de si própria.

Neste ponto, é interessante relembrar que, apesar de conscientemente fabricado em certa medida, há uma parte inconsciente (Gunnarsson, 2000, p. 9) que se 'infiltra' no discurso e permite que se entreveja a tensão entre a identidade 'real' e a identidade 'projetada' do serviço turco. A análise visual desvenda esse conflito ao associar um significado ambíguo ao emblema da instituição. Na composição, o emblema é o único elemento, afora o nome do serviço, que remete diretamente à instituição. Ora, o emblema, como mostrou ser uma possibilidade a análise visual, ocupa, a um só tempo, dois espaços distintos na página: um representando o passado do país e o outro representando seu presente e o futuro. Esse arranjo visual deixa transparecer que o passado e Atatürk não são unanimidades para a instituição como o esforço consciente quer fazer crer.

Portanto, o discurso visual da instituição turca, por um lado, reitera o seu discurso verbal e, por outro lado, o desafia sutilmente. A citação de Atatürk, juntamente com sua assinatura manuscrita, texto verbal, afirma a suma-importância do estadista, importância essa que é abertamente reforçada pelo retrato de seu rosto à esquerda da página e o retrato de seu perfil no centro do emblema. Assim, nesse

mister, os elementos visuais apontam na mesma direção em que o elemento verbal. No entanto, a 'cisão' do emblema indica que a instituição questiona, em certa medida, o aparente consenso que cerca os preceitos e o passado representados por Atatürk, que ela própria quer projetar. Pode-se dizer, dessa forma, que o discurso ufanista e personalista que o serviço turco cuidadosamente constrói deixa passar despercebida uma pequena brecha em sua estrutura.

É importante perceber que os pontos discutidos acima passam longe da questão que julgamos central no discurso das instituições de inteligência sob estudo. Não fosse pelo nome da instituição no topo da página, não haveria como saber que se trata da home page de um serviço de inteligência. Não há, na página inicial, nenhuma referência explícita à inteligência em si, nada que, ao menos, indique que o assunto será tratado nas demais páginas do web site. O discurso do serviço turco passa ao largo de suas próprias atribuições, objetivos, estratégias.

7.2

A PÁGINA ITALIANA

O discurso articulado pela página italiana é o único, dentre os três discursos analisados, a se posicionar em relação à atividade de inteligência. Apesar de apropriar-se da voz de um terceiro, fazendo uso da citação de Maquiavel e buscando nela respaldo, inclusive, através do texto verbal, a instituição confronta a natureza delicada de seu próprio ofício. A citação aborda o caráter conflituoso e competitivo da atividade bem como sua importância estratégica por antecipar os movimentos e planos do adversário.

Também é o único discurso a articular visualmente a sujeição da instituição ao governo e à sociedade. Na página turca, essa idéia está presente no lema “Estamos a serviço da grande nação turca”. Porém, a página italiana representa o conceito de *serviço* acrescido de uma especificidade importante, as fotos, que são recortes

simbolizando valores defendidos por uma sociedade democrática pós-moderna. Assim, as instituições italianas 'dizem', não com palavras, mas com imagens, estar a serviço de um governo e sociedade democráticos.

Muito embora a justaposição de *inteligência* e *governo democrático* possa parecer natural, a história tem demonstrado que a convivência pacífica de ambos é uma empreitada difícil. Por isso, a presença simultânea dos dois elementos na página italiana se apresenta como uma tentativa sutil de conciliá-los. Vale notar, por outro lado, que o arranjo visual da página reconhece um determinado grau de incompatibilidade entre atividade de inteligência e regime democrático, ao posicioná-los no campo do real e no campo do abstrato, respectivamente: o regime democrático fica na parte superior da página ao passo que a natureza dura da atividade de inteligência ocupa a parte inferior da composição.

Há um outro elemento na composição italiana que merece atenção, o esboço do edifício em segundo plano na parte superior esquerda da página. Repetindo o que foi dito na análise visual, esse edifício parece ser uma tentativa de aproximação por parte das instituições italianas para com o público. Por outro lado, no entanto, esse esforço para se expor é feita de maneira velada, indireta. Nota-se que essa imagem aponta para a existência de um conflito: até que ponto deve-se ou pode-se expor uma instituição de inteligência?

O discurso da página italiana, mesmo sendo um discurso que confronta, por meio da palavra, a natureza da atividade de inteligência de maneira direta, por meio das imagens, permite que se entrevejam dois conflitos enfrentados por instituições de inteligência em nossos dias: conciliar democracia e inteligência e consolidar uma imagem de transparência perante a sociedade.

7.3

A PÁGINA AUSTRALIANA

Seguindo o mesmo raciocínio inicial utilizado no caso da página turca, buscou-se então uma palavra que descrevesse, em linhas bem gerais, a característica principal do discurso australiano e a palavra que parece cumprir esta incumbência é a palavra *burocrático*.

O texto verbal australiano é burocrático em toda a sua extensão, a começar pelo arranjo formal do texto em cabeçalho, corpo composto por três parágrafos nitidamente distintos entre si e *links* que se assemelham a notas de rodapé. No entanto, a leitura do texto é o instrumento que verdadeiramente põe em evidência o tom e o conteúdo burocráticos do discurso verbal. Há, em primeiro lugar, uma única estrutura comum aos três parágrafos, como discutida na análise, **X é Y**, estrutura cuja extensão aumenta de um parágrafo para o outro. Em segundo lugar, o elemento **Y** no segundo e terceiro parágrafos toma a forma de complexos oracionais intrincados de difícil compreensão. E, um último aspecto a tornar o texto burocrático é o léxico nele utilizado. As palavras selecionadas são exemplos de linguagem legalista, rebuscada e opaca. Sendo assim, a imagem que se tem lendo o texto institucional do serviço australiano é de que se trata de uma instituição que quer ser vista como uma entidade que se pauta rigorosamente por regras, mesmo que não as dê a conhecer ao leitor.

A fim de compreender a opção do serviço australiano por projetar-se de maneira tão pouco atrativa na internet, pesquisou-se na rede alguns fatos controversos na história recente do ASIS. O material encontrado será brevemente delineado aqui.

Em 1983, houve um incidente desastroso envolvendo agentes em treinamento que simulavam uma operação de vigilância e resgate de reféns em um hotel em Melbourne. Os agentes foram acusados de uso de força bruta e porte de armas semi-automáticas. O caso foi investigado pelas autoridades e o ASIS foi supostamente proibido de levar a cabo outras operações secretas.

Entre 1989 e 1991, um outro episódio que maculou a imagem do serviço foi a denúncia de seu envolvimento no treinamento de tropas da Papua Nova Guiné para conter movimentos pró-independência em áreas do país.

O serviço externo australiano voltou à mídia em 1993. Desta vez, ex-funcionários alegaram que a instituição agia à revelia do governo e estava fora de controle, infringindo leis e elaborando dossiês sobre cidadãos australianos sem razões fundamentadas para tanto. Particularmente, esses ex-funcionários disseram suspeitar que um funcionário do alto escalão do serviço agia como agente duplo, ou seja, trabalhava para um serviço estrangeiro.

Esses incidentes, juntamente com tantos outros, colaboraram para que houvesse uma reformulação geral da legislação que controlaria o trabalho e a conduta do serviço australiano. Em 2001 e também em 2004, novas leis, aparentemente mais severas e limitadoras, entraram em vigor. (http://en.wikipedia.org/wiki/Australian_Secret_Intelligence_Service)

Os acontecimentos descritos acima não só confirmam a noção de que os serviços de inteligência, mesmo em países de larga experiência democrática, são razão de controvérsia e polêmica, mas também ajudam a esclarecer o porquê do tom legalista no discurso verbal da instituição australiana. Tal como acontece em muitos países, o serviço australiano talvez ainda tenha que lutar contra uma imagem negativa junto ao público e, numa atitude de autodefesa, empunha armas como a vaguidão e verborragia lingüísticas.

Visualmente, como já asseverado na análise, o discurso australiano é também burocrático no sentido de que é pouco criativo. A presença saturante da cor preta 'abafa' sobremaneira o texto escrito em fonte branca e azul clara, de tamanho pequeno. A cor preta se impõe ao observador e lhe dificulta o discernimento do arranjo visual da página. Dessa forma, pode-se dizer que, na página australiana, os discursos visual e textual estão alinhados e trabalham para construir um mesmo efeito. Nas duas esferas, o discurso institucional se mostra opaco, de difícil compreensão, e parece não fazer muito esforço para se mostrar eloqüente e chamar a atenção do leitor; ao contrário, opta mesmo pelo discurso emperrado da burocracia.

Vale lembrar, todavia, que esse estilo discursivo pode também ser um instrumento para comunicar subliminarmente que a organização atua de maneira extremamente formal e precisa, respeitando maquinal e perfeitamente cada procedimento estabelecido pela legislação.

Tecidas as considerações sobre o discurso de cada instituição individualmente, passamos a uma discussão que pretende abranger aspectos comuns aos três discursos.

Um primeiro ponto de relevo comum às três páginas é que, tal como acontece com quaisquer sítios corporativos ou institucionais, todas elas se organizam ao redor de dois intuitos: um promocional, outro informacional (Bhatia, 1994). No entanto, nas três páginas estudadas, o intuito promocional das páginas é mais patente que o intuito informacional. No entanto, ao declararem que estão a serviço de seus países, essas instituições governamentais (tanto quanto quaisquer outras), deveriam privilegiar o conteúdo informacional de suas páginas iniciais. A internet, nesse sentido, mostra-se um espaço muito apropriado para a consecução desse objetivo, pois a construção e manutenção de web sites é uma empreitada de custo relativamente baixo custo se comparada ao custo de anunciar em outros veículos midiáticos.

Neste ponto, é preciso reconhecer as limitações desta pesquisa, que escolheu focalizar uma única página (home page) dos sítios das instituições em questão. Muita informação não disponível na página inicial pode estar à disposição do usuário da internet. Mesmo assim, há que se lembrar que a página inicial é a página principal do sítio e é, em muitos casos, a porta de entrada para as demais páginas. Assim, a página inicial é intrinsecamente relevante dentro de um sítio. No entanto, é inegável que pesquisas adicionais investigando os web sítios como um todo seriam fundamentais para um entendimento mais amplo e aprofundado do discurso dessas instituições. Dentro dessa discussão sobre a página inicial das instituições de inteligência, é interessante resgatar, também, um aspecto assinalado na Metodologia, dando conta que muitas instituições possuem uma página inicial no idioma oficial do país que representam e uma outra página inicial em idioma estrangeiro, em vários casos, totalmente distinta da primeira. Um estudo contrastivo abordando as diferenças entre essas páginas iniciais poderia levantar questões importantes no que tange à visão e atitude que essas instituições adotam perante seu público “interno” ou “externo”. De igual forma, pesquisas nessa linha explicitariam outras questões e, certamente,

aprofundariam as questões relativas à atividade de inteligência e ao discurso das instituições oficiais que dela se ocupam.

Retomando a discussão acerca das três páginas neste trabalho, outro ponto que chama atenção nas três páginas estudadas é a maneira como abraçaram o 'estilo' de comunicação do setor privado. Referimo-nos, aqui, especificamente, à adoção de um lema ou declaração de missão por parte dos serviços de inteligência, à guisa do que fazem organizações e empresas privadas. É verdade que essa possa ser uma tendência no setor público do mundo globalizado. Mas, ainda assim, pode-se questionar por que razão instituições públicas de inteligência, cujas atividades e objetivos, ao menos em tese, deveriam visar ao bem-estar da sociedade como um todo, buscam se espelhar em entidades privadas, cujo propósito maior é o lucro financeiro. Com sua linguagem abstrata e vaga, que se presta à autopromoção, à criação de uma 'marca' inconfundível, as declarações de missão fazem muito pouco em termos de fornecer ao público informações claras e confiáveis acerca das organizações que representam.

Em face de toda a discussão promovida acima, pode-se concluir que, embora a publicação de páginas web de serviços nacionais de inteligência possa parecer, à primeira vista, uma mudança radical de postura no relacionamento com o público geral, muito pouco é dito a respeito dos princípios, objetivos específicos ou métodos de atuação, os quais colaborariam para uma gradual remoção da aura de mistério que têm tradicionalmente cercado essas instituições. Em outras palavras, a análise das páginas evidencia que os serviços de inteligência ainda se mostram bastante arredios a um verdadeiro escrutínio por parte do público. Em seu discurso, respondendo à pergunta que serve de título a este trabalho, os serviços secretos demonstram que suas novas relações nesta nova ordem mundial ainda se pautam pelo velho ditado: *o segredo é alma do negócio*.

8

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Priscila. **SNI & ABIN. Uma leitura da atuação dos serviços secretos brasileiros ao longo do século XX.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

ARAÚJO, J. P. Caracterização do cibergênerohome page corporativa ou institucional. *Linguagem em Discurso* 3 (2), 2003. Capturado em janeiro/2006. Online. Disponível na internet: <http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/0302/08.htm>

BHATIA, V. K. **Analysing genre.** London & New York: Longman. 1994.

BLACK, Ian; MORRIS, Benny. **Israel's secret wars: the untold history of Israeli intelligence.** New York: Grove Weidenfeld, 1991.

CHIMOMBO, M.; ROSEBERRY, R. **The power of discourse: An introduction to discourse analysis.** Mahwah, NJ: Erlbaum Associates. (1998)

COUPLAND, C., 2003. *Corporate identities on the web: An exercise in the construction and deployment of 'morality'.* Capturado em abril/2006. Online. Disponível na internet: <http://www.nottingham.ac.uk/business/ICCSR/pdf/ResearchPdfs/02-2003.PDF>

DIKKEN, M. den. *Comparative Correlatives Comparatively. The Graduate Center of The City University of New York,* 2005. Artigo capturado em 20 de abril/2006. Online. Disponível na internet: http://web.gc.cuny.edu/dept/lingu/dendikken/compcorrel_li2.pdf

GUNNARSSON, B. Discourse, organizations and national cultures. *Discourse Studies* 2 (1): 5-33, 2000.

HALLIDAY, M. A. K. **An introduction to functional grammar.** London: Arnold. 2ª ed. 1994.

HAURIOU, A. **Droit Constitutionnel et Institutions Politiques.** 4eme edition. Paris: Editions Montchrestien, 1970.

HOLZCHLAG, M. **250 HTML and Web Design Secrets.** New York: Wiley Publishing, 2004.

HOUAISS, A. Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. 1ª ed. Rio de Janeiro: Objetiva. 2001.

KRESS, G.; van LEEUWEN, T. **Reading Images: the grammar of visual design.** New York: Routledge, 1996.

_____. **Multimodal discourse: The modes and media of contemporary communication**, London: Edward Arnold, 2001.

Folha de São Paulo, 02/07/2006, caderno Mais) *Pamuk depois do processo*

LOPES, M. Cecília. Homepages Institucionais em Português e suas Versões em Inglês: um Estudo Baseado em Corpus sobre Aspectos Lexicais e Discursivos. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2000.

MALUF, *Sahid*. **Teoria geral do Estado**. 22. ed. São Paulo: Saraiva, 1993

MARCUSCHI, L. A. & XAVIER, A. C. S. (orgs). **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

McCARTHY, M. **Discourse analysis for language teachers**. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

SHEPHERD, M. e WATTERS, C. The Functionality attribute of cybergenres. In **Proceedings of the 32nd Hawaii International Conference on System Sciences**. Artigo capturado em janeiro/2006. Online. Disponível na internet: <http://www.computer.org/proceedings/hicss/0001/00012/00012007.PDF>, 1999.

SHULSKY, A. **Silent Warfare: Understanding the World of Intelligence**. New York: Brassey's, 1991.

SWALES, J.; ROGERS, P. Discourse and the projection of corporate culture: the Mission Statement. *Discourse & Society*, **6 (2)**: 223-242, 1995.

THOMAS, Gordon. **Gideon's spies: the secret history of the Mossad**. New York, N.Y., U.S.A.: St. Martin's Press, 1999.

TROY, T. The Correct Definition of Intelligence. *International Journal of Intelligence and Counterintelligence*, **5(4)**:433-54, 1991.

WATTS, L. **Intelligence Reform in Europe's Emerging Democracies**, 2004. Artigo capturado em janeiro/2006. Online. Disponível na internet: <https://www.cia.gov/csi/studies/vol48no1/article02.html>

ZANGANEH, L. **Pamuk depois do processo**. Folha de São Paulo. Caderno Mais. 02 de jul. 2006. Entrevista

Anexo

Endereços Eletrônicos dos Serviços de Inteligência, Organizados Alfabeticamente por País (Disponíveis em Agosto/2006)

- África do Sul – National Intelligence Agency – NIS
<http://www.nia.org.za>

- Alemanha – Federal Intelligence Service -
Bundesnachrichtendienst BND – <http://www.bnd.de>

- Argentina – Escuela Nacional de Inteligencia – ENI
<http://www.eni.gov.ar/>

- Austrália – Australian Secret Intelligence Service – ASIS
<http://www.asis.gov.au>

- Austrália – Australian Security Intelligence Organization – ASIO
<http://www.asio.gov.au>

- Bélgica – The Intelligence and Security Staff Department (ACOS
IS) <http://www.mil.be/is/index.asp?LAN=en>

- Brasil – Agência Brasileira de Inteligência – ABIN
<http://www.abin.gov.br>

- Bulgária – National Intelligence Service – NIS
http://www.nrs.bg/eng/index_eng.htm

- Canadá – Canadian Secret Intelligence Service – CSIS
<http://www.csis-scrc.gc.ca/>

- Colômbia – Departamento Nacional de Seguridad – DAS
<http://www.das.gov.co/>

- Coréia do Sul – National Intelligence Agency – NIA –
<http://www.go.kr>
- Dinamarca – Danish Security Intelligence Service – PET
<http://www.pet.dk/> – Danish Defence Intelligence Service – DDIS
<http://forsvaret.dk/FE/eng/>
- Eslovênia - Slovenska Obveščevalno-Varnostna Agencija (SOVA)
(Slovenian Intelligence and Security Agency)
<http://www.gov.si/sova/>
- Espanha – Centro Nacional de Inteligência – CNI –
<http://www.cni.es>
- Estados Unidos – Central Intelligence Agency – CIA
<http://www.cia.gov>
- Estônia – Security Police Board
http://www.kapo.ee/eng_index.html
- Filipinas - National Intelligence Coordinating Agency (**NICA**)
<http://www.nica.gov.ph/>¹
- Finlândia – Finnish Security Police – SUPO -
<http://www.poliisi.fi/poliisi/supo/home.nsf/pages/indexeng>
- Grécia – Hellenic National Intelligence Service – NIS
<http://www.nis.gr/index.html>
- Holanda - Algemene Inlichtingen- en Veiligheidsdienst (AIVD)
(General Intelligence and Security Service) - <http://www.aivd.nl/>
- Hungria – Nemzetbiztonsági Hivatal – NBH – National Security
Office – <http://www.nbh.hu>

1 A página do serviço filipino não continuava disponível na internet quando do término deste trabalho

- Índia – Central Bureau of Investigation – <http://cbi.nic.in>
- Indonésia – State Intelligence Agency (Badan Intelijen Negara, or BIN) – <http://www.bin.go.id/eng/default.htm>
- Inglaterra – Secret Intelligence Service – SIS/MI6
<http://www.mi6.gov.uk/output/Page79.html>
- Israel – Mossad – Institute for Intelligence and Special Tasks – le-Modiin ule-Tafkidim Meyuhadim – <http://www.mossad.gov.il/Mohr>
- Itália – Italian Intelligence and Security Services –
<http://www.serviziinformazionesticurezza.gov.it/pdcweb.nsf/pagine/ehomepage>
- Japão – Japan Defense Agency – Boeicho
http://www.jda.go.jp/e/index_.htm
- Jordânia – General Intelligence Department – Dairat al Mukhabarat
<http://www.gid.gov.jo>
- México – Centro de Investigación y Seguridad Nacional
<http://www.cisen.gob.me>
- Noruega –Norwegian Intelligence Service – NIS
<http://www.mil.no/etjenesten/english/start/>
- Nova Zelândia – New Zealand Security Intelligence Service – NZSIS – <http://www.nzsis.govt.nz/index.html>
- Peru – Consejo Nacional de Inteligencia –
<http://www.cni-peru.gob.pe/>
- Polônia – Agencja Wywiadu – Foreign Intelligence Agency -
<http://www.aw.gov.pl/eng/index.html>

- Portugal - Sistema de Informações da República Portuguesa (SIRP) <http://www.sis.pt/home.htm>
- República Tcheca – Czech Security Information Service – BIS <http://www.bis.cz/english/index.html>
- Romênia – Foreign Intelligence Service – Serviciul de informatii externe (SIE) – SIE – <http://www.sie.ro/defaulte.htm>
- Rússia – Foreign Intelligence Service (SVR) – Sluzhba Vneshney Razvedki – <http://svr.gov.ru/>
- Sérvia – Security Intelligence Agency -Bezbednosno-Informativna Agencija – BIA – <http://www.bia.sr.gov.yu/>
- Suécia – Säkerhetspolisen (SAPO) – Swedish Security Police – <http://www.securityservice.se>
- Suíça – Strategischer Nachrichtendienst (SND) (Strategic Intelligence Service) <http://www.vbs.admin.ch/internet/vbs/de/home/departement/organisation/snd.html>
- Taiwan – National Security Bureau <http://www.nsb.gov.tw/eindex.htm>
- Turquia – Milli Istihbarat Teskilati (MIT) – (National Intelligence Organization) – <http://www.mit.gov.tr/>
- Ucrânia – Security Service of Ukraine – Sluzhba Bespeky Ukrayiny – SBU – <http://www.sbu.gov.ua/eng/>
- Uganda – External Security Organization – ESO <http://www.eso.go.ug>

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)